

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA  
INTELLECTUAL**

**DISSERTAÇÃO**

**CAMALEÕES PELO PODER: Uma análise da trajetória de Silas  
Malafaia e sua influência na crescente adesão de evangélicos aos  
ativismos políticos. (1989-2022)**

**Daniel Gomes dos Santos Oliveira**

**2024**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (ICHS)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA INTELECTUAL**

**CAMALEÕES PELO PODER: Uma análise da trajetória de Silas Malafaia e sua influência na crescente adesão de evangélicos aos ativismos políticos. (1989-2022)**

**DANIEL GOMES DOS SANTOS OLIVEIRA**

*Sob Orientação do Professor Doutor*

**Clínio de Oliveira Amaral**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual

*O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

Seropédica  
Julho de 2024



**FEDERAL RURAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO – UFRRJ  
INSTITUTE OF HUMAN AND SOCIAL SCIENCES (IHSS)  
POSTGRADUATE PROGRAM IN HISTORY  
POWER RELATIONS, LANGUAGES, AND INTELLECTUAL HISTORY**

**CHAMELEONS FOR POWER: An Analysis of Silas Malafaia's Trajectory and His  
Influence on the Growing Evangelical Engagement in Political Activism (1989-2022)**

**DANIEL GOMES DOS SANTOS OLIVEIRA**

Advisor:

Prof. Dr. Clínio De Oliveira Amaral

Dissertation submitted as a partial requirement for  
the degree of Master in History, in the  
Postgraduate Program in History, Concentration  
Area: Power Relations and Culture, Research  
Line: Power Relations, Languages, and  
Intellectual History

*This work was carried out with the support of the  
Coordination for the Improvement of Higher  
Education Personnel – Brazil (CAPES) – Finance  
Code 001*

Seropédica  
July 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48c Oliveira, Daniel Gomes dos Santos, 1996-  
CAMALEÕES PELO PODER: Uma análise da trajetória de  
Silas Malafaia e sua influência na crescente adesão  
de evangélicos aos ativismos políticos. (1989-2022) /  
Daniel Gomes dos Santos Oliveira. - Rio de Janeiro,  
2024.  
101 f.

Orientador: Clínio de Oliveira Amaral.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA  
INTELECTUAL, 2024.

1. Ativismo digital. 2. Religião e Política. 3.  
Silas Malafaia. I. Amaral, Clínio de Oliveira, 1978-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
RELAÇÕES DE PODER, LINGUAGENS E HISTÓRIA INTELCTUAL III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**TERMO Nº 847 / 2024 - PPHR (12.28.01.00.00.49)**

**Nº do Protocolo: 23083.054854/2024-14**

**Seropédica-RJ, 08 de outubro de 2024.**

Nome do(a) discente: DANIEL GOMES DOS SANTOS OLIVEIRA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM :

Banca Examinadora:

Dr. FABIO PY MURTA DE ALMEIDA, UENF Examinador Externo à Instituição

Dr. JOAO GUILHERME LISBOA RANGEL Examinador Externo à Instituição

Dr. LYNDON DE ARAUJO SANTOS, UFMA Examinador Externo à Instituição

Dr. CLINIO DE OLIVEIRA AMARAL, UFRRJ Presidente

**(Assinado digitalmente em 08/10/2024 18:09 )**

CLINIO DE OLIVEIRA AMARAL  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
CoordCGHist (12.28.01.00.00.00.74)  
Matrícula: 1715783

**(Assinado digitalmente em 05/11/2024 14:56 )**

FÁBIO PY MURTA DE ALMEIDA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 090.794.967-31

**(Assinado digitalmente em 23/10/2024 18:51 )**

JOÃO GUILHERME LISBÔA RANGEL  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 142.870.867-75

**(Assinado digitalmente em 08/10/2024 11:50 )**

LYNDON SANTOS  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 754.366.717-72

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **847**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **08/10/2024** e o código de verificação: **de5047671e**

## AGRADECIMENTOS

Desde o início, este projeto se mostrou desafiador. Acredito que, através deste trabalho, fui testado e me testei ao limite das minhas capacidades. Digo isso pelas circunstâncias e pela realidade em que estive inserido. Alguém menos sensível poderia pensar: “É apenas a produção de um texto oriundo de uma pesquisa”, desconsiderando a carga emocional e afetiva investida nessa tarefa. Escrever e criticar duramente a ética proposta pelo *mainstream* do evangelicalismo nacional e por uma figura tão respeitada por ele é ter a certeza de que minha família, de tradição assembleiana, nunca lerá ou admirará meu trabalho.

Além disso, abordar esse tema em meio à realidade polarizada e polarizante das eleições presidenciais de 2022 foi, antes de mais nada, um ato de coragem. Uma valentia que só foi possível com a ajuda dos que me cercam.

Gostaria de agradecer primeiramente a Jesus, o Deus que habita em mim. Aquele que se despojou de sua glória para não se colocar acima de todos, mas sim ao nosso lado, sofredor e compassivo de nossa realidade. Ao Deus do caminho, minha profunda gratidão e amor.

Agradeço à minha mãe, que, à sua maneira, mesmo sem entender bem o que faço ou o motivo pelo qual o faço, me abençoou com seu afeto. Sim, Dona Aldicéia, o filho de uma ex-empregada doméstica está se tornando Mestre. Obrigado por nunca desistir de nós.

Deus me deu o privilégio de ter duas mães. À minha tia Débora, minha profunda gratidão por ter forjado em mim o caráter que tenho hoje. Junto dela, agradeço à minha irmã e à minha sobrinha, que tornaram meus dias um pouco mais leves. E ao meu pai pelo esforço empregado na minha educação básica.

Também sou grato aos amigos de caminhada, Luiz Cláudio e Vinicius da Motta. Este trajeto só foi possível graças à troca e ao companheirismo desses dois camaradas. Cultivo um profundo amor pela amizade de vocês.

À minha amiga Nathara Mariano, que pavimentou o meu caminho até aqui: sem seu ombro amigo para desabafar e nossas reuniões caóticas, este sonho não seria possível. Como sempre digo, você foi um anjo nesta jornada. Agradeço também ao meu camarada Cleiton, que muito auxiliou em nossas divagações e debates sobre nossos temas.

E, sem dúvidas, meus mais sinceros agradecimentos ao meu professor orientador Clínio. O carinho e a admiração que já nutria por você na graduação transbordaram ainda mais a partir do momento em que me tornei mais próximo. Nunca poderei retribuir o carinho e a atenção que me dispensou nessa trajetória. Ao senhor, minha eterna gratidão!

Agradeço também ao corpo docente do PPHR da UFRRJ, assim como a todos os

funcionários que participaram de forma indireta.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Por fim, agradeço a todos e todas que fizeram parte dessa jornada até aqui, contribuindo de forma direta ou indireta. Espero que minha trajetória sirva de motivação para alguém que venha de onde eu vim e almeje um dia chegar aonde estou indo. Sim, é possível.

## RESUMO

OLIVEIRA, Daniel Gomes dos Santos. **CAMALEÕES PELO PODER: Uma análise da trajetória de Silas Malafaia e sua influência na crescente adesão de evangélicos aos ativismos políticos. (1989-2022).** 2024. 101p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Esta pesquisa explora a trajetória do pastor evangélico Silas Malafaia, destacando sua significativa influência na adesão de evangélicos a ideologias reacionárias e anti-esquerdistas. A análise considera o pastor como uma figura centralizadora nesse processo devido ao seu expressivo poder de influência na esfera pública e à eficácia de sua comunicação. O estudo aborda a inserção de Malafaia na política nacional, examinando episódios emblemáticos nos quais ele defendeu vigorosamente seus ideais e orientou seus seguidores. Além disso, a pesquisa reflete sobre os elementos presentes na sociedade midiaticizada que contribuem para amplificar o impacto de sua comunicação, bem como sobre as particularidades de sua estratégia comunicativa. Ao final, a dissertação busca compreender como esses fatores convergem para consolidar Malafaia como um líder relevante no cenário evangélico e político brasileiro.

**Palavras-chave:** Ativismo digital. Malafaia. Religião e política.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Daniel Gomes dos Santos. **CHAMELEONS FOR POWER: An Analysis of Silas Malafaia's Trajectory and His Influence on the Growing Evangelical Engagement in Political Activism (1989-2022)**. 2024. 101p. Dissertation (Master's in History). Institute of Human and Social Sciences, Department of History and International Relations, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

This research explores the trajectory of Evangelical pastor Silas Malafaia, highlighting his significant influence on the adherence of Evangelicals to reactionary and anti-leftist ideologies. The analysis considers the pastor as a centralizing figure in this process due to his substantial influence in the public sphere and the effectiveness of his communication. The study addresses Malafaia's involvement in national politics, examining emblematic episodes in which he vigorously defended his ideals and guided his followers. Furthermore, the research reflects on the elements present in the mediatized society that contribute to amplifying the impact of his communication, as well as the particularities of his communicative strategy. Finally, the dissertation seeks to understand how these factors converge to solidify Malafaia as a relevant leader in the Brazilian Evangelical and political scenario.

**Keywords:** Digital activism. Malafaia. Religion and politics.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Frame de vídeo divulgado no <i>YouTube</i> .....	29
<b>Figura 2</b> – Postagem no Instagram de Elizete Malafaia.....	32
<b>Figura 3</b> – Frame de vídeo postado no <i>Facebook</i> .....	34
<b>Figura 4</b> – Divulgação ESLAVEC 2022.....	38
<b>Figura 5</b> – Canal Oficial no <i>YouTube</i> . ....	40
<b>Figura 6</b> – Conta Oficial do <i>Instagram</i> . ....	40
<b>Figura 7</b> – Frame de vídeo no <i>YouTube</i> . ....	44
<b>Figura 8</b> – Imagem do perfil no Telegram.....	46
<b>Figura 9</b> – Frame de vídeo do <i>Telegram</i> . ....	48
<b>Figura 10</b> – Artigo publicado na <i>Revista Fiel</i> em julho de 2010.....	52
<b>Figura 11</b> – Frame do momento em que Malafaia rasga bandeira vermelha com a foice e o martelo.....	54
<b>Figura 12</b> – Miniatura do vídeo publicado no <i>YouTube</i> . ....	63
<b>Figura 13</b> – Frame de vídeo no <i>YouTube</i> .....	64
<b>Figura 14</b> – Frame de vídeo do <i>YouTube</i> .....	73
<b>Figura 15</b> – Frame de vídeo do <i>YouTube</i> .....	76
<b>Figura 16</b> – Frame de vídeo do <i>Telegram</i> .....	80
<b>Figura 17</b> – Frame de vídeo do <i>Telegram</i> .....	82
<b>Figura 18</b> – Frame de vídeo do <i>Youtube</i> . ....	86

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
	<b>Um breve contexto do fundamentalismo cristão.....</b>	<b>17</b>
<b>1</b>	<b>DAS RAÍZES PENTECOSTAIS AO ENGAJAMENTO POLÍTICO.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1</b>	<b>A ascensão do jovem pregador pentecostal.....</b>	<b>31</b>
<b>1.2</b>	<b>Malafaia e seu engajamento sociopolítico.....</b>	<b>36</b>
<b>2</b>	<b>COMUNICAÇÃO MALAFALIANA: FATORES DE POTENCIALIZAÇÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>2.1</b>	<b>A Religiosidade Tecnológica e o conceito de <i>Bios midiático</i>.....</b>	<b>42</b>
<b>2.2</b>	<b>Ativismos políticos como proselitismos e vice-versa.....</b>	<b>50</b>
<b>2.3</b>	<b>A configuração do líder de opinião contemporâneo e de seus seguidores digitais .....</b>	<b>56</b>
<b>2.3.1</b>	<b>A formação do LO e do LO contemporâneo.....</b>	<b>56</b>
<b>3</b>	<b>COMUNICAÇÃO MALAFALIANA: ASPECTOS DE SUA ESTRATÉGIA COMUNICATIVA .....</b>	<b>67</b>
<b>3.1</b>	<b>Discursos e posturas camaleônicas.....</b>	<b>68</b>
<b>3.2</b>	<b>A narrativa sobre “Autoridade Espiritual” .....</b>	<b>73</b>
<b>3.3</b>	<b>Arresto semântico: decodificando em nome da fé .....</b>	<b>78</b>
<b>3.4</b>	<b>A pseudociência presente em seus pronunciamentos.....</b>	<b>83</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
	<b>FONTES E REGISTROS DO PASTOR MALAFAIA .....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa analisar historicamente como ideologias reacionárias e anti-esquerda se imbricaram à ética evangélica no Brasil contemporâneo, tendo como uma das principais vias para tal o posicionamento do pastor pentecostal Silas Malafaia. O pastor carioca é um líder evangélico que emergiu como uma figura central na articulação entre política e religião na última década no Brasil. Malafaia começou sua carreira como liderança espiritual, mas sua atuação foi expandida para a esfera pública, alcançando, através principalmente dos meios de comunicação, uma grande influência.

Por intermédio de retórica conservadora e veemente, vem liderando e mobilizando uma crescente base de evangélicos ativos no cenário político. Os valores defendidos por Malafaia vêm refletindo não só na escolha de candidatos, mas na elaboração de uma agenda política que coloca questões de moralidade, educação e direitos civis no centro do debate nacional. A influência do pastor vem se apresentando como uma amostra de como a religião pode impactar no envolvimento político, transfigurando o papel do evangélico brasileiro.

Nessa perspectiva, analisaremos de que maneira a comunicação, como forma de poder simbólico<sup>1</sup>, se estabelece na fala de líderes religiosos que através de sua imensa influência transitam entre as esferas política e religiosa, provocando desequilíbrios democráticos.

Relacionamos essa conexão com o progressivo engajamento de fiéis e seguidores aos ativismos políticos crescentes nas últimas décadas, coordenados a partir dos discursos e estratégias comunicativas de líderes de opinião e líderes religiosos, sendo Silas Malafaia uma das lideranças em destaque nesse processo. Sobre isso, analisaremos de que maneira o discurso de ódio nas redes, as guerras ideológicas e a crescente do anti-esquerdismo acabaram tornando-se pautas favoráveis a fé, ou princípios não conflitantes com a ética ascética de grande parcela do evangelicalismo<sup>2</sup> nacional.

Para tais objetivos, escolhemos olhar para a trajetória do especialista religioso Silas Malafaia<sup>3</sup> juntamente com seu aparato midiático<sup>3</sup> que vem lhe proporcionando alto engajamento

---

<sup>1</sup> Bordieu (2001, p. 07-16) é referência ao tratar o campo do poder simbólico no âmbito religioso e o papel do discurso nesse processo. Silas Malafaia faz uso desse palanque imaterial de luta pelo poder simbólico. O que veremos mais à frente é como essa figura se apropria do seu local de fala, estabelecendo um paradigma para o imaginário do evangélico comum. Malafaia se coloca como “bastião” da moralidade que precisa – a todo custo – ser defendida pelo “povo de Deus”.

<sup>2</sup> Termo amplo que engloba as mais variadas formas de protestantismos.

<sup>3</sup> É importante destacar que, por entender este termo de forma pejorativa, Malafaia não se autodeclare nem se considere neopentecostal, porém nos baseamos em dois pontos para podermos considerá-lo assim. Primeiro, baseamo-nos na definição de Mariano (2014) e suas considerações sobre este grupo, e analisando suas características, pudemos entender o perfeito encaixa de Malafaia às “agendas extra templo” e à aceitação da

nas redes sociais sobre assuntos polêmicos do interesse público. Analisaremos sua trajetória pois ela perpassa justamente o período em que o neopentecostalismo ganha maior expressão no campo político brasileiro. Embora ele (Malafaia) não tenha sido um dos pioneiros nessa participação, seu envolvimento e influência política crescem, tornando-o representante indireto dos – já alterados – princípios morais dos evangélicos no país. Nessa perspectiva, o recorte historiográfico aqui proposto abrange desde as primeiras e mais relevantes participações políticas de Malafaia nas mídias e imprensa, que ocorreram ao final na década de 1980, e estende-se até os mais recentes episódios, que, embora não tenham cessado até o presente momento em que escrevemos essa introdução, optamos por delimitar no ano de 2022 como ponto de fechamento para a pesquisa.

A pesquisa se baseia na combinação do uso de dados disponíveis extraídos de fontes primárias e secundárias e o estudo exploratório nas redes com base em amostras retiradas primordialmente dos pronunciamentos do pastor Silas Malafaia encontrados em redes sociais de acesso público, com destaque para o seu canal criado recentemente (em 2020) no *Telegram* denominado “Silas Malafaia SEM CENSURA”<sup>4</sup> e também para o seu canal no *YouTube*. Para nos aproximarmos desse fenômeno do ativismo religioso e eleitoral ligado à figura do pastor, conduzimos uma pesquisa exploratória nas redes com base em uma amostra não probabilística obtida por meio de procedimentos de amostragem intencional. Utilizamos também algumas fontes de produções de sua editora Central Gospel, como o livro *Autoridade Espiritual* e o periódico *Revista Fiel*.

Nossa pesquisa, por contar com dados extraídos das redes sociais, esbarra, no entanto, em alguns pontos importantes do debate acerca das humanidades digitais. Um desses pontos está ligado à forma como nós, historiadores, temos lidado com essas as possibilidades oferecidas pelas *bich techs* no nosso processo de pesquisa e escrita. Consideramos que, embora existam muitas vozes que já dizem o contrário, é importante reforçar a possibilidade de a historiadora e o historiador utilizarem os dados e a ambiência digital como mais do que uma simples ferramenta de armazenagem, mas agora também como um rico depósito de fontes,

---

propalada “teologia da prosperidade”. Um outro ponto que nos permite considerá-lo integrante do grupo são justamente suas posturas frente à disseminação da “teologia da prosperidade”. Em um primeiro momento, ele se apresenta totalmente contrário a esse viés teológico, porém, em um segundo momento não tão distante, de forma bastante contraditória, se mostra bem adaptado ao mercado gospel e defensor da prosperidade do “povo de Deus”. Voltaremos nesse tema mais adiante.

<sup>4</sup> O canal *Silas Malafaia SEM CENSURA* atualmente conta com cerca de 8.800 inscritos, mas esse número já chegou a quase 10 mil, tendo uma queda circunstancial após o resultado das eleições presidenciais de 2023. Curiosamente, esta plataforma vem perdendo inscritos gradativamente. Espera-se que volte a receber novas inscrições em períodos eleitorais. Ela conta também com 255 vídeos com seus pronunciamentos. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 15 ago. 2023.

sobretudo quando a pesquisa em si constitui um trabalho no qual seu objeto encontra-se agindo na atualidade, como acontece em nosso caso. Em outras palavras, para profissionais que pleiteiem trabalhar com a História do tempo presente, é importante entender que os dados presentes das redes sociais não devem estar apenas disponíveis às outras disciplinas das humanidades, mas que também podem e devem servir como fontes (primárias ou não) em seus trabalhos. Helyon Telles (2017) nos elucida acerca das contribuições dessas novas tecnologias para o bem da representação do passado:

Uma das importantes contribuições das tecnologias digitais consiste exatamente nisto, elas oferecem a possibilidade de conectar dados, representar o passado e evidenciar as particularidades de formas sociais herdadas, contribuindo para que os historiadores reconheçam a existência de outras formas de organização sócio temporais e trazendo a perspectiva de que a compreensão não está na acumulação de dados, mas no plano da construção de relações e conexões. Essa posição pode contribuir para repensar a prática e o valor da História para a sociedade contemporânea, além de recuperar a dimensão ética do conhecimento histórico. (2017, p. 16)

Não obstante, o autor, com auxílio de Gibbs e Owens<sup>5</sup> (2013 *apud* Telles, 2017), nos admoesta sobre alguns cuidados que se deve ter na análise desses dados, sendo o principal a adoção de um novo padrão de transparência metodológica na escrita da história, o que ocorre, por exemplo, ao definirmos e explicitarmos a “hermenêutica” empregada na produção de sentido para esses dados utilizados.

Dessa forma, inicialmente, definimos um princípio na escolha das fontes por nós analisadas: priorizar o protagonismo e a agência em primeira pessoa do pastor Silas Malafaia. Esse princípio norteará o modo como lidamos com os textos em formato analógico ou os dados disponíveis em redes sociais, sendo estes vídeos curtos, twitts ou sermões religiosos em formato audiovisual produzidos por essa figura pública. Vale o reforço à noção de “amostra não probabilística”, ou seja, toda fonte presente aqui faz parte de um exercício de escolha e apuração do autor, de modo que estas mesmas fontes estão longe de demonstrar a completude e complexidade da agência dessa figura sobre a ética protestante brasileira; no entanto, acreditamos que nossas escolhas em evidência possibilitem ao leitor ter um panorama histórico da crescente adesão de evangélicos aos ativismos políticos.

A escolha do *YouTube* e do *Telegram* como principais plataformas para trabalhar a comunicação do pastor-influenciador Silas Malafaia se fundamenta em alguns aspectos cruciais que atendem tanto ao perfil de seu público quanto à natureza de suas mensagens.

---

<sup>5</sup> GIBBS, Fred; OWENS, Trevor. The Hermetics of Data and Historical Writing. In: NAWROTZKI, Krinten; DOUGHERTY, Jack. **Writing History in the Digital Age**. Michigan: University Of Michigan Press, 2013, p. 159-170.

Primeiramente, o *YouTube* oferece uma plataforma rica para a divulgação de conteúdos audiovisuais, o que é particularmente importante para o trabalho do pastor Silas Malafaia. A comunicação religiosa se beneficia grandemente do formato em vídeo, pois permite que sejam mensagens transmitidas de forma direta, com expressividade e presença visual, elementos que facilitam a criação de uma conexão emocional mais intensa com o público. Através do *YouTube*, Malafaia pode explorar sermões, *lives*, debates e vídeos explicativos que não apenas comunicam sua mensagem, mas também permitem que ele aborde temas complexos e, ao mesmo tempo, consiga responder às demandas do público por conteúdo espiritual e orientações de vida cristã. Além disso, o *YouTube* conta com recursos de monetização e visibilidade que ajudam a manter o alcance do conteúdo, potencializando o engajamento e atraindo novas audiências por meio das recomendações da plataforma.

Já o *Telegram* complementa essa comunicação ao fornecer uma via de contato mais pessoal e direta. Diferente de outras redes sociais, esta plataforma possui características que a tornam uma ferramenta eficaz para mensagens mais segmentadas e recorrentes, algo valioso para lideranças religiosas. No *Telegram*, ele pode enviar mensagens curtas e objetivas, notificando seu público sobre novos conteúdos, eventos ao vivo, ou compartilhar reflexões rápidas. Além disso, ele permite uma comunicação em massa sem perder o tom de intimidade, visto que os seguidores recebem notificações diretamente em seus dispositivos, o que aumenta a taxa de leitura e engajamento. O *Telegram* também passa a impressão de um ambiente “não violável”, o que fornece mais confiança ao seguidor para tratar de questões sensíveis, aumentando a confiança na interação.

A combinação das duas plataformas permite que o pastor Silas Malafaia adote uma estratégia multimodal, na qual o *YouTube* atua como vitrine principal para a exposição de conteúdos extensos e de maior impacto visual, enquanto o *Telegram* funciona como um canal de reforço e engajamento, mantendo o público informado e mais próximo do seu dia a dia. Esse uso complementar potencializa a eficácia da comunicação, pois aproveita os pontos fortes de cada plataforma: o *YouTube* com sua ampla audiência e recursos para conteúdo em vídeo, e o *Telegram* com sua acessibilidade e proximidade.

Portanto, essas escolhas estratégicas não apenas maximizam o alcance da comunicação do pastor, mas também atendem às necessidades de seu público por conteúdos aprofundados e acessíveis, criando uma relação contínua e significativa com sua audiência.

No que diz respeito à hermenêutica empregada na análise dessas fontes, estabelecemos que nossa chave de interpretação seria o modo como os registros apontavam para a aproximação

da ética protestante defendida por Malafaia em direção à ética reacionária crescente na sociedade brasileira. Nesse sentido, priorizamos os registros que nos permitissem analisar alguns pontos: a) mudanças bruscas de rotas ou posturas ante a tema sensível; b) evidência de padrão que constituísse um *modus operandi*; c) evidências de adaptação em sua estratégia comunicativa no decorrer de sua trajetória; e d) a conscientização a respeito de seu alcance midiático. Todos esses pontos, além de nortear o processo de apuração e escolha das fontes aqui apresentadas, nos auxiliaram na leitura e interpretação delas.

Vale destacar também que, por ser tratar de uma figura ainda ativa no campo religioso e político, estamos inseridos no campo da história do tempo presente, o que nos coloca em debate intenso e ainda mais direto com as demais ciências sociais. Essa historiografia vem sugerindo que o Estado brasileiro se transformou em um exemplo de “maquinário necropolítico” ao provocar as mortes dos “indesejáveis” (Mbembe, 2014) com o suporte do cristianismo ultraconservador, que nega a ciência e rejeita a diversidade democrática (Silva, 2020).

Como nos lembra Fábio Py ao citar Eric Hobsbawn, o cristianismo ultraconservador tem o objetivo de “reafirmar severamente as bases sociais desiguais do país, ligado a uma cultura autoritária” (Hobsbawn, 2000, p. 65 *apud* Py, 2021, p. 3). No Brasil, há uma variedade de correntes cristãs conservadoras predominantes que lideram a reprodução social das religiões; portanto, segundo Py, podemos identificar pelo menos três formas distintas que contribuíram para o crescente de extrema direita, que teve como estandarte nos últimos anos o próprio bolsonarismo: primeiro, os pentecostais associados à teologia da prosperidade, que enriquecem o discurso governamental com expressões diárias de fé como “bençãos” e “vitórias”; segundo, os protestantes tradicionais (especialmente batistas e presbiterianos), que adornaram Bolsonaro com temas teológicos e enunciados que o descrevem como o “eleito para governar a nação”, implementando no âmbito laico a doutrina da predestinação e com ela a cosmovisão neocalvinista; e terceiro, a mais antiga e central no sistema político-religioso do país, o catolicismo conservador.

Nesse sentido, para tratarmos sobre a constatada crescente adesão de evangélicos aos ativismos políticos, e a participação de Silas Malafaia nesse processo, foram selecionadas “cenas digitais” (Noiret, 2015, p. 49) do pastor presentes nas suas redes sociais. Compreende-se como “cenas digitais” os “fragmentos digitais narrativos ou descritivos, ou em vídeos, ou em imagens, ou mistos que direcionam uma mensagem complexa ou direta normalmente oriunda de uma rede social” (Noiret, 2015, p. 114). Dessa forma, reitera-se a relevância da análise dessas

cenar produzidas pelo pastor Silas Malafaia por ser ele uma figura pública significativa do cristianismo atual, ao sintetizar referências do pentecostalismo e do ultraconservadorismo evangélico.

Do ponto de vista metodológico, o presente texto considera que cada “cena digital” envolvendo o pastor constitui uma ação política na *web*. Com base nesses conceitos da ciência histórica, entende-se que este trabalho abordará tanto a história digital quanto a história política do tempo presente. Essa abordagem é justificada pela existência de “novas modalidades de experimento histórico sendo praticadas no presente” (Manivich, 2005, p. 65 *apud* Py, 2021, p. 6). Portanto, é essencial atualizarmos o conhecimento histórico de modo a conseguirmos construir alternativas e veredas de pesquisa a partir de novas ferramentas disponíveis.

Ademais, sobre Malafaia, nos parece que ele deixou de arriscar a integridade de seu discurso apostando em facções menores, para então, de maneira mais perspicaz, aderir a um aparato ideológico mais globalizante – a ultradireita; assim, por mais que ele precise remanejar seus discursos novamente, a sua margem se torna mais ampla. No fim, entendemos que a reflexão sobre sua jornada pública fará jus ao título do projeto, expressando o caráter camaleônico de suas posturas e discursos. Apontaremos o quanto a sua retórica de moralidade, de fato, parece estar em um segundo plano, e o que prepondera após as análises é um minucioso e, por vezes mascarado, plano de poder.

É imprescindível destacar para os devidos fins que a proposta de uma reflexão sobre a trajetória política de Silas Malafaia não consiste de maneira alguma em estudar a biografia em si desta personagem, por dois motivos: primeiramente, concordamos que qualquer exercício biográfico pode ou tende a ser meramente ilusório, e não expressa nada além das perspectivas do investigado ou do investigador (Bourdieu, 1986), muito embora a análise biográfica seja de muita valia para diversas abordagens.<sup>6</sup> Nesse caso, para nosso objetivo, consideramos que o exercício biográfico seja prescindível.

Em um segundo lugar, carecíamos de material para pensarmos em qualquer expressão que se assemelhasse a esse exercício; por isso, utilizamos preferencialmente participações ativas dessa figura, como textos escritos de próprio punho, pronunciamentos verbais ou em plataformas digitais. Visamos, portanto, à análise de sua trajetória, considerando-a como um índice de um insurgente movimento reacionário no Brasil cuja principal conquista pode ser considerada a eleição do ex-Presidente Jair Bolsonaro em 2018.

---

<sup>6</sup> Sobre esse assunto consultar OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo, e histórias de vida. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 429-446, maio/ago. 2017.

Assim como Fábio Py em seu trabalho sobre o padre Paulo Ricardo – figura que ganhou bastante destaque ao prestar apoio a ex-presidente Jair Bolsonaro –, a noção de trajetória aqui entoada é de Giovani Levi, que a caracteriza como um recorte ou “uma parte das épocas da vida de sujeitos históricos [...] fragmentos de anos em uma biografia de vida” (Levi, 2016, p. 76 *apud* Py, 2021, p. 5). A trajetória será formada por cenas digitais, e cada uma delas será tomada primeiro como “ação política”.

Esperamos assim que a trajetória de Malafaia possa nos servir para entender melhor o imbricamento dessa ideologia tipicamente localizada à extrema direita sobre a ética dos evangélicos brasileiros; imbricamento esse que só se entende como possível mediante a expansão do movimento neopentecostal. Em outras palavras, trataremos a figura de Malafaia como a de um sujeito globalizante, entendendo que em torno desse líder conseguiremos analisar melhor algumas séries de questões referentes às peculiaridades adquiridas pelo evangélico comum contemporâneo.

\*\*\*

### **Um breve contexto do fundamentalismo cristão**

Apesar dos seus usos “mais amplos” atualmente, o fundamentalismo teve origem no Ocidente cristão, sendo gestado por evangélicos conservadores estadunidenses que se voltaram contra os ideais do Iluminismo e do Liberalismo no final do século XIX e no início do século XX. Embora tenha sido rapidamente exportado para o resto do mundo através do neocolonialismo, a ideia nasceu em um contexto muito específico: uma série de publicações chamada *The Fundamentals* entre 1910 e 1915 (Dixon; Meyer; Torrey, 1910-1915). O próprio termo fundamentalista surgiu na década de 1920, quando o jornalista batista Curtis Lee Laws, editor-chefe do periódico batista *Watchman-Examiner*, autodeclarou-se fundamentalista.

Um dos aspectos fundamentais desse pensamento era a antimodernidade. Isso pode ser comprovado pela negação do método histórico-crítico de interpretação da Bíblia. Portanto, assim, o nascimento do fundamentalismo está ligado à negação teologia liberal, que se orientava pelo método histórico-crítico. O fundamentalismo parte do literalismo bíblico e adota, no máximo, o método histórico-gramatical introduzido por Calvino, considerado, de forma equivocada pelos fundamentalistas contemporâneos, como um “método” usado por Jesus para interpretar o Antigo Testamento (Carvalho; Carvalho, 2022, p. 140-141; 337; 347-350; 401-403; 500; 501). O ponto principal é que, para eles, existiam fundamentos absolutos de fé,

portanto ininterpretáveis, que seriam imunes à ciência e à relativização. Ao analisar o fundamentalismo protestante, Dreher sublinha pontos-chave desse discurso em sua gestação, os quais, em maior ou menor grau, estão presentes no fundamentalismo religioso cristão do século XXI.

[...] a inspiração verbal, literal, da Bíblia; a afirmação da verdadeira divindade e do nascimento virginal de Jesus, seu sacrifício expiatório vicário, através do seu sangue derramado, e de sua ressurreição corporal; a segunda vinda de Cristo à terra, na época vista como iminente com sinais apocalípticos ou com o retorno para um reino milenar, intermediário; negativa da aceitação dos resultados da ciência moderna, quando não correspondiam ao que designavam de ‘fé bíblica’; a exclusão do *status* de verdadeiro cristão de todos aqueles que não aceitavam esse fundamentalismo. (Dreher, 2008, p. 453)

Ainda sobre a ascensão do fundamentalismo, os seus adeptos tinham outros dois pressupostos essenciais. Por um lado, uma oposição veemente seguida de uma reação a quaisquer mudanças na religião determinadas pela modernidade. Eles argumentaram que “a verdadeira religião” estava ameaçada pelos chamados princípios da modernidade, por exemplo o historicismo e o relativismo, que juntos representavam uma ameaça às autoridades constituídas, nomeadamente, aos poderes institucionais das igrejas. De acordo com esta lógica, a secularização é vista como um mal que deve ser combatido e, portanto, o mundo ocidental deve ser recristianizado. O segundo aspecto que caracteriza o fundamentalismo desde a década de 1970 e que chegou ao século XXI diz respeito à política. Para os seus defensores, a política deveria ser de base cristã. Assim, compreendemos a base discursiva dos argumentos propostos, por exemplo, de que nas escolas públicas o ensino deve seguir a Bíblia e não a ciência; trata-se de uma subordinação da ciência à teologia que vem tendo desdobramentos na política, como demonstraremos neste texto por intermédio da comunicação em rede social de Silas Malafaia.

Embora o fundamentalismo tenha surgido no contexto protestante nos Estados Unidos no início do século XX, o termo também tem sido usado fora do seu contexto original. Por isso, endossamos a sua utilização para além do protestantismo estadunidense<sup>7</sup>. Para o nosso propósito neste texto, é importante compreender como, na década de 1970 nos Estados Unidos, o fundamentalismo ganhou contornos políticos com a Maioria Moral. Trata-se de um movimento fundado em 1979 por Jerry Falwell, pastor que teve atuação política e religiosa para eleger Ronald Reagan em 1980. Este grupo pretendia influenciar a política nos EUA através

---

<sup>7</sup> Há um debate sobre até que ponto a sua utilização no contexto do Islamismo é sequer possível através do conceito de fundamentalismo global. Embora defendamos a sua utilização, até certo ponto mais “ampla”, optamos por limitar as nossas análises ao contexto cristão, bem como defender o seu uso para o contexto dos cristianismos. Para maiores informações sobre a aplicabilidade desse conceito para outras religiões, veja o trabalho de Watt e Wood (2014).

das suas agendas teológicas e morais. Ignoraram a separação entre as esferas pública e privada e recorreram a “riscos morais” retóricos os quais ameaçariam a sociedade nos Estados Unidos (Silva, 2022). Embora não seja nosso objetivo, como demonstraremos nas postagens de Malafaia, há uma semelhança muito grande entre o discurso mobilizado no contexto estadunidense nos anos 1970 e 1980 e o discurso utilizado pelo pastor Malafaia, sobretudo no que diz respeito às “ameaças”.

Na década de 1980, durante o processo político de elaboração da última Constituição brasileira, nasceu o Bloco Parlamentar Evangélico. O seu objetivo era introduzir os princípios cristãos na versão mais recente da Constituição brasileira. Da década de 1980 até os dias atuais, o número de parlamentares explicitamente evangélicos aumentou, resultando na atual “Bancada da Bíblia” ou “Bancada Evangélica” composta por vários congressistas de diversas denominações cristãs (incluindo católicas) que, grosso modo, também defendem princípios fundamentalistas. A partir dos anos 2010, sobretudo com o crescimento das redes sociais, o pastor Malafaia, que já atuava politicamente desde os anos 1980<sup>8</sup>, ganhou cada vez mais notoriedade e se tornou um líder de opinião, contribuindo para a difusão do conservadorismo fundamentalista no pensamento político brasileiro.

Antes de analisarmos a comunicação de Malafaia como um mecanismo de difusão do conservadorismo fundamentalista, é importante considerar a existência de um pancristianismo conservador desde a década 1970 até a atualidade. O seu crescimento foi capaz de obscurecer propostas religiosas progressistas, como, por exemplo, o ecumenismo<sup>9</sup>. O denominador comum entre diversos grupos cristãos no Brasil, quer se denominem ou não como fundamentalistas, é a agenda da moralidade. Ao analisarmos o discurso proferido por Malafaia, um dos principais expoentes desses grupos, notamos que estes estão a travar uma guerra escatológica na arena política contra vários avanços sociais, os quais foram classificados como uma degradação moral da sociedade e uma ameaça aos “valores cristãos”.

O discurso de Malafaia, tal como fora feito pela Maioria Moral anteriormente no contexto estadunidense, baseia-se nos “valores da família” como um princípio a ser defendido. Segundo esses “valores”, o direito ao aborto, as políticas relativas aos direitos LGBTQIA+, o ensino baseado na ciência, o comunismo e tudo mais que pode ser compreendido como uma “ameaça” à família deve ser fortemente combatido. Ao mesmo tempo, adotaram uma postura

---

<sup>8</sup> Em 1989, através do comitê evangélico pró-Leonel Brizola, Malafaia apresentou apoio ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições daquele ano. Porém, supostamente arrependido, o pastor relatou em seu artigo para *Folha Universal*, de 1994, uma espécie de “mea-culpa” por esse suporte (Campos, 2002).

<sup>9</sup> Atualmente, embora seja aceito por alguns grupos cristãos, já fora alvo de duras críticas e aversão.

capitalista pró-neoliberal e pró-Israel. Estão sob a influência do dispensacionalismo, uma doutrina teológica cristã associada ao meio conservador na Inglaterra do século XIX. Essa doutrina possui um sistema hermenêutico que vê os acontecimentos históricos como se estivessem interligados e faz uma sequência escatológica para interpretar a História<sup>10</sup>. A ideia de uma aliança entre Deus e o homem é fundamental nessa doutrina porque traz o conceito de uma aliança incondicional que desconsidera a fraqueza humana. Isto explica por que Israel começa a desempenhar um papel fundamental nesta doutrina.

Vê-se, portanto, que o sistema interpretativo dispensacionalista perpassa toda a Bíblia, mesmo tendo como principal característica a distinção entre Israel (judeus) e a igreja (gentios), pois as promessas feitas a Abraão e cultivadas pelo povo de Israel deverão ser integralmente cumpridas, a despeito do destino da igreja. Nesse aspecto, há uma amálgama entre a apocalíptica judaica e a escatologia cristã, ou seja, uma continuidade entre o Antigo e o Novo Testamentos, bem como a influência no comportamento de algumas nações em sua proteção a Israel, entendendo que promessas como as de Gênesis 12:3 (“E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem”) e de Salmos 12:6 (“Orai pela paz de Jerusalém, prosperarão aqueles que te amam”) continuam vigentes (Carvalho; Carvalho, 2022, p. 1752).

Na década de 1970, os grupos fundamentalistas tornaram-se cada vez mais interessados em questões políticas. Esse processo ajuda-nos a compreender as razões da interferência dos fundamentalistas nos assuntos internacionais, principalmente em casos relativos ao Estado de Israel. Argumentamos que os pensamentos dos fundamentalistas no século XXI fundiram-se aos ideais originais dos primeiros fundamentalistas e de sua reedição através da Maioria Moral nas décadas de 1970 e 1980, especialmente no que diz respeito ao pensamento antimoderno. Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos e no Brasil, desde o final do século XX, ressaltamos a crescente influência do dispensacionalismo cujo objetivo é restaurar a cosmovisão judaico-cristã (Carvalho, 2017, p. 26 et seq.). No contexto brasileiro, notadamente, a partir dos anos 2010 em diante, o pastor Malafaia pode ser, de certa forma, compreendido como um expoente da expansão do conservadorismo. Em parte, isso se deve à forma como ele se comunica nas redes sociais.

Desse modo, é importante também definir como trataremos os conceitos utilizados até o momento. Ao falarmos sobre conservadorismo, movimento reacionário ou fundamentalismo, entendemos que as pautas de Silas Malafaia vêm sendo exibidas atreladas a esses movimentos,

---

<sup>10</sup> Segundo essa doutrina existiriam sete dispensações presentes na *Bíblia* (Sofield, 1983, p. 4).

que muitas vezes pode se esvaír de significado quando aplicado sem o devido contexto, o que, ao nosso ver, acontece, por exemplo, com o termo “neofundamentalismo”.<sup>11</sup> Ademais, o termo ainda pode-se encontrar relativizado por seu contexto geopolítico, já que os movimentos conservadores juntamente com suas agendas foram importados de experiências estadunidenses. Torres (2017), por exemplo, ao teorizar sobre o pensamento conservador, leva em consideração as definições de Russell Kirk e os pontos descritivos de uma *conservative mind* (1953)<sup>12</sup>:

a) crença numa ordem divina para a sociedade e para a consciência; b) valorização da variedade e colorido na vida tradicional; c) reconhecimento da legitimidade da existência de classes e hierarquias sociais; d) convicção de que propriedade e liberdade estão intimamente ligadas; e) tradicionalismo; f) distinção entre “mudança” e “reforma”, ou, talvez, para ficarmos mais de acordo com o vocabulário brasileiro, entre “revolução” e “reforma”. (Kirk, 1953 *apud* Torres, 2017, p. 19)

Das reflexões de Torres, nos interessa sobretudo a que busca conceituar ou distinguir o movimento conservador, chegando à ideologia “reacionária”. Os “neoconservadores” brasileiros, no entanto, estão vinculados a esta espécie de movimento “refluxo” que nega ou resiste ao iminente progresso e despreza a necessidade de políticas públicas que visem a equidade social. Esse repúdio às causas sociais também tem suas origens – assim como todo o escopo do movimento – nas experiências estadunidenses. Como nos lembra Roberto Moll ao tratar desse espírito conservador, ele destaca a criminalização dos programas sociais, das políticas públicas e dos pobres por parte dessa agenda: “As pessoas, principalmente mulheres e negros, que participavam dos programas sociais, inclusive daqueles abertos a todos os estadunidenses (como a educação pública), foram classificados como desajustados socialmente, dependentes, vagabundos, drogados, criminosos e destruidores de lares” (2016, p. 3). O prefixo “neo”, no entanto, não é um consenso entre os pesquisadores, mas há uma concordância entre uma parcela deles – na qual me incluo – que justifica o emprego do prefixo aos enfoques em

---

<sup>11</sup> Destacamos que, diferentemente de Ortunes (2019), optamos por não conceituar esse movimento rotulando-o de “neofundamentalista”, embora Ortunes o faça evocando algumas argumentações coerentes e mostrando claramente sua linha de raciocínio. Talvez a obra que mais nos tenha auxiliado nessa reflexão fora a obra de Wood e Watt (2014) que busca estritamente a contribuição de muitos teóricos a respeito do que de seria o não o uso apropriado do termo “fundamentalismo”, questionando seu poder de esclarecimento. Uma parcela dos estudiosos que são a favor da aplicação do termo com mais liberdade entende, como Charles B. Strozier, que não seria possível a substituição do termo por outro como “ortodoxia”, “conservadorismo” e “tradicionalismo”. Enquanto outros, como Lynda Clark, defendem que o termo se tornou “sem ancoragem” do contexto protestante americano, ou seja, do seu contexto original. Isso devido seu uso generalizado e indiscriminado. O “Fundamentalismo” teria se tornado um *umbrella term* comparado ao capitalismo, socialismo etc. Ora, se o termo original já sofre com tantas imprecisões e incertezas, quanto mais se a ele acrescentarmos um prefixo. Desse modo, entendemos, assim como Clark e tantos outros, que esse termo tem o seu local específico na história, e, embora possa ter seus desdobramentos no Brasil contemporâneo, teremos cautela caso haja necessidade de usá-lo.

<sup>12</sup> KIRK, R. **The conservative mind**. Chicago: [s.n.], 1953.

defesa das moralidades e ataque aos movimentos feministas e LGBTQIA+. Sobre isso, Maria Machado propõe:

Uma das potencialidades analíticas da concepção de neoconservadorismo é que o prefixo “neo” permite situar o ativismo religioso em uma temporalidade específica marcada pela politização da reprodução e da sexualidade. Nesta linha de interpretação, os anos 90 marcam o início deste processo, com os movimentos feministas se mobilizando para introduzir a noção de gênero no debate e nos documentos produzidos durante os encontros internacionais organizados pela ONU. (Machado, 2020, p. 273)

É bem verdade que essa batalha reacionária foi proposta primeiramente pelas pautas católicas, mas rapidamente os evangélicos passaram de figurantes a protagonistas no processo.

Precisamos destacar também, embora não seja nosso foco central, que são as teologias desenvolvidas e disseminadas por figuras como o pastor Malafaia que vêm fomentando o imaginário e construindo a ética dos grupos protestantes brasileiros engajados politicamente. Sendo assim, evidenciamos que correntes teológicas como o Neocalvinismo<sup>13</sup>, Teologia da Prosperidade<sup>14</sup> e Teologia do Domínio<sup>15</sup> estão, sem dúvidas, sob nosso olhar analítico, pois são com elas que Malafaia constrói a *ethos* com a qual se posiciona.

Por fim, consideramos a heterogeneidade do campo evangélico brasileiro um ponto relevante a ser abordado. Cremos que a exposição que o campo evangélico brasileiro vem sofrendo devido à tendência ideológica adotada por sua maior parcela representativa nos

---

<sup>13</sup> É importante destacar que o Neocalvinismo não pode ser visto como um mero “ressurgir” de uma teologia de cunho calvinista que, quando aplicada, afeta, no limite, a compreensão sobre o caminho e o modo da salvação do cristão. Essa ideologia afasta-se inclusive da ideia empreendida por Weber a respeito da *ética protestante* vinculada ao espírito do capitalismo, relacionando a aplicação vocacional do indivíduo à sua santificação interior. A teologia calvinista é antes uma tradição intelectual cristã singular que tem sua gênese na Holanda a partir de uma reação ao enfraquecimento da religião motivado pelas mudanças vindas da Filosofia Moderna e da Revolução Francesa. Seu arauto foi um teólogo reformado, professor e político, chamado Abraham Kuyper (1837-1920), o qual chegou a ocupar o cargo de Primeiro-ministro da Holanda. Além dele, outros deram continuidade ao que se tornou uma tradição intelectual. Buscaremos o olhar cauteloso sobre a sua aplicação no Brasil.

<sup>14</sup> Essa teologia pode ser vista como a principal engrenagem do movimento neopentecostal, também chamada de teologia da “confissão positiva”. Foi definida por Alberto Timm, como sendo “a mais expressiva acomodação da fé cristã ao ideal capitalista”. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: Aste, 2008, p. 966. O organizador do *Dicionário do Movimento Pentecostal* usa a definição do sociólogo Ricardo Mariano para tentar defini-la: “Para os defensores da T.P, a expiação do Cordeiro libertou os homens da escravidão sob o Diabo e das maldições da miséria, da enfermidade, nesta vida, e da segunda morte, no além. Os homens, desde então, estão destinados à prosperidade, à saúde, à vitória, à felicidade. Para alcançar tais bênçãos [...] basta ao cristão ter fé [...] exigir seus direitos em alta voz e em nome de Jesus, e ser obediente e fiel a Ele no pagamento dos dízimos”. In: ARAÚJO, I. D. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 617.

<sup>15</sup> Essa teologia encontra-se vinculada à Teologia da Prosperidade, na medida em que defende que o “Reino de Deus” é para ser vivido aqui e agora, menosprezando a ideia de um “Reino de Deus” no interior ou a forma subjetiva de viver a religiosidade. Ela tem origem também dos EUA a partir dos movimentos avivalistas do século XX. Pat Robertson e Bill Hamon podem ser vistos como precursores dessa teologia. Segundo Isael de Araújo, essa vertente defende que “Cristo só voltará a um mundo no qual a igreja terá assumido o domínio sobre todos os aspectos da estrutura social” (2015, p. 625). No Brasil, esse modo de se experienciar a fé protestante teve seu início com as propostas da IURD e os ensinamentos de seu líder, o Bispo Edir Macedo, empreendendo uma predominância evangélica na política.

últimos anos pode nos levar a cometer algumas generalizações, tendendo a simplificações explicativas que só podem empobrecer, limitar e inviabilizar um diálogo com a diversidade que há no evangelicalismo nacional; posição que vertentes políticas neoconservadoras vêm ganhando. Nessa perspectiva, priorizamos abordagens teóricas e conceituais que não desqualifiquem a prática de fé evangélica nem se desviem da importância do debate teológico e hermenêutico estimado por esse grupo. Esse desvio é um problema alertado por Fábio Py, ao defender que “*se alienar das pautas teológicas é não entrar na disputa pelos termos e semânticas que envolvem a fatia fundamental da população brasileira*” (Py, 2020, p. 6, grifo nosso). E por este motivo consideramos que qualquer análise que se distancie da interpretação hermenêutica desses grupos será, no mínimo, incompleta. Propor diálogo é propor heterogeneidades, linhas alternativas de expressão de fé, rotas de esperança. No entanto, a proposta de um maior diálogo não deve substituir a necessária identificação da conduta reacionária difundida por líderes religiosos, sequer a exposição de seus discursos nefastos.

\*\*\*

Nos últimos anos, a produção científica e acadêmica sobre a temática do impacto do crescimento dos evangélicos e seu efeito na política nacional teve um vertiginoso crescimento, isso devido ao intrínseco vínculo criado entre o bloco evangélico nacional e a figura do Presidente eleito em 2018 Jair Bolsonaro, junto com todo um discurso ideológico que garantiu o apoio em forma de ativismo. Concernente à análise histórica de nosso objeto de pesquisa, não encontramos tantos autores que tenham trabalhado diretamente com ele.<sup>16</sup> Todavia, Jonas K. Koren, em sua tese *Ministério Silas Malafaia: evangelizando à direita 2000-2013* (2016), nos auxilia ao analisar e mapear o que fora o começo de uma disposição do pastor à direita política a partir do início do século; além de mostrar como as associações e instituições ligadas a ele trabalharam em prol do discurso em “defesa da família tradicional brasileira”. Sobre as percepções históricas acerca das mudanças estratégicas do envolvimento de evangélicos na política a partir do advento do neopentecostalismo, encontramos base nos apontamentos de Adriana Martins dos Santos que, através da obra *Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil* (2017), contribui com o capítulo “Neopentecostais: entre o mercado e o planalto”. Apontando o aumento gradativo da participação evangélica no campo político, ela destaca o que para nós é fundamental para mapearmos as ambições do grupo no qual Malafaia estava inserido: “Nas eleições de 2002, os evangélicos aumentaram em 63% sua presença na Câmara. Naquela

---

<sup>16</sup> Pesquisa realizada dia 09 out. 2021. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

legislatura foram 44 parlamentares, a maior bancada evangélica da história [...] Esses números refletiram o crescimento das igrejas evangélicas no Brasil e uma postura mais agressiva que muitas delas adotaram em relação à participação política”.<sup>17</sup>

Tudo, segundo a autora, teria começado nas eleições de 1986: os pentecostais que até aquele ano não tinham tanta representatividade, passaram a dominar, evidenciando assim a sua superioridade numérica no campo evangélico já daquele cenário. Junto a essa possibilidade de mapeamento, Zózimo Trabuco, em seu livro *À Direita de Deus, À esquerda do Povo* (2016), nos ajuda a contrastar, a partir da experiência histórica, uma Esquerda evangélica combinada às diversidades com os movimentos ativistas reacionários crescentes no meio protestante nos últimos decênios, o que promete ser bastante enriquecedor para nosso panorama analítico.

Nesse sentido, uma reflexão ainda mais cara para nossa pesquisa é a diferenciação entre dois tipos ideais à moda weberiana: a construção político-religiosa das figuras “Político evangélico” e “Político de Cristo” (Campos, 2002). Consideramos que entender a diferenciação entre esses dois tipos ideais é começar a conceber como a cosmovisão evangélica iniciou seu remodelamento, que, aparentemente, não ocorreu somente no nível eclesiástico, mas também na mentalidade dos fiéis. O apenas “Político evangélico” fazia uso do contingente de fiéis de determinada igreja – ou campo denominacional –, sendo, entretanto, uma figura independente, somente inclinada a representar tais eleitores que a fé havia proporcionado; enquanto isso, o “Político de Cristo” aparece já no cenário montado pelo neopentecostalismo como um “novo ator político-religioso, pois, empresta a sua personalidade para ser usada como um instrumento da confissão religiosa que o escolheu candidato e fez dele o seu defensor na fronteira política. Esse novo agente nada é sem a organização e a esfera política que o escolheu candidato” (*Ibid.*, p. 2). Podemos refletir então que o discurso neoconservador surge como um condicional o qual os “Políticos de Cristo” terão que defender como ideologia política para serem apoiados e respaldados pelas instituições. Essa diferenciação pode nos ajudar a conceber a potência dos novos ativismos liderados por Malafaia, na medida em que há também uma ressignificação sobre a figura do parlamentar protestante nos discursos do pastor.

Outras pesquisas foram interessantes para a análise dessa nova cosmovisão remodelada pelos neopentecostais. Destacamos entre elas a tese de doutorado de Freston (1993), uma das pioneiras e mais detalhadas abordagens sobre o tema, trazendo um pouco dos bastidores das

---

<sup>17</sup> Santos evidencia a participação dos neopentecostais nesse crescimento, corroborando com as demais pesquisas sobre o tema. Parece que a fusão está estabelecida. O crescimento dos neopentecostais e o engajamento dos evangélicos na prática política estão intrinsecamente ligados.

primeiras investidas de sucesso dos neopentecostais na política.<sup>18</sup> O que nos interessa desta tese é o destaque de Freston para o que ele chama de “fronteiras de preocupação” do campo evangélico pentecostal em relação à política, ou seja, nos é proveitosa a sua preocupação em suscitar e responder questões do tipo: “O que os motivava a fazer política?”, “Quais eram verdadeiramente seus interesses?”. Ademais, o autor contribui com a visão de Campos sobre o que seria na prática o “Político de Cristo”, quais deveriam ser suas pautas e quais pautas seriam alvo de menosprezo ou desconsideração. Esses interesses filtraram as personagens desses grupos, e o início de um caráter de cunho reacionário estava proposto ali, e isso é fonte também de nosso interesse. Nessa perspectiva, encontramos alicerce também nas reflexões do antropólogo Emerson Giumbelli ao tratar sobre *A presença do religioso no espaço público* (2008). Ele vai traçar as ligações entre os processos históricos que respaldaram a diferenciação de tratamentos, mostrando que o cristianismo como um todo obteve privilégios constitucionais em detrimento das demais religiões a partir do Brasil República. Giumbelli traz consigo também uma importante discussão por vezes menosprezada: a argumentação e contra-argumentação dos líderes evangélicos que comandam a suas bancadas políticas:

Tomemos, por exemplo, a política: às acusações de teocratismo, de intromissão do religioso, os evangélicos retrucam com a obediência às regras do jogo democrático. Quando são reprovados pela prática de uma espécie de estelionato espiritual, replicam com a demonstração da liberdade que acompanha as doações dos fiéis. Quando são criticados pela sua intolerância, objetam que estão apenas manifestando a sua opinião. Não se trata apenas de registrar esse diálogo dissonante, mas de constatar que não temos modificações legais em resposta a esses pontos de conflito. (*Ibid.*, p. 90)

Encontramos uma bibliografia mais robusta no campo das ciências sociais disposta a reflexão sobre o tema. Inclusive, mais disposta a abordar e refletir sobre a figura de Silas Malafaia e o que ele representa no processo de formação da opinião pública. Destaco aqui que o poder simbólico de sua comunicação é algo que tem preocupado os cientistas sociais. A problemática que essas figuras com discursos híbridos provocam é a falta de precisão ao tentarmos identificar os seus locais de fala, ou seja, quando uma figura como Malafaia se pronuncia politicamente, já não se sabe quem está falando nem o que está defendendo: se fala em prol de sua fé ou se advoga sua ideologia política. Silas desenvolve em seu discurso uma mistura peculiar envolvendo princípios político-ideológicos e uma suposta “guerra espiritual” – ou seja, invisível – em que ele estaria certo de qual caminho seguir para a vitória do “povo de Deus” – termo usado por ele para se referir aos seus ouvintes e seguidores.

---

<sup>18</sup> Embora Freston se proponha a estudar o campo evangélico em sua totalidade, ele não deixa de evidenciar a participação dos pentecostais e o que ele chama de “terceira onda do pentecostalismo” no campo político brasileiro.

Entendendo as redes sociais como a principal – mas não única – plataforma do pastor, buscamos chaves analíticas para interpretarmos sua estratégia comunicativa rastreável nelas. Encontramos nos campos sociológico e comunicativo teóricos que nos auxiliam no objetivo de buscar também os fatores que potencializam a comunicação de Malafaia. Dessa forma, achamos nas contribuições de Carlos Aguiar, por exemplo, reflexões caras ao nosso horizonte analítico; ao tratar sobre a *Sacralidade Digital* (2014) e *Religiosidade Tecnológica* (2019), ele aborda a mística ainda presente nas novas tecnologias, partindo da desconstrução da ideia que trata a técnica como mera ferramenta, admitindo que “pensar sobre religiosidade contemporânea é pensar sobre a nossa atmosfera tecnológica, reconhecendo de que além de ferramentas das religiões, há uma sacralidade da técnica” (2019, p. 2). Nesse mesmo sentido, é de grande contribuição as considerações do sociólogo Muniz Sodré em suas obras *Antropologia do Espelho* (2002) e *Ciência do Comum* (2015) ao tratar sobre o que ele denomina de *bios midiático*, o que seria esse novo “ecossistema” proporcionado pela atmosfera das redes sociais. Sodré ainda nos traz sua percepção sobre a perigosa indistinção entre tela (virtualidade) e realidade, própria das relações contemporâneas, que podemos perceber como um dos fatores que potencializam a comunicação de Malafaia ao promover, por exemplo, a criação de uma realidade alternativa para os seus seguidores, proporcionando o que o sociólogo trata como “inflexão exacerbada da realidade”.

Nessa perspectiva, as obras de Magali Cunha *Do Púlpito às Mídias Sociais* (2019a) e *Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico* (2019b) se configuram basilares para entendermos a transmigração dos evangélicos e seus líderes para as plataformas digitais; ou seja, elas revelam na prática como as plataformas foram meio de organização e crescimento desses ativismos, temas tratados também nas reflexões de Aguiar sobre o *Ativismo digital evangélico e contrassecularização na eleição de Jair Bolsonaro* (2020) e no texto de Ricardo Mariano sobre a *Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores* (2016), nos inserindo assim no debate acerca dos movimentos de dessecularização, marca promovida pelo bloco evangélico a partir de seus ativismos coordenados por figuras como o pastor Malafaia.

Acerca das posturas do pastor, outro estudo importante para refletirmos é a tese de Leandro Ortunes: *Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil*<sup>19</sup> (2019). Ortunes se

---

<sup>19</sup> Ortunes tem seu foco no estudo do que ele chama de Neofundamentalismo e sua crescente no campo político-religioso brasileiro. Além de analisar e diferenciar os fundamentalismos historicamente, ele traz uma análise de postura e discurso conservador de alguns líderes neopentecostais nas mídias tradicionais e digitais; uma das figuras analisadas nesse estudo é Malafaia. Sobre essa análise, olhar tabelas nas páginas 191-193 de Ortunes (2019).

mostra preocupado com a postura neoconservadora e – como ele prefere conceituar – “neofundamentalista” dos evangélicos no país, assim como seus engajamentos virtuais de cunho reacionário, que, muitas das vezes, estariam entrando em atrito com um constitucional e fundamental atributo do estado: a laicidade. O autor estuda a postura de Silas Malafaia e as principais pautas de seu discurso, qual sua preferência de “palanque”, qual o contingente de seu público e em quais debates ele se insere. Esse estudo é interessante e se mostrou bastante útil para nos introduzir às características comunicativas do pastor, no entanto apenas conseguimos nos aprofundar nesse tema a partir das reflexões acerca da figura do líder de opinião (LO) e dos seus níveis comunicativos, conceituações trazidas aqui através das reflexões de Larissa Cesar em *Pastor Silas Malafaia nas eleições de 2018* (2019), ao tratar do LO contemporâneo e suas especificidades, aplicando esse conceito ao analisar a comunicação do pastor.

Ainda na intenção de estendermos nosso horizonte analítico sobre os aspectos comunicativos de Silas Malafaia, além de buscarmos entender a figura do LO contemporâneo, procuramos um olhar mais profundo acerca da natureza de raciocínio de seu seguidor digital. Para esse desafio, traremos as considerações da filósofa húngara Agnes Heller, que trata em sua obra *O Cotidiano e a História* (2016) características do cotidiano do “homem-comum” e o que o move em sua jornada. Veremos que o conceito de “níveis comunicativos” trazido pelo sociólogo Muniz Sodré pode trabalhar concomitantemente às reflexões da filósofa.

\*\*\*

A presente pesquisa encontrou seu fundamento na amplitude dos efeitos que o ativismo evangélico nas redes sociais tem atingido nos últimos anos. Ter a trajetória e a comunicação do pastor Malafaia como objetos de pesquisa significa, dessa forma, buscar apreender com maior precisão como são formadas as diretrizes desse engajamento virtual. A motivação para este trabalho também se encontra na possibilidade de auxílio da compreensão de como a cosmovisão do segundo grupo religioso mais numeroso do País – o primeiro no que tange ao crescimento<sup>20</sup> – foi alterada e de que maneira esse fenômeno vem ameaçando as nossas bases democráticas.

Entendemos que os evangélicos vêm ocupando lacunas outrora abnegadas por eles mesmos. Tomando como principal exemplo o campo neopentecostal, podemos observar nas últimas décadas um maior enfrentamento político-ideológico por parte dos seus principais

---

<sup>20</sup> Dados do IBGE apontam um crescimento de 61,45% dos evangélicos no Brasil em 10 anos (de 2000 até 2010). Sobre os dados, consultar: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>. Acesso em: 03/11/2019.

representantes no país, sendo um deles o pastor Silas Malafaia. Observamos nele uma figura peculiar que evidencia bem o extrapolar dos campos discursivos no que tange aos aparatos políticos e religiosos. Nesse sentido, achamos nessa figura, juntamente com seus discursos e preferências temáticas, um vínculo intrínseco com a defesa e propagação de pautas ultraconservadoras no âmbito das igrejas evangélicas e no *bios midiático* dessa vertente religiosa. O direcionamento para a análise da trajetória política de Malafaia se justifica pelas tomadas de decisões – no mínimo curiosas – que teve durante suas tentativas de aproximação ao poder. Posicionamentos contraditórios e aspectos peculiares presentes em sua estratégia comunicativa também marcam sua jornada pública; destacamos sua trajetória como paradigmática para entendermos a organização dos novos tipos de evangelicalismos brasileiros.

## 1 DAS RAÍZES PENTECOSTAIS AO ENGAJAMENTO POLÍTICO

“Eu não cai de paraquedas... Eu sou de uma família sacerdotal”. Com essa frase proferida em umas de suas pregações ministradas na sede da ADVEC, localizada no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, Malafaia define sua história, respaldando a narrativa acerca de si e de sua família sobre a legitimidade de sua autoridade pastoral. Zelo à tradição e respeito à hereditariedade estão presentes nas falas desse líder que, não por acaso, é um dos principais representantes desse sobrenome no âmbito das Assembleias de Deus do país.

Seu pai, Gilberto Gonçalves Malafaia, teria sido o primeiro de seu sobrenome a “aceitar a Jesus”<sup>21</sup> no início da década de 1940, influenciando sua família a fazer o mesmo. Natural de Castro Alves (BA), veio para o Rio de Janeiro seguir carreira militar e, após 25 anos na Marinha, decidiu dedicar-se exclusivamente à vida eclesiástica. Gilberto Malafaia foi o fundador da Assembleia de Deus de Jacarepaguá (RJ), Igreja que atualmente é liderada por seu neto, Silas Malafaia Filho.



**Figura 1** – Frame de vídeo divulgado no *YouTube*<sup>22</sup>.

<sup>21</sup> Expressão típica utilizada para se referir à conversão.

<sup>22</sup> Sentados estão o pastor Gilberto Malafaia e sua esposa Albertina. Logo atrás estão seus 5 filhos: Samuel, Sérgio, Silas, Suzana e Siléia Malafaia. Disponível em: [https://youtu.be/KuV9-tdswpM?si=6Oqjfx\\_slqO\\_H-C0](https://youtu.be/KuV9-tdswpM?si=6Oqjfx_slqO_H-C0). Acessado em: 10 out. 2023.

Malafaia costuma dizer que faz parte uma “segunda geração de pastores da sua família”<sup>23</sup>, juntamente com seus irmãos e primos. Dentre esses, destaca-se o Pr. Samuel Malafaia, seu irmão mais velho, que ingressou na carreira política em 2002, quando eleito deputado estadual com mais de 60 mil votos. Atualmente, além de deputado estadual, é pastor auxiliar da ADVEC<sup>24</sup> da Penha (RJ) e articulista da Revista Fiel<sup>25</sup>, publicando mensalmente na sessão “Cidadania”.

Suas irmãs Suzana e Sileia Malafaia também seguiram carreira eclesiástica através da ADVEC, mas não recebem ênfase nem tarefas das quais lhes seja requerido alto nível de autoridade.

De suas duas filhas, Talita Malafaia é a mais envolvida com o ministério de seu pai. Seguindo o exemplo e o perfil comunicativo de sua mãe, ela direciona suas falas às mulheres cristãs, atuando como *youtuber*.

Uma das mulheres com mais destaque ministerial com sobrenome Malafaia, atualmente, é sua nora, Rachel Malafaia, casada com Silas Malafaia Filho, que, além cantora gospel, profere sermões no templo principal da ADVEC e em outras filiais, com mensagens voltadas para as mulheres de seus templos. Além disso, ela possui presença ativa nas redes sociais e tem um canal no *YouTube*, onde costuma postar lives diárias.

Sua esposa, Elizete Malafaia, é psicóloga, escritora e preletora. Bastante ativa na vida eclesiástica, no ministério de seu marido, ela é responsável por cuidar e servir como exemplo de “mulher sábia”<sup>26</sup> ensinando as demais a como cuidar bem de seus maridos e filhos. No entanto, seu lugar é demarcado atrás das câmeras<sup>27</sup> quando se trata de outros assuntos, tais como política. São raros os momentos registrados nos quais ela se dedique a tratar do assunto de forma aprofundada, no entanto, quando o faz, é sempre replicando as ideias de seu marido. Em um *podcast*, quando perguntada sobre a importância do engajamento político de Malafaia, ela responde: “Hoje a gente está vendo a necessidade da igreja. Nós somos cidadãos aqui, dessa Terra. Agora, eu sempre entendi por que o pai dos Silas, o pastor Gilberto Malafaia, sempre foi

---

<sup>23</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_bSRC8vMP8s](https://youtu.be/_bSRC8vMP8s). Publicado em 2022. 1 vídeo (1h e 19 min.). Momento da fala: 17min.10s. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>24</sup> Assembleia de Deus Vitória em Cristo.

<sup>25</sup> Periódico publicado pela Associação Vitória em Cristo.

<sup>26</sup> É uma referência bíblica usada para destacar o papel da mulher: “A mulher sábia edifica seu lar, a tola o destrói” (Provérbios 14:1).

<sup>27</sup> Elizete Malafaia confessa em *podcast* que é ela a responsável por gravar os vídeos de seu marido. Disponível em: <https://youtu.be/B333LGZ6uPY?si=I6P5LZnmGMENfmLw>. Publicado em 2023. 1 vídeo (1h e 23 min.). Momento da fala: 49min. 45s. Acesso em: 22 fev. 2024.

um cara envolvido com política. Ele era da época do Lisâneas Maciel<sup>28</sup>[...] Meu pai era Brizola [...] E lá em casa a gente discutia política”.<sup>29</sup>

É bem verdade que Elizete Malafaia dá ênfase ao papel crucial da família tradicional em suas falas, e a como o “Diabo” estaria interessado em destruir a base. No entanto, sobre política, ela costuma reforçar e reproduzir um dos argumentos mais característicos de Malafaia ao justificar seu engajamento: a necessidade de o cristão exercer seu papel como cidadão, militando em pautas sensíveis do debate público.

De fato, Malafaia erigiu seu ministério respaldado no modelo exemplar de família que construiu, além de transformar seus empreendimentos em grandes “negócios de família”. Mas sua carreira eclesiástica pode ser marcada também por uma reformulação de seus princípios dentro e fora dos templos. Malafaia vem renunciando a características marcadamente pentecostais e assumindo discursos e ideologias de outras correntes teológicas, e até mesmo laicas.

### **1.1 A ascensão do jovem pregador pentecostal**

Silas Lima Malafaia nasceu na Tijuca, bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, filho de um militar da Aeronáutica que, ao se aposentar, tornou-se pastor e de uma diretora de escola, ambos ligados à Assembleia de Deus. Desde a infância, ele participou de cultos familiares e acompanhou os pais em eventos evangélicos. Aos 14 anos, ele conheceu Elizete, que tinha apenas 13 anos na época, com quem futuramente se casaria e teria três filhos.

Assim como acontece com muitos pastores e pregadores de igrejas pentecostais, Malafaia começou seu ministério na área musical, sendo na adolescência baterista de sua igreja e integrante do Conjunto Jovem Renascer, formado em 1973 na própria AD da Penha e regido pelo então maestro Zênio de Alencar. Porém, seu primeiro cargo eclesiástico de liderança foi como coordenador da JUADP (Juventude da AD da Penha) (Araújo, 2015, p. 443).

---

<sup>28</sup> Lisâneas Maciel foi eleito deputado estadual (MDB) em 1970 pelo antigo Estado da Guanabara. Político cristão que fora atuante no período do regime militar. Por sofrer represálias deste regime, viveu um período exilado na Suíça com sua família. A partir de 1981, após romper com o PDT – partido do qual participou da criação –, tornou-se militante do Partido dos Trabalhadores. Para mais, consultar: REZENDE, Jonas. E Lisâneas disse basta!: esboço biográfico de Lisâneas Maciel. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://youtu.be/B333LGZ6uPY?si=I6P5LZnmGMENfmLw>. Publicado em 2023. 1 vídeo (1h e 23 min.). Momento da fala: 55min. Acesso em: 22 fev. 2024.



**Figura 2** – Postagem no Instagram de Elizete Malafaia<sup>30</sup>.

Desde a sua adolescência, Silas Malafaia sempre foi muito ativo na igreja, mas desejava contribuir mais para o Reino de Deus. O amor pela obra do Senhor o impulsionava a sonhar alto, além das quatro paredes do templo, e o motivava a buscar um diferencial em seu ministério. Certa vez, chegou a compartilhar com um amigo de infância: “Se um dia Deus me chamar para a Sua obra, não quero me tornar um pregador a mais, pois já existem muitos. Quero fazer algo especial para Ele”. Aquele jovem sonhador era um homem de visão. Aos 16 anos de idade já acreditava em seu chamado como anunciador das boas novas de salvação, missão confirmada profeticamente três anos depois, durante uma cruzada no Maracanãzinho. “No meio da mensagem, o preletor fez uma pausa, virou-se para mim e disse: ‘Silas, prepare-se que Deus irá usá-lo para pregar em toda esta nação’”, relatou o futuro pregador, que antes mesmo de ser consagrado a pastor já vislumbrava o poder dos veículos de comunicação como facilitador na propagação do evangelho. (AVEC, 2012 *apud* Koren, 2016, p. 9)<sup>31</sup>

Bem jovem, Malafaia despontou no Rio de Janeiro como um pregador eloquente com um estilo bastante peculiar. Bem franco, direto e questionador, o pastor começou a ser convidado por diversas denominações para pregar em congressos e festividades, sendo muitas das vezes o pregador do domingo.<sup>32</sup> Sempre pautado em passagens presentes na Bíblia Sagrada, seu roteiro se resumia ao dos demais pregadores pentecostais de sua época, ou seja, privilegiava

---

<sup>30</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BmRhZ\\_qHlcd/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/BmRhZ_qHlcd/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 10 out. 2023

<sup>31</sup> Koren (2016) disponibiliza a página para ser encontrada a breve biografia de Malafaia, no entanto, a mesma página não se encontra mais disponível no site da AVEC. Consultar: [https://www.vitoriaemcristo.org/\\_gutenweb/\\_site/hotsite/avec-30anos/historia.cfm](https://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/hotsite/avec-30anos/historia.cfm).

<sup>32</sup> Era comum e cultural que congressos e festividades nas entidades pentecostais durassem os 3 dias do final de semana, sendo reservado o último dia para as atrações principais, o cantor ou cantora mais renomado e o pregador de maior nome. Malafaia se destacou na década de 90 como um grande pregador itinerante, produzindo centenas de fitas cassetes de seus sermões.

uma leitura menos criteriosa do texto e que desse lugar à espontaneidade característica de uma liturgia pentecostal. No entanto, diferentemente dos demais, não enfatizava nem fazia uso dos dons espirituais mais performáticos desta tradição, tais como a glossolalia<sup>33</sup> e a revelação<sup>34</sup>, durante suas falas, muito embora frizasse a importância do “avivamento espiritual” da igreja.

Assim como costuma relatar em seu testemunho, Malafaia enxerga-se como um predestinado a conquistar o que conquistou e a exercer a autoridade que exerce atualmente.

A minha jornada de fé começou há 45 anos com os jovens da igreja que hoje sou pastor, no bairro da Penha, Rio de Janeiro. Fui liderado por um tremendo homem de Deus, meu querido sogro, José Santos. Grande mentor, dotado de uma enorme capacidade para liderar e instruir pastores, por 30 anos foi o conselheiro do meu ministério [...] Posso dizer que vivenciei duas escolas diferentes: meu sogro, que sabia cuidar de pessoas como ninguém; e meu pai, homem dotado de uma extraordinária visão empreendedora.<sup>35</sup>

A menção ao sogro é recorrente, principalmente quando pretende fazer a alusão à importância de se respeitar uma autoridade instituída por Deus. Afinal, Malafaia foi, durante 28 anos, o pastor auxiliar na igreja que hoje preside. A longa espera, submetido à outra autoridade, é sempre motivo de orgulho em suas falas.

Nos primeiros anos da década de 1980, inspirado pelos programas de pregadores televisivos dos Estados Unidos que estavam sendo transmitidos no Brasil, o líder religioso buscou angariar fundos para adquirir um espaço televisivo próprio. De acordo com o registro disponível no site da associação, ele vendeu seu veículo, pediu dinheiro emprestado a um membro da igreja e garantiu o patrocínio de uma agência de turismo (Koren, 2016, p. 10).

Essas atitudes o levaram a conquistar, em 1981, um espaço de 15 minutos na CNT (Central Nacional de Televisão). A transmissão inicial do programa ocorreu em 1º de maio de 1982 sob o título “Renascer”, mesmo nome do Coral no qual começou seu ministério; no entanto, posteriormente foi alterado para “Impacto”. Inicialmente transmitido apenas no Rio de Janeiro, a transmissão focava no pastor abordando temas religiosos e do dia a dia.

---

<sup>33</sup> Termo derivado de *glossais lalein*, uma frase grega usada no Novo Testamento, que significa literalmente “falar em [ou ‘com’ ou ‘por’] línguas” (Araújo, 2015, p. 331). Dom bastante característico, comumente chamado de “línguas estranhas”.

<sup>34</sup> Também chamado de “Dom de profecia”: trata-se de um dom que capacita o fiel a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo, aos demais Fiéis (Araújo, 2015, p. 269).

<sup>35</sup> Uma breve autobiografia descrita em seu site pessoal. Disponível em: <https://www.silasmalafaia.com/minha-historia/>. Acesso em: 21 fev. 2024.



**Figura 3** – Frame de vídeo postado no *Facebook*.<sup>36</sup>

Suas palavras coloquiais e seu estilo “sem papas na língua” lhe renderam a liderança de audiência na CNT no final dos anos 80. Apresentando, desde então, umas de suas características principais, Malafaia denunciava o que havia de errado na igreja e na sociedade, destoando do perfil ameno e reconfortante dos demais apresentadores de programas religiosos de sua época.

Hoje<sup>37</sup> seu programa se chama “Vitória em Cristo”, e Malafaia, entendendo a lógica e a potência das redes sociais, já abriu mão, quase que completamente, de seus horários televisivos. Fato curioso é que, segundo Koren (2016), poucos anos atrás o programa ainda tinha considerável apelo televisivo. Era transmitido em rede nacional aos sábados pela Rede Brasil, das 8h às 9h, na Rede TV, das 9h às 10h, e pela Bandeirantes, das 12h às 13h. Além disso, o programa era exibido em diversas emissoras afiliadas regionais nos estados de Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Rio Grande do Sul, Goiás, Rio Grande do Norte, Espírito Santo, São Paulo, Tocantins, Paraíba, Acre, Piauí, Pernambuco, Ceará e no Distrito Federal. Em 2011, segundo nos aponta o autor, o site da AVEC informava que, levando em conta a audiência de sua versão dublada em inglês, o programa já havia atingido mais de “200 países e cerca de 670 milhões de lares”, representando mais de um bilhão de pessoas impactadas pela mensagem da Palavra de Deus através do ministério do pastor Silas Malafaia. Koren (2016), ironicamente, ainda ressalta que nesta informação foram contabilizados na audiência mais países do que aqueles

<sup>36</sup> Transmissão do Programa Renascer em maio de 1982. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=402206401763238>. Acesso em: 19 out. 2023.

<sup>37</sup> A pesquisa sobre esse dado foi realizada em outubro de 2022.

reconhecidos pela ONU como Estados soberanos, excluindo os demais países da América Latina e Oceania, que não foram incluídos na contagem.

Fato é que Malafaia teve sua figura de pastor evangélico pentecostal reconhecida nacionalmente graças aos veículos seculares de comunicação; no entanto, assim como mencionado anteriormente, suas características carismáticas sempre foram atenuadas, o que o levou a ser mais palatável aos crentes das demais denominações e até mesmo aos não convertidos ou “desviados”<sup>38</sup>. O pastor carioca usava sua potência comunicativa para a evangelização e exortação da igreja, usando comicidade, deboche e sarcasmo. Esses traços o tornaram uma figura peculiar dentro do evangelicalismo nacional, possibilitando assim que sua mensagem ou ideais transpassassem a bolha religiosa, fazendo dele mais que um pastor, mas agora também um líder de opinião.

\*\*\*

Antes de seguirmos, é importante destacarmos algumas observações sobre a narrativa que este líder constrói de si: Silas Malafaia é um exemplo muito emblemático de como uma figura pública pode construir uma narrativa que funde o pessoal com o institucional em certos pontos do processo de interação apresentando-se como um “sujeito construído” dentro de interesses religiosos, econômicos e comerciais. Desde o início de sua carreira/ministério, Malafaia tem utilizado sua história pessoal e imagem familiar para reforçar sua autoridade religiosa, enfatizando os valores de unidade e comprometimento com o cristianismo. Ao colocar tanta ênfase e foco na família em seu trabalho, ele busca um apego emocional com seu público, que tende a vê-lo como um modelo de estabilidade e coerência; isso é muito importante para a pragmatismo cristão. Essa narrativa familiar é cuidadosamente cultivada, servindo como base para sua liderança e conexão genuína com o público, que passa a enxergá-lo como alguém que vive na prática o que prega e ensina.

Essa imagem, portanto, também revela uma construção estratégica que vai além da esfera religiosa. Além de seu trabalho como pastor, Malafaia também é um empresário que usa ativamente o *marketing* e a comunicação em seus esforços para se promover. Suas iniciativas – editoras, programas de TV, eventos e presença digital – formaram uma marca rentável que atende a uma demanda tanto espiritual quanto de consumo religioso. Além disso, é evidente que Malafaia representa alguém projetado por interesses econômicos, corporativos e políticos:

---

<sup>38</sup> Termo pejorativo usado por evangélicos de vertente pentecostal para tratar os antigos membros de sua instituição. Indivíduos que por motivos variados não frequentam mais o templo.

o homem que atende aos requisitos econômicos e políticos do bloco evangélico, podendo assim servir-lhe de rosto.

Esse dualismo, portanto, é fundamental para entender Malafaia: ao lado da imagem do pastor dedicado, atuando estrategicamente para reforçar sua presença na mídia e arrecadação de fundos, há um empresário se afirmando como empreendedor e líder político.

Ele incorpora a síntese do pastor tradicional com o empresário moderno, que pode manobrar habilmente as forças do mercado para não apenas difundir sua mensagem, mas também ampliar sua base econômica. E, assim, a história que Malafaia tece – a do homem de família cristão fundido com o líder empresarial hábil – é muito profunda em sua ressonância com o público. Por um lado, ele representa os princípios da fé e da vida doméstica; por outro, um emblema de realização e riqueza, de acordo com as aspirações neopentecostais. Toda essa construção cumpre muitos objetivos diferentes ao garantir seu vínculo com o público, estender seu alcance e firmar seu lugar como um dos pastores mais influentes dos tempos atuais.

## 1.2 Malafaia e seu engajamento sociopolítico

É importante refletirmos sobre o período histórico em que acontece a ascensão das mídias evangélicas pelo país. Estamos falando do período de redemocratização do Brasil, da movimentação parlamentar na Assembleia Constituinte de 1987 e de como esta movimentação se mostrou proveitosa para o segmento evangélico nacional. Como defende o cientista político Jairo Nicolau, esses anos mostram o início de toda a movimentação em cadeia que transformaria os evangélicos na potestade que se configuram atualmente. Ou, em outras palavras, esse contexto histórico nos permite começar a conceber “como sorrateiramente um pequeno grupo começou a se ativar politicamente enquanto olhávamos para a Igreja Católica”<sup>39</sup>.

A obra de Guilherme Lopes (2021) nos é importante nesse sentido, embora não cite diretamente Malafaia – por motivos óbvios de irrelevância dessa figura em tal conjuntura – pois ajuda a compreendermos que o cenário de expansão midiática experienciada pelos neopentecostais não fora apenas fruto de uma excelente e rápida adaptação ao *marketing* midiático contemporâneo, mas seria também, e sobretudo, fruto de uma intervenção estatal idealizada e proporcionada pelos novos “políticos de Cristo”.

É nessa mesma época que o ainda jovem pregador pentecostal Silas Malafaia começa seu envolvimento com uma das instituições que mais o ajudaram em seu reconhecimento nacional: a IURD, juntamente com seu bispo fundador, Edir Macedo – instituição beneficiada

---

<sup>39</sup> Citação do prefácio do livro de Lopes (2021).

pela distribuição de concessões de rádio e TV no governo Sarney.<sup>40</sup> No entanto, iremos tratar com mais detalhes da relação entre Malafaia e IURD adiante.

Nos interessa nesse momento analisarmos como a ascensão midiática dessa figura também lhe deu a possibilidade e a autonomia de ser um *player* político, atuando como um líder de opinião que consegue interferir direta e indiretamente em diversas pautas sensíveis, impactando inclusive em resultados eleitorais de Municípios, Estados e até mesmo da Nação.

A ascensão do ministério eclesiástico de Malafaia, tal como seu poder de atuação na política nacional, sugerem estarem atrelados ao seu sucesso empresarial e ao *marketing* religioso. Nos seus negócios pessoais, o grande impulso, como ele mesmo diz, aconteceu quando conseguiu vender Bíblias em várias parcelas pela televisão. Até então, as editoras ofereciam o pagamento em apenas três vezes. Por meio de uma amizade com um membro evangélico da diretoria do Banco Cédula, no Rio, Malafaia conseguiu obter crédito para emitir boletos bancários e junto às operadoras de cartão de crédito. Em 2005, em apenas três meses, ele vendeu 100 mil Bíblias, que custavam 120 reais cada, parceladas em dez vezes sem juros – um feito até então sem precedentes no mercado (Pinheiro, 2011, p. 7).

A Associação Vitória em Cristo (AVEC) fundada em 2000 e a editora Central Gospel (1999) foram as instituições responsáveis pela manutenção e alavancagem do ministério do pastor. Em 2011, a Central Gospel era a segunda editora que mais vendia livros evangélicos no país, em torno de 1 milhão de exemplares por ano. E, assim como nos aponta Koren (2016), a Associação Vitória em Cristo, além de arrecadar doações para a manutenção do programa de televisão, também promovia conferências religiosas e projetos sociais, estes em casas de recuperação, penitenciárias, hospitais e comunidades.

Em relação aos eventos organizados pela associação, destacam-se o Congresso Pentecostal Fogo para o Brasil, o Congresso de Avivamento Despertai, a Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo (ESLAVEC) e a Cruzada Evangelística Vida Vitoriosa para Você. O Congresso Pentecostal Fogo para o Brasil é realizado anualmente desde 1997 e, segundo Koren (2016), conta com palestras de líderes de denominações brasileiras e internacionais, tendo como objetivo “motivar os participantes a aplicarem os ensinamentos ministrados durante o evento em sua vida diária” (2016, p. 14).

A ESLAVEC foi criada com foco na capacitação de líderes e acontece anualmente desde 2009, oferecendo cinco dias de “ensinamentos, aconselhamento, troca de experiências e

---

<sup>40</sup> Em *Evangélicos, mídia e poder*, Lopes vai tratar sobre como o fisiologismo político deu o tom das concessões de veículos midiáticos a parlamentares que se mostrassem favoráveis a pautas do governo Sarney (2021, p. 127).

motivação”. Koren destacava em 2016 que esse era o único evento em que os participantes tinham suas despesas cobertas pela associação, e, por isso, passavam por um processo de seleção. No entanto, curiosamente, a partir das últimas três edições, o ingresso deixou de ser gratuito, passando a custar cerca de R\$100,00 por participante.<sup>41</sup> Podem se inscrever ministros, seus cônjuges e dependentes.



Figura 4 – Divulgação ESLAVEC 2022.<sup>42</sup>

Os projetos sociais promovidos e patrocinados pela associação, conforme descrito no site da AVEC, incluem ações socioeducativas, reforço escolar, inclusão social, apoio em penitenciárias, recuperação de dependentes químicos e moradores de rua, entre outros, atendendo cerca de três mil pessoas diariamente.

Abrindo um parêntese, é importante salientar a problemática desses projetos empreendidos por megas ministérios, tais como o de Silas Malafaia. Magali Nascimento Cunha (2004) interpreta o investimento em atividades sociais como “uma característica das políticas

<sup>41</sup> As taxas de inscrição para o evento que costuma acontecer em novembro e tem a duração de 3 dias encontram-se disponíveis no site: <https://www.vitoriaemcristo.org/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

<sup>42</sup> Edição 200 da *Revista Fiel*. Disponível em: [https://issuu.com/vitoriaemcristo/docs/fiel\\_outubro\\_2022](https://issuu.com/vitoriaemcristo/docs/fiel_outubro_2022). Acesso em: 18 nov. 2023.

neoliberais, que incentivam a atuação de governos e empresas por meio de programas sociais para mitigar os efeitos da exclusão social”, mas que “não abordam ou alteram as causas estruturais ou políticas que criam a necessidade dessas intervenções”. Essas ações são vistas como uma forma de propaganda ou, no contexto religioso, de proselitismo. Além da caridade ou filantropia religiosa, a “responsabilidade social” é considerada pela autora como uma das mudanças no modo de agir das igrejas evangélicas após o advento do neopentecostalismo, que passaram a se estruturar de maneira semelhante a empresas.

Segundo Magali Cunha, esse “é um movimento próprio das políticas neoliberais que preveem a ação dos governos e empresas por meio de programas sociais que amenizem os efeitos da exclusão social (daí um significativo número de programas sociais, fundações, etc.)” (Cunha, 2004, p. 90). Essa suposta preocupação com a responsabilidade social, alienada do dever de combate aos agentes que promovem tal circunstância de dependência, abriu margens a grupos religiosos mal-intencionados. Cunha ainda conclui:

As intervenções estão sob o rótulo “Responsabilidade Social”, cujo propósito primeiro é o chamado “marketing social” [...]. Da mesma forma as igrejas investem em trabalhos sociais desprovidos de análise crítica em relação ao funcionamento da sociedade e de atuação perante as causas dos efeitos que eles visam a atingir. Além disso, na mesma linha das empresas, as igrejas utilizam-se da ação social como proselitismo, para conquistar maior número de consumidores/adeptos, ou como *marketing* institucional – para construir imagem positiva com o grande público. (Cunha, 2004, p. 90-91)

Ao longo de sua trajetória, Malafaia se tornou, midiaticamente falando, muito maior que as instituições as quais idealizou ou preside. Defendemos que a causa disso foi ascensão e consolidação da internet, sobretudo tratando-se da instantaneidade informativa das redes sociais. Não é sem motivo a quase completa abdicação do líder por minutos de TV. A adaptação de sua mensagem e suas características comunicativas encontraram um frutífero terreno nas redes sociais. Nessa perspectiva, é relevante compararmos suas redes sociais com as de outros líderes neopentecostais que outrora, na era das mídias analógicas, obtinham maior destaque em comparação a Malafaia.

Seu padrinho midiático, Edir Macedo, atualmente tem cerca de 1,9 milhões inscritos no *YouTube* e pouco mais de 1,5 milhões de seguidores no *Instagram*. É bem verdade que, diferentemente de Malafaia, Macedo tem seu nome fortemente associado à sua instituição, promovendo uma propulsão simbiótica nas redes sociais entre sua mensagem e a mensagem da instituição que preside. Algo que não acontece diretamente no caso de Malafaia.

Já R. R. Soares, cunhado de Edir Macedo e um televangelista de muito sucesso no Brasil, conta com pouco mais de 440 mil inscritos em seu canal do *YouTube* e cerca de 500 mil

seguidores no *Instagram*, que, inclusive, é sua rede social com maior engajamento. Assim como Macedo, R. R. Soares tem sua imagem arraigada à instituição que idealizou e preside.

Em comparação aos líderes anteriormente mencionados, Malafaia apresenta uma estratégia comunicativa que o faz ser considerado hoje o líder pentecostal mais seguido das redes sociais, além de ser uma das figuras religiosas brasileiras com maior destaque nesse sentido. Atualmente (2024), Malafaia conta com pouco menos de 2 milhões de inscritos em seu canal no *YouTube* e cerca de 4.3 milhões de seguidores em sua principal plataforma, o *Instagram*.<sup>43</sup>



## Silas Malafaia Oficial ✓

@SilasMalafaiaOficial · 1,89 mi de inscritos · 3,5 mil vídeos

Incansável pregador do evangelho desde a sua juventude, p

[instagram.com/silasmalafaia](https://www.instagram.com/silasmalafaia) e mais 2 links

Inscrever-se

Figura 5 – Canal Oficial no *YouTube*.



silasmalafaia ✓

Seguir

Enviar mensagem

+8

...

10.577 publicações

4,2 mi seguidores

123 seguindo

Pastor Silas Malafaia

silasmalafaia

- Uma voz em defesa da Verdade
  - Pastor presidente da @advecoficial
- [keepo.io/silasmalafaia](https://keepo.io/silasmalafaia) + 2

Seguido(a) por f.barross, oficialdanielbritojr e outras 21 pessoas

Figura 6 – Conta Oficial do *Instagram*.

Nos parece claro que a perspicácia e aptidão comunicativa de Malafaia o fizeram empreender e vislumbrar um nível de interação ainda inédito entre um líder pentecostal para com suas ovelhas. Ademais, como um verdadeiro líder de opinião e um consciente *player* político, suas opiniões também viraram referência para um nicho social que dispõe de uma cosmovisão intolerante e preconceituosa, grupo este que politiza a sua fé ao alinhá-la aos ideais da extrema direita brasileira.

<sup>43</sup> Todas as informações foram checadas nas respectivas contas oficiais e verificadas dos pastores.

## 2 COMUNICAÇÃO MALAFALIANA: FATORES DE POTENCIALIZAÇÃO

A comunicação em diferentes períodos históricos foi favorecida por diversos fatores. Os sublitteratos em períodos da Revolução Francesa, por exemplo, desenvolveram um método de atrair os leitores ao produzir uma literatura que estimulava a imaginação da população – algumas delas proibidas pelo seu teor – que rejeitava, por sua vez, os grandes nomes da filosofia daquela época (Krüger, 2010). Quanto aos tempos de Segunda Guerra Mundial, Cesar (2019) chama a atenção para a “*two step flow of communication*” apreendida por Lazarsfeld<sup>44</sup> (1948) a respeito do LO, em que os meios de comunicação de massa transmitiam a informação à sociedade, e esse agente se encarregava de intermediar o acesso entre meios de comunicação e a população, alterando o sentido do que viria a ser apreendido – tema que será tratado mais adiante. Na contemporaneidade, no entanto, os desafios comunicativos são superados cada vez mais por elementos que favorecem a rápida difusão de ideias, o fácil acesso à informação e a instantânea intervenção do LO. Caberia dizer que a comunicabilidade de um LO ligado ao campo religioso se tornou e se torna cada dia mais potente devido às diversas plataformas digitais com as quais ele pode trabalhar. No caso de um LO que acumula a função de líder religioso, como o pastor Malafaia aqui estudado, essa potencialidade atinge níveis ainda mais elevados, já que, para além da influência secular em geral, o líder religioso evoca de seus seguidores – das redes digitais ou não – a fé e a confiança de que estão sendo guiados não apenas por um homem instruído, mas também por um “homem de Deus”.

Acreditamos que alguns fatores, que merecem destaque, vêm potencializando a comunicação malafaliana, tais como a “religiosidade tecnológica” e o “ativismo digital” trabalhados respectivamente por Aguiar (2019, 2020, 2021) e por Cunha (2019a; 2019b), os quais nos ajudam a pensar a vida midiaticizada dos evangélicos, além de nos proporem ferramentas para analisar a espiritualidade permeada pelas novas técnicas e como isso interfere no cotidiano do fiel e na sua relação com o LO. Ademais, outro fator que nos chamou a atenção são os movimentos de grupos religiosos em prol do que Peter Berger (2002) chamou de “dessecularização”. A partir deste viés, nos enriquece o debate acerca do proselitismo evangélico contemporâneo e sua estrita relação com pautas conservadoras e de extrema direita,

---

<sup>44</sup> Os estudos de Lazarsfeld em 1940 apontaram a relevância do papel de influência do líder na sociedade de massa. Assim como levantado por Cesar (2019, p. 86), “É importante resgatar que na construção proposta por Lazarsfeld, a partir da dinâmica de influência do LO sob o restante da população, são possíveis três efeitos distintos. O primeiro, (a) efeito de ativação, em que uma possível tendência se torna um voto efetivo; o segundo, (b) efeito de reforço, em que a opinião do líder serve para confirmar a decisão já tomada pelo indivíduo; e o terceiro, (c) efeito de conversão, relacionado à mudança de opinião referente a um candidato”.

o que pode provocar uma ligeira confusão entre proselitismo religioso e ativismo político. Por fim, achamos interessante a análise da formação do próprio LO contemporâneo como um dos fatores potencializadores da comunicação do pastor *influencer*. Nesse sentido, estudar a formação dessa figura também implica estudar seus seguidores e o cotidiano no qual estes seguidores estão inseridos. Heller (2016) e Cesar e Saldanha (2019) podem nos auxiliar nessa reflexão.

## 2.1 A Religiosidade Tecnológica e o conceito de *Bios midiático*

Um dos grandes equívocos de quem ousou “profetizar” sobre o rumo das religiões em um mundo permeado pela técnica foi a suposição de que essa mesma técnica substituiria a necessidade do homem pela mística, ou pela expressão de espiritualidades, já que esse homem se veria suficientemente capaz de produzir e garantir o progresso ou o simples sustento através do desenvolvimento das técnicas e tecnologias. O fato é que as projeções baseadas no sintagma “desencantamento do mundo” desenvolvido por Weber em suas obras sofreu com seu próprio “desencantamento”, ou – para se evitar o trocadilho – sua reavaliação. O que nos parece é que a sociedade, ao invés de se desencantar, “desritualizar” ou dessacralizar o mundo hodierno, está aplicando novas formas de encantamento, ritualização e sacralidade. Deste vasto e inesgotável assunto, cabe-nos apenas a possibilidade de refletir acerca da espiritualidade contemporânea e entender as técnicas e tecnologias digitais em um âmbito que rompa com a ideia do uso desta técnica apenas como ferramenta disponível do campo religioso, ou seja, que se afaste da limitada noção de utilitarismo, pois confiamos também que refletir sobre a religiosidade contemporânea significa considerar o contexto tecnológico em que vivemos, reconhecendo que, além de servir às práticas religiosas, a técnica em si possui uma dimensão sagrada (Aguiar, 2019, p. 2).

Desse modo, o conceito de Sacralidade Digital (Aguiar, 2014) instigou-nos a reavaliar a potencialidade que esse novo tipo de religiosidade pode ter na comunicação de seus líderes, com o foco da análise sobre a comunicação malafaliana, haja vista que esses mesmos acumulam e desempenham a funções de líderes de opinião e, em alguns casos, *influencers* digitais (Cesar; Saldanha, 2019), engajando sistematicamente grande bloco evangélico em prol de determinadas pautas, assunto que trataremos com mais detalhes em outro tópico. Ademais, através da reflexão sobre a espiritualidade na era das redes, nos parece urgente a compreensão de como a comunicabilidade desses líderes, em especial o pastor Silas Malafaia, aparenta apreender a gravidade dessa relação intrínseca da técnica com a mística que permanece em nossos dias.

Aguiar, parafraseando o filósofo francês Gilbert Simondon, chega a defender que “a relação do homem no mundo é um vai e vem entre o tecnicismo e a religiosidade, formando uma simbiose inseparável. No limite, a própria essência da técnica inclui a religiosidade” (Aguiar, 2019, p. 4). E nesse sentido acreditamos que uma breve análise histórica sobre a relação dos pentecostais com as mídias no Brasil pode exemplificar bem como a religiosidade e a mística sempre estiveram de alguma forma imbricadas na técnica, seja inclusive como expressões resistentes a novas tecnologias.

Em 1957, em um dos anos iniciais do *boom* fomentado pela TV como a mais nova e revolucionária mídia no Brasil, a Convenção Geral das Assembleias de Deus, reunida na AD de Belo Horizonte (MG), debateu sobre a possibilidade do uso dos aparelhos pelos crentes assembleianos. O corpo opinante, imbuído de um espírito bastante intransigente a respeito de aberturas a novos costumes, vetou o uso dos aparelhos pelos membros da igreja, sob pena de exclusão àqueles que obtivessem ou apenas assistissem à programação (Costa, 1993 *apud* Araújo, 2015, p. 843). A mística em torno dessa nova tecnologia inflamava o imaginário e as superstições, significando para eles algo para além da pura técnica, como uma ameaça à integridade de sua espiritualidade e à qualidade da profissão de fé. Araújo lembra que, em 1968, na quarta convenção após o encontro em BH, a pauta foi levantada novamente. O corpo congressista foi dividido em dois blocos, excetuando aqueles que se limitaram ao papel de atenuar a disputa. Na ocasião, o pastor José Pimentel de Carvalho usou de duas propostas argumentativas para o não uso dos aparelhos; chegando a usar artigos de jornais seculares, o pastor discorreu sobre os perigos do meio de comunicação e uma suposta “desumanização da humanidade” por meio dele no futuro. No entanto, o que mais nos chama a atenção é o segundo argumento, quando demonstrando profunda preocupação, disparou: “o crente que tem uma televisão em sua casa está roubando a espiritualidade de seus familiares”<sup>45</sup> (*Ibid.*, p. 844). Pode-se crer que, até o final dos anos 70, a demonização da TV estava bem presente em algumas igrejas mais tradicionalistas, o que começou a mudar devido à introdução de pastores pentecostais na programação, sendo um dos pioneiros o pastor Silas Malafaia, estreando com o

---

<sup>45</sup> A ala favorável à aceitação do uso dos aparelhos pelos crentes, embora presente, pareceu bastante tímida e receosa de ser taxada como “libertinos”, afinal a prática de se assistir ao “demônio quadrado” era um grande tabu. Ao final do congresso foi mantida a proibição do uso e aquisição dos aparelhos de TV, tanto pelas lideranças como pelos membros comuns. Dessa vez, a restrição foi mais incisiva e registrada: “Em 1969, o *Mensageiro da paz* publicou a resolução convencional sobre o tema, com o seguinte teor: Considerando os efeitos maléficos que os programas de televisão têm causado à comunidade evangélica, principalmente à família, a Convenção Geral resolveu aprovar a seguinte proposta: 1) Os pastores e evangelistas das AD no Brasil não devem usar aparelhos televisores; 2) Os que já possuem, devem desfazer-se deles até a próxima Convenção; 3) Os obreiros devem recomendar às igrejas que se abstenham do uso de televisores; 4) Que os que possuem desfaçam-se dos mesmos, a fim de evitar suspensão” (Araújo, 2015, p. 845).

programa Renascer em 1981. Aos poucos, a rigorosa rejeição ao meio de comunicação dá lugar a um entusiasmo evangélico pela possibilidade de alcance – ao mesmo tempo que abre espaço, sobretudo com a aquisição da TV Record pela IURD em 1989, às forças dessecularizantes e à possibilidade de meio de defesa e ataque em nome da fé, como aconteceu na década de 90 com os grandes embates envolvendo a figura do Bispo Edir Macedo, denúncias escandalosas da TV Globo e os pronunciamentos de Malafaia em defesa do Bispo e da IURD.<sup>46</sup>



**Figura 7** – Frame de vídeo no *YouTube*.<sup>47</sup>

Essa possibilidade de “contra-ataque” em proteção de sua expressão religiosa continuou – embora de uma outra forma – inflamando o imaginário religioso, indicando a permanência e inseparabilidade da técnica e da mística. Trataremos melhor desse tema no próximo tópico.

---

<sup>46</sup> Vale lembrar alguns fatos marcantes desse cenário da década de 1990: além da prisão de Edir Macedo em maio de 1992, acusado de charlatanismo, Freston (1993) relembra o fato da investigação da Polícia Federal sobre a compra da Record. Além do suposto empréstimo que a IURD teria concedido a longo prazo e sem juros ao bispo – o que é ilegal por se tratar de uma instituição com isenção fiscal e sem fins lucrativos –, Macedo estava sendo acusado por um ex-pastor da Universal, Carlos Magno, de ter recebido um financiamento de 1 milhão de dólares de um traficante colombiano. Este último caso foi posteriormente “desmentido” pelo veredito judicial. Outro cenário agitado, descrito por Mariano (2014), se deu em 12 de outubro de 1995, com o caso que ficou conhecido como “o chute na Santa”, em que um pastor Iurdiano havia desrespeitado em rede nacional a imagem da Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, isso em pleno feriado de comemoração em sua homenagem. Este último fato nos leva a considerar o alto nível de instabilidade que a postura da IURD trouxe para a relação entre evangélicos e católicos naquele período. A mídia (Globo), os católicos e qualquer um que se envolvesse com eles eram vistos como “inimigos”.

<sup>47</sup> Silas Malafaia defendendo a Universal no programa 25ª Hora na emissora Record. Disponível em: <https://youtu.be/g9y7litDeKA?si=ncXWSd88Jnc-T9nd>. Acesso em: 17 de ago. 2023.

Com a revolução midiática proporcionada pela internet neste século, a comunicabilidade ganhou novas proporções com o veloz desenvolvimento de uma nova forma de vida não institucionalizada, a qual Muniz Sodré (2002, 2015) chama de bios virtual ou *bios midiático*. Embora o autor *a priori* quisesse com essa conceituação evidenciar a impregnação da ideologia estadunidense no mundo – fenômeno que ironicamente também causa profundas mudanças no modo pentecostal brasileiro de ritualizar e comunicar –, aqui mais nos interessa a sua noção de *bios* como a “terceira natureza” humana. Esse novo “ecossistema” nos ajuda a entender a potencialidade de comunicação de líderes e em que “níveis comunicativos” eles trabalham, na medida em que estimulam a interação de pessoas distantes em prol de causas comuns, somando ainda uma indistinção perigosa entre tela – virtualidade – e o que de fato é real. Um episódio mais recente pode nos ajudar a exemplificar o que estamos propondo. Em abril de 2020, Malafaia criou um canal na rede social *Telegram*. O nome escolhido para o canal dá o tom das motivações pelas quais ele fora criado: “Silas Malafaia SEM CENSURA”. No primeiro vídeo do canal, Malafaia, com sua introdução característica, explica a iniciativa:

Olá, povo abençoado do Brasil. Bem-vindo ao meu Telegram. Aqui não tem censura! É uma vergonha a censura que o Facebook e o Instagram fazem. Se você falar alguma coisa da Globo ou de gay, é censurado na hora. Tem um Monte de vídeo lá esculhambando pastor evangélico e não tem censura [...] Sabe o que aconteceu? O rapazinho aí que tem milhões de pessoas na sua rede chamado Felipe Neto teve que pedir arrego na justiça porque ele me caluniou e teve que retirar o que falou. Juntou com os esquerdopatas que me odeiam e exerceram um bombardeio para meus vídeos caírem [...]. Só, como eu disse, quem me cala é Deus, está aqui para você ver e você pode espalhar nas suas redes esse vídeo que não tem como derrubar [...] (Malafaia, 2020a)<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Este pronunciamento, diferentemente dos que viriam a ser lançados posteriormente, não tem título ou chamada, é apenas uma explicação do motivo da criação daquele canal. Por ser tratar de um vídeo curtíssimo, não especificaremos os minutos e segundos de suas falas. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 3 de abril de 2020. 1 vídeo (1min.). Acesso em: 25 mar. 2023



Figura 8 – Imagem do perfil no Telegram.<sup>49</sup>

A partir da ideia de perseguição religiosa – assim como nos embates contra a Globo na década de 90 aqui relatados – Malafaia constrói algumas narrativas irreais, mas que fomentam o ativismo em prol de causas comuns nesse novo ecossistema das redes. Em primeiro lugar, o pastor cria a ideia de “censura arbitrária” ao conteúdo conservador e religioso por duas plataformas digitais, ao mesmo tempo que dá ao *Telegram* o poder místico-tecnológico de ser um “refúgio” para seus seguidores terem acesso direto e “sem censura” aos seus conteúdos. Em segundo lugar, Malafaia promove o sentimento de injustiça e perseguição, dizendo que teria sido caluniado pelo digital *influencer* Felipe Neto e que estava sendo alvo de ataques dele e de seus aliados, motivo pelo qual acabou tendo seu conteúdo excluído das redes.<sup>50</sup>

Curiosamente, no mesmo dia da criação do canal, poucos minutos depois foi lançado outro vídeo (não disponível em seu canal no *YouTube*) com o título: “Está Provado! A farsa da

<sup>49</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>50</sup> Na verdade, Felipe Neto denunciou criminalmente o pastor em duas ocasiões: primeiro por tê-lo chamado de “bandido” e “canalha” em suas redes sociais em 2019, e novamente em 2020 por ofendê-lo, chamando-o de “lixo” e dizendo que ele “pervertia crianças e adolescentes” através de seus vídeos. Malafaia fez um acordo com o Ministério Público num valor de 24 salários-mínimos. Para mais sobre o assunto, consultar: “Fiel a Bolsonaro, Silas Malafaia faz acordo com Felipe Neto”. *RDI*. 25 de jun. de 2022. Disponível em: <https://rd1.com.br/fiel-bolsonaro-silas-malafaia-faz-acordo-com-felipe-neto-apos-ser-alvo-de-processos/>. Acesso em: 20 mar. 2023. Também: “Felipe Neto moverá processo contra Silas Malafaia”. *ISTO É*. 22 de set. de 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/felipe-neto-movera-processo-contra-silas-malafaia/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

quarentena no Brasil. Bolsonaro está certo!”. Ele começa sua fala com o seguinte alerta: “Povo abençoado do Brasil, vocês estão sendo enganados por uma quarentena de araque”. Malafaia alega ter enviado gente de sua confiança, em plena pandemia, para andar pelas ruas de algumas Comunidades do Rio de Janeiro para provar que a quarentena era uma farsa e que na Comunidade (Favela) ninguém havia parado com suas atividades cotidianas. Logo após mostrar os vídeos, e acusar governantes e mídias pela criação desnecessária de uma quarentena, que, segundo ele, apenas visava ao lucro, Malafaia promove algumas desinformações que no contexto do *bios midiático* podem promover danos de proporções incalculáveis:

Se esses caras tão falando aí de catástrofe de coronavírus, já era para ter acontecido e morrido centenas de milhares. Sabe o que interessa a quarentena aos governantes? Ah! Coitado do povo lá. A licitação está liberada. Dívida?! Tá liberada, não precisa pagar. Tem um jogo por baixo! Aumentou a audiência da TV, aumentou o número de assinatura de jornais [...] Não vai ter catástrofe no Brasil!<sup>51</sup> [...] Essa quarentena é uma verdadeira piada desde que ela começou. Eu conheço o diretor do hospital Gaffrée, aqui no Rio, um cara sensacional, um gestor de saúde incrível, não tem uma pessoa internada em um hospital federal em UTI por coronavírus. Não tem uma! Não tem uma! [...] E eu termino meu vídeo como tenho terminado todos esses vídeos: Em nome de Jesus, não vai ter nenhuma catástrofe no Brasil de coronavírus [...] Não seja enganado, o Presidente Bolsonaro tá correto no que ele está falando, está correto! (Malafaia, 2020b)<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Segundo o site oficial Coronavirus Brasil com os dados proporcionados, até pelo menos o mês de maio de 2023, foram mais de 37 milhões de casos registrados, e exatamente 702.907 mil casos de óbito ocasionados pelo coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 maio 2023.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 3 de abril de 2020. 1 vídeo (5 min.). Acesso em 25 mar. 2023. O diretor ao qual Malafaia se refere na época era Fernando Ferry (3min43s), que virou alvo de investigação da Polícia Federal na qual era suspeito de participar de fraude em compra de EPIs contra a coronavírus, aproveitando-se justamente da facilidade nos tramites de licitação à qual Malafaia se refere no vídeo. Para mais informações sobre esse assunto, ver: “Fernando Ferry, ex-secretário de saúde do RJ, é alvo de operação da PF contra suspeita de superfaturamento em hospital”. *G1*, Rio de Janeiro. 10 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/02/10/pf-cumpre-mandados-no-rj-contrasuspeita-de-fraude-na-saude.ghtml>. Acesso em: 22 mar. 2023.

## ESTÁ PROVADO! A FARSA DA QUARENTENA NO BRASIL. BOLSONARO ESTÁ CERTO!



**Figura 9** – Frame de vídeo do *Telegram*.

Para além do trágico desfecho da pandemia no Brasil que tivemos o desprazer de acompanhar, esses episódios são válidos para analisarmos a utilização desse novo ecossistema por Malafaia, que, ao oferecer uma outra realidade aos seus seguidores, conquista engajamento simulando uma relação de proximidade com eles, ao mesmo passo que se reforça como uma “Autoridade” ao direcioná-los a um espírito de “discipulado silencioso”, não demandando nem permitindo deles uma “interlocação”, já que no canal mencionado não há espaço para comentários, reações, perguntas ou respostas aos vídeos, embora haja mais de uma forma de compartilhamento. Apesar disso, Malafaia trabalha na construção de vínculos com seu seguidor na medida em que o convoca a participar da defesa dos valores cristãos e do – comumente referido por ele – paradigma ocidental. Neste contexto, concordamos com Cesar e Saldanha (2019) quando defendem que

[...] a internet proporcionou então uma simulação de um ambiente interfacial onde, mediante à apropriação da técnica, é possível manter laços que se assemelham ao contato interpessoal [...] Esta construção social viabiliza um ambiente propício para o líder de opinião atuar por meio de conversações em rede com outras pessoas em um ambiente de proximidade. (p. 181)

Esta afirmação conversa inclusive com as reflexões acerca do *bios midiático* no contexto contemporâneo, já que a nova forma de religiosidade demandada pelos mesmos líderes perpassa e constrói diversas narrativas com velocidade e proporções inéditas.

Sodré contribui novamente com nossas reflexões quando diz que

O bios midiático é uma espécie de clave virtual aplicada à vida cotidiana, à existência real-histórica do indivíduo [...] estamos imersos na virtualidade midiática, o que nos outorga uma forma de vida vicária, paralela, “alterada” pela intensificação da tecnologia audiovisual conjugada ao mercado. (Sodré, 2015, p. 107)

Isso além de provocar a já mencionada “indistinção da realidade”, que, embora perigosa, pode ser extremamente atraente para grupos que embasam suas convicções em um fundamentalismo religioso. Como Sodré bem faz questão de apontar, esse bios lida com uma “inflexão exacerbada do imaginário”, a qual consideramos que vem se mostrando bastante ardilosa. Nesta perspectiva, pudemos refletir que a comunicabilidade desses líderes parece atender à procura dos indivíduos por uma experiência de fé nos novos parâmetros de uma sociabilidade digital, que, por sua vez, atende a uma lógica diferente:

Na época digital, a religiosidade é ainda mais aberta e transitória, uma religiosidade que não está dada, mas depende de inúmeras interações com atores sociais, instituições e, sobretudo, com circuitos informativos. Nas redes digitais há possibilidade de construir interativa e colaborativamente uma religiosidade temporária e provisória, em outras palavras, a sacralidade digital possibilita uma religiosidade “on-demand”, fruto da mística do digital, uma mística do acesso [...] A palavra conexão nada mais é do que o próprio culto pelo qual se manifesta a vocação de toda comunidade nascente a se ligar em um estado de comunhão por meio de uma comunicação. (Aguiar, 2019, p. 10)

Esse culto provocado pela “mística do acesso”, que produz uma comunhão entre determinada comunidade, está, sem dúvida, no cerne da nossa reflexão, já que tanto essa sacralidade tecnológica/digital quanto o bios virtual nos parecem produzir um novo tipo de adesão às religiosidades, na medida em que proporcionam a experiência de uma “religação” temporária e conveniente.

Consideramos que os dois conceitos centrais trabalhados nesse tópico são fundamentais para tentarmos refletir sobre a completude da comunicação malafaliana, além de servirem como ferramenta metodológica para se pensar a comunicação de outros líderes. A questão que nos é primordial é ponderar a potencialidade que essa comunicação ganha com os adventos de uma nova prática de fé e religiosidade imbuída e permeada pela técnica das redes digitais somados a essa “nova forma de consciência coletiva” (*bios midiático*) capaz de substituir e criar realidades que estejam de acordo com a moralidade ideal prescrita pelo seu grupo. Esses conceitos, portanto, nos ajudam a entender o nível de interação e organicidade de grupos

religiosos que vêm tendendo às demandas de uma agenda reacionária, engajando-se pelas redes sociais, com ações ordenadas. Tema que trataremos no próximo tópico.

## **2.2 Ativismos políticos como proselitismos e vice-versa**

O ativismo político conservador no Brasil, com seu hibridismo entre secular e religioso característico e sua constante desarmonia com a laicidade prevista pela constituição, vem crescendo em uma velocidade significativa nas últimas duas décadas. Podemos afirmar que diversos fatores e episódios proporcionaram essa disseminação, e mais: nos principais episódios que marcam essa crescente, pudemos ver a agência direta de líderes religiosos, tendo Malafaia um protagonismo indiscreto entre eles. Com a ajuda de Cunha (2019a, 2019b, 2022), ao apontar o recorte temporal e os fatores que fomentaram os activismos, e, ainda, com a ajuda de Cesar e Saldanha (2019, p. 185), com ênfase nos episódios que potencializaram esses fatores, pudemos detectar o que acreditamos ser o início da formação da onda do ativismo evangélico brasileiro e mapear as diretrizes comunicativas de Malafaia nesse período como um já consolidado LO.

A partir de 2010, a temática que mais revigorou as bandeiras conservadoras da bancada evangélica e das lideranças religiosas direcionando os evangélicos brasileiros a uma participação política “em bloco” foi a pauta acerca dos direitos da comunidade LGBTQIA+ (Cunha, 2019a), mais especificamente debates acerca de “identidade de gênero”, conceito que fora apelidado por Malafaia e parcela dos evangélicos conservadores de “ideologia de gênero” – como fica bem claro, o uso de “ideologia”, neste caso, é feito “para deslegitimar os estudos sobre gênero, conferindo características de ideais e paixões movidas por uma ideologia acusada de ter como propósito corromper as instituições sociais, como a ‘família tradicional’” (Cesar; Saldanha, 2019, p. 185). Como bem nos lembram as autoras, essa pauta já se encontrava em caloroso debate público desde 2009 por dois principais episódios que aconteceram na segunda metade daquele ano: em junho, destaca-se a altíssima repercussão da transição do personagem transgênero Ivan na novela das 9h *Força do Querer*, e, em outubro, houve a interrupção e o encerramento da exposição *Queermuseu*, que tratava de questão de gênero, que ocorria no Santander Cultural em Porto Alegre. Nesse contexto, Malafaia liderava pelas suas redes sociais os pronunciamentos de ataques a grupos que defendiam as pautas de direitos da comunidade LGBTQIA+. Os desdobramentos desses episódios foram muitos, inclusive campanha de boicotes à emissora de TV e à marca de cosméticos foi liderada pelo pastor como prática de ativismo conservador.

Nessa perspectiva, um grande ponto que consideramos crucial para a crescente do ativismo evangélico e a potencialidade comunicativa proporcionada por essa sacralidade digital, da qual já tratamos, são os efeitos de dessecularização (Berger, 2002), conceito intrinsecamente representado nos episódios narrados anteriormente e nos exemplos de ativismos que virão a seguir; estes exemplos são importantíssimos para se apreender um pouco da trajetória desse grupo e seus líderes. Segundo Aguiar, “o advento das mídias de massa está, tradicionalmente, associado ao processo de secularização porque é igualmente um dos traços da modernização. Por meio dessas mídias teria havido uma intensificação da independência da esfera pública do imaginário religioso” (Aguiar, 2020, p. 602). Esse efeito acontece pois a potencialidade proporcionada pela secularização se deu através do “processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são [foram] subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (Berger, 2011, p. 119). Segundo Berger, a secularização teria acabado com o monopólio das tradições, além de abrir a concorrência para novas religiões e tipos de religiosidades. E é exatamente nesse ponto que as igrejas evangélicas brasileiras e a comunicação dos líderes religiosos se inserem, já que o seu poder midiático está intrinsecamente ligado a esses processos.

No entanto, paradoxalmente, esse grupo se apresentou no campo com uma postura bastante ambígua, sobretudo em relação às posturas políticas. Na medida em que seu objetivo era acabar com o monopólio da Igreja Católica na segunda metade do século 20, propostas que recorriam à secularização eram vistas com bons olhos, no entanto, tempos depois, receosos com a perda de prestígio da religião, começaram a travar verdadeiras batalhas para garantir poder e visibilidade na esfera pública, garantindo também um efeito dessecularizador (Sofiaty, 2015), crescente, sobretudo, nos primeiros decênios deste século. Em outras palavras, acreditamos que esse sentimento de “perda” de monopólio religioso, curiosamente iniciado por eles mesmos, tenha incitado uma espécie de ressentimento do grupo e provocado uma gama de ativismos produzidos por esse efeito dessecularizante arraigado também em seu engajamento atual nas mídias e redes sociais.

Acreditamos que, em nível de ilustração, seria útil trazer registros que encontramos ao analisarmos exemplares físicos da *Revista Fiel*<sup>53</sup>, administrada por Malafaia, que podem nos ajudar a mapear o impulso dessa onda ativista.

---

<sup>53</sup> O site da Associação Vitória em Cristo, que tem por idealizador o pastor Silas Malafaia, define a *Revista Fiel* da seguinte maneira: “A Revista Fiel é uma publicação mensal da Associação Vitória em Cristo (Avec), que você pode ler de onde estiver por meio de seu computador, celular ou tablet. Por meio dela, você fica por dentro do que tem acontecido nos projetos sociais, vê como temos investido os recursos dos Parceiros Ministeriais e ainda lê artigos edificantes dos pastores Silas e Elizete Malafaia.” As publicações começaram no ano de 2004 com

Tivemos acesso a mais algumas informações que podem confirmar o ano de 2010 como ano paradigmático desse entusiasmo evangélico. Em um primeiro lugar, pudemos perceber que a partir daquele ano foi incrementado como pauta da revista o tema “Cidadania”, que, geralmente, continha um artigo escrito pelo irmão de Malafaia, o pastor Samuel Malafaia, atualmente deputado estadual (PL) pelo Rio de Janeiro. Essa temática, que não fazia parte do sumário da *Revista* nos anos anteriores, começou, a partir de então, a ocupar lugar fixo. Em julho daquele ano, no número 62 da *Revista*, o artigo com título “Direitos Humanos?” dava o tom do ativismo empreendido.

Samuel Malafaia, ao discorrer sobre a breve história do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), criticava a nova versão do programa estabelecido em 2009 pelo decreto nº 7.037, assinado, no mesmo ano, pelo então presidente Lula. Segundo o pastor, esse programa havia causado grande controvérsia na sociedade e trazido “diversos pontos que se configuraram uma preocupação da Igreja evangélica”. O pastor prossegue: “Quem tem a Bíblia como regra de fé e de doutrina sabe muito bem que a prática do aborto é crime, pois se trata da eliminação de uma vida [...]” (Malafaia, Samuel, 2010).



**Figura 10** – Artigo publicado na *Revista Fiel* em julho de 2010.

Após citar as passagens bíblicas que embasavam seu pronunciamento, ele continua a dar ênfase ao que parece ser sua preocupação maior: “a prática do ‘homossexualismo’” – termo inapropriado; podemos dizer isso ao observar a quantidade de vezes que o tema aparece no artigo. Após fala preconceituosa, taxando os homossexuais como “abomináveis”, o pastor prossegue dizendo: “Conhecemos dezenas de ex-viciados e até ex-criminosos que hoje são pessoas dignas, pois foram alcançadas pela mensagem do evangelho e mudaram de vida. Há também, inúmeros exemplos de homossexuais que foram restaurados por Deus”.

---

distribuição gratuita e atualmente contém mais de 200 números. No entanto, apenas a partir de 2018 foram disponibilizadas de forma virtual. Para conferir: <https://www.vitoriaemcristo.org/revista-fiel/>. Acesso em: 01 maio 2023.

A seguir, ele alerta os leitores: “se for aprovada a ‘Lei da Mordação’, teremos nossos direitos de fé tolhidos ao sermos criminalizados por não concordarmos com práticas como a homossexualidade, a pornografia, a pedofilia, o divórcio, o aborto, o infanticídio, e outras”. Nessa mesma conjuntura sociopolítica, em setembro daquele mesmo ano, mês anterior ao primeiro turno das eleições presidenciais, um editorial especial da *Revista* traria na capa em destaque: “Um alerta importantíssimo aos evangélicos”. Nesta edição, Malafaia suprimiu o tópico “Cidadania” – publicado metodicamente na última página do periódico –, substituindo-o por um texto de sua própria autoria na primeira página, conclamando o povo evangélico à ação cidadã: “Durante as eleições não adianta orar”. Seguindo o mesmo tom alarmante que seu irmão usara meses antes, Malafaia declara:

Existem leis perigosíssimas tramitando tanto no Congresso Nacional quanto nas Assembleias Legislativas, criadas com o intuito de frear o crescimento da Igreja e tentar violentar os princípios cristãos [...] Querem aprovar o aborto e o casamento gay, querem cercear a imprensa, legalizar a prostituição, a maconha, a invasão de terras e de propriedades urbanas e rurais, e nós não podemos apoiar isso. (Malafaia, 2010b)

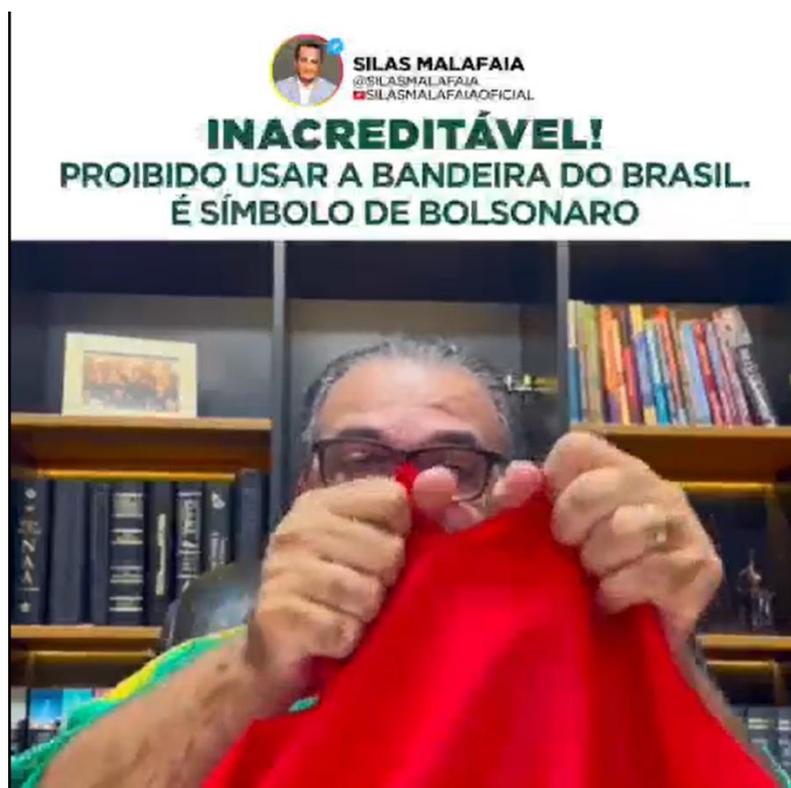
Esses tipos de alarmes fantasiosos com assuntos desconexos entre si fazem parte de uma, já mencionada, “inflexão exacerbada da realidade” predominante no *bios midiático* evangelical daquele contexto e que é típica na comunicação malafaliana ao direcionar seus seguidores, leitores e ouvintes simpatizantes a se engajarem em uma luta em “defesa de valores morais e da família”.

Ademais, é importante destacarmos que o ativismo evangélico nos últimos anos se potencializou sobre a figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (Aguiar, 2020) como representante do conservadorismo e guerra contra a esquerda, embora nem sempre tenha tido o apoio de lideranças evangélicas.<sup>54</sup> Essa militância digital ascendente na eleição de 2018 e na tentativa de reeleição do ex-presidente quatro anos depois, além de criar uma realidade alternativa, também aponta para o uso e a produção de discursos de ódio “atenuados”. Em 15 de junho de 2022, Malafaia, em seu canal no *Telegram*, posta vídeo com a seguinte chamada: “INACREDITÁVEL! Proibido usar bandeira do Brasil. É símbolo de Bolsonaro”. No início do registro, o pastor mostra título e subtítulo de uma reportagem da *Revista Veja* que evidencia a opinião de uma Juíza Eleitoral sobre o simbolismo da bandeira brasileira naquele contexto do País, avaliando o uso do símbolo como forma de propaganda eleitoral em determinadas

---

<sup>54</sup> Antes das eleições de 2018, Malafaia já havia mais de uma vez externado sua desconfiança sobre a pessoa de Bolsonaro ser capaz ou competente para comandar uma nação.

conjunturas, e que isso deveria “obedecer aos requisitos legais”.<sup>55</sup> Suprimindo a completude da opinião da Juíza – inclusive o trecho em que ela deixa clara sua opinião sobre a ostentação do símbolo em outras situações: “não existe mal nenhum nisso” –, Malafaia, envolto em uma bandeira do Brasil, depois de supor que a então Juíza poderia ser uma “esquerdopata ou petista”, rasga ao meio uma bandeira comunista dizendo: “[...] com essa porcaria aqui a gente faz isso aqui [rasga], e joga no lixo”. Na tentativa de atenuar sua atitude radical, Malafaia diz: “não é pra atacar as pessoas que usam vermelho, nós temos que aprender a respeitar as pessoas, mas isso ali é lixo. Isso aqui não [sacudindo a bandeira do Brasil], isso aqui é nacionalismo” (Malafaia, 2022c).<sup>56</sup> Mesmo ao mitigar o ódio embutido em sua fala, Malafaia evidencia o tom de seu ativismo ao colocar o “nós” contra “eles” em toda a sua exposição, oferecendo um temperamento e atitudes que propiciam altos níveis de engajamentos nas redes sociais; Malafaia manteve essa gradação de militância durante todo o período de propaganda eleitoral.



**Figura 11** – Frame do momento em que Malafaia rasga bandeira vermelha com a foice e o martelo.

<sup>55</sup> Vale consulta à matéria da *Revista Veja*, sobretudo para se entender o contexto eleitoral e o simbolismo da bandeira da nação naquelas conjunturas. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/juiza-eleitoral-diz-que-bandeira-do-brasil-virou-simbolo-de-bolsonaro/>. Acesso em: 4 mar. 2023.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 15 de jul. de 2022. 1 vídeo (2 min.). Acesso em: 29 mar. 2023

Cabe destacar a gravidade que o compartilhamento de um de seus vídeos possa ter para seu seguidor. Não se trata apenas de uma atitude simples de compartilhamento de informação; neste caso, a mística da qual já tratamos estará presente com ele no ato de compartilhamento. Divulgar ou espalhar a mensagem do seu pastor ou de seu “líder espiritual” carrega consigo uma magnitude que acreditamos ser de difícil compreensão. Aguiar, ao tratar das *Fake News* distribuídas no período que antecedeu as eleições de 2018, defende que:

Mais do que se perguntar se, de fato, os eleitores acreditam no que está sendo divulgado, importaria compreender que compartilhar um desses memes tinha uma dimensão quase religiosa, pois reforçava os laços e a subjetividade do grupo. Jair Bolsonaro, antes de indutor desses processos, foi o emblema em torno do qual se congregou essas redes, uma escolha que simbolizava o repúdio à representação política moderna tradicional, servindo, ao mesmo tempo, para canalizar sentimentos e paixões comuns. (Aguiar, 2020, p. 621)

Em outras palavras, o que dá ainda mais peso à comunicação de LOs religiosos é que o ativismo empreendido por eles já é parte indistinguível de sua expressão de religiosidade. Nesse sentido, a militância contra tudo o que seus líderes promovem como “degradação” dos valores morais da sociedade é também uma expressão de defesa da fé. Por conta disso, Aguiar chega a sugerir que, no limite, para esse grupo não há distinção entre o proselitismo e o ativismo político (Aguiar, 2020).

O alcance da comunicabilidade dos líderes que gera ativismos e proselitismos, por sua vez, também levanta a reflexão sobre a readequação das autoridades tradicionais para o ambiente digital. Aguiar (2020), contando com a ajuda de Cheong (2012), defende que a nova dinâmica das redes digitais teria forçado as autoridades religiosas a se adequarem à linguagem e à postura para tais ambientes, de modo que desistir de concorrer na arena digital é ver falir qualquer tentativa de comunicação na sociedade hodierna. Ademais, com novas formas de se praticar a religiosidade, abre-se espaço para novas maneiras de se criar “hierarquias” espirituais, isso no nível institucional da religião, como também no nível pessoal. Não é à toa que vemos líderes como Malafaia se engajarem nas mídias alertando seus seguidores dos perigos da “não respeitabilidade” das autoridades “instituídas por Deus”: o pastor – que é o ser “ungido” por Deus – e a Igreja – que é, segundo suas palavras, a “única instituição neotestamentária erguida por Deus”.

Assim, o ativismo religioso digital configura-se como uma faceta distinta da midiatização do religioso, afinal para esse ativismo essas novas mídias não são só concebidas como uma ferramenta de proselitismo ou disseminação de mensagem religiosa, mas como um ambiente a ser ocupado a fim de participar da esfera política, ou seja, trata-se de um espaço no qual as hierarquias tradicionais necessitam estar para disputar valor com essa multiplicação de perspectivas. (Aguiar, 2020, p. 605)

Nesse sentido, observamos que os ativismos evangélicos nas mídias digitais aparecem como a crista dessa onda dessecularizante, provocando uma relação simbiótica com a comunicabilidade de líderes como Malafaia. Ou seja, ao mesmo passo que potencializam suas estratégias de comunicação, são potencializados como ativismo organicamente disseminado entre a comunidade cristã por esses líderes. Nesse sentido, achamos imprescindível uma análise mais apurada a respeito da figura do LO contemporâneo e da relação que possui para com seu seguidor, relação que vem ganhando relevância na conjuntura do bios virtual e que se torna fundamental em nossa proposição.

### **2.3 A configuração do líder de opinião contemporâneo e de seus seguidores digitais**

Mesmo após as reflexões trazidas anteriormente sobre como se propiciou uma potencialização na comunicabilidade malafaliana através de um novo tipo de sacralidade presente nos tempos das mídias digitais, e a partir também do ativismo digital evangélico e mesclando-se com o proselitismo religioso, entendemos que outros fatores são de suma importância para a compreensão dessa magnitude comunicativa: a configuração a) do líder contemporâneo e b) de seu seguidor. Em outras palavras, consideramos que ao se pensar sobre todos os aspectos que constituem o sucesso ou o fracasso da comunicação de um LO, será imprescindível a observação sobre como esse mesmo líder adaptou-se ao *bios midiático*, ou seja, à realidade contemporânea, pensando junto a isso a natureza de raciocínio do indivíduo que o segue.

#### **2.3.1 A formação do LO e do LO contemporâneo**

Como bem nos chamam a atenção Cesar (2019), a ideia de que a comunicação acontecia em pelo menos dois níveis começou a ser estudada e proposta por Lazarsfeld (1948) e outros autores no período de Segunda Guerra Mundial, quando começou a ser abandonada a noção de comunicação “direta” dos grandes meios de comunicação e considerada então a agência de um novo intermediário comunicativo: o LO. A comunicação em pelo menos dois níveis ou “*two step flow of communication*” começou a ser pensada tendo esse agente como figura paradigmática no processo comunicativo.

De acordo com a proposição do modelo de comunicação em dois níveis, ou *two step flow of communication*, o líder de opinião seria mediador entre os meios de comunicação de massa (MCM) e os indivíduos menos informados. O modelo se estrutura em dois níveis, em que o primeiro consistiria na transmissão das mensagens dos MCM aos líderes de opinião (a), enquanto o segundo relaciona-se ao processo de

influência do líder de opinião (LO) sobre a apreensão dos outros indivíduos (b). (Cesar, 2019, p. 82)

Na era das redes, possuímos outras fontes de informação além dos tradicionais meios de comunicação do período estudado por Lazarsfeld. A internet e a comunicação em rede colocam-se como uma nova possibilidade e ao mesmo tempo um novo desafio para esse líder, na medida em que oferece a possibilidade de pessoas que se encontram mais distantes, do ponto de vista espaço-físico, se conectarem a ele; também oferece quantidade bastante diversificada de outros indivíduos que se rogam capazes de influenciar tanto quanto ele, abrindo assim uma concorrência direta por seguidores e engajamento.

É notável que Malafaia pareceu bastante competente na tarefa de se atualizar como LO contemporâneo.<sup>57</sup> E como vimos anteriormente a respeito do ativismo evangélico digital, ficou claro que a temática que consolidou a figura do pastor como um LO relevante no Brasil neste século foi o embate acerca dos estudos de gênero que ele, juntamente com a FPE (Frente Parlamentar Evangélica), acostumou-se a chamar sistematicamente de “ideologia” de gênero, menosprezando o teor científico de tais estudos. Como as autoras Larissa Cesar e Patrícia Saldanha chamaram a atenção, em 2017 – período estudado por elas – pesquisas feitas por internautas a respeito de assuntos científicos e seculares estavam sendo relacionadas à figura do pastor pentecostal.

A pesquisa do nome ‘Silas Malafaia’ no Google Trends com base nos últimos doze meses revela que entre os assuntos relacionados a ele em ascensão, na ferramenta de busca, estão: gênero (ciências sociais); homossexualidade (assunto) e estudos de gênero (campo de estudo). [...] Isso demonstra como a manifestação da sua opinião sobre o tema é procurada como referência para um nicho específico que deposita confiança nele baseada na fé em sua autoridade como líder religioso. (Cesar; Saldanha, 2019, p. 186)

Pode-se afirmar que, embora mudados os meios de interação e a intensidade dela, os LOs antes da era digital possuíam em suma o mesmo objetivo que possuem hoje. Esse agente adquire o poder de influenciar e ressignificar informações em prol de forjar a opinião pública, atuando a partir de posições privilegiadas no espaço público. Ele é capaz de receber informações sobre temas de interesse da população de diferentes fontes, reformular os significados das mensagens e retransmiti-las a outros integrantes da esfera social. Não se trata aqui de uma ideia de simples manipulação, mas de se considerar o *gap* que há entre a informação oferecida pelos meios e a utilização que o indivíduo faz dela. O LO se insere

---

<sup>57</sup> O próprio pastor em entrevista a Rodolpho Capler (2022) declara sua intenção e predisposição em participar do processo de influência: “Eu exerço influência e vou continuar a exercê-la” (p. 53).

exatamente nessa brecha, juntamente com outros agentes e instituições da vida cotidiana. Como nos ajuda a entender Barbero (1997), presente nas reflexões de Cesar e Saldanha (2019), ao apontar a existência de uma

[...] articulação entre os significados transmitidos nas mensagens midiáticas e o que será apreendido no cotidiano dos indivíduos [...] há um espaço entre o estímulo e a resposta, o qual as instituições mediadoras ajudam a preencher, configurando crenças, costumes e pensamentos, onde, de fato, a comunicação acontece. (Barbero, 1997 *apud* Cesar; Saldanha, 2019, p. 178)

Ademais, achamos importante, em nível de atualização sobre o LO contemporâneo, salientar que na era das redes digitais é comum a confusão entre o LO e os chamados *influencers* digitais, que, embora possam evidenciar severas semelhanças, são distintos em alguns pontos relevantes. Para não perdermos de vista o debate essencial, tivemos o cuidado de destacar os fatores mais importantes dessa diferenciação. O primeiro fator a se destacar são os limites de atuação de ambos. Como evidencia Cesar, “o influenciador digital atua em seu ninho digital, enquanto o LO ultraja seu nicho, influenciando a opinião pública” (Cesar, 2019, p. 96). Isso, no entanto, não significa que um LO não possa atuar como *influencer*, assim como o influenciador também pode tornar-se um líder que atua influenciando a opinião pública. Como já evidenciado anteriormente, as relações e interações na era das redes podem ser – e geralmente são – altamente cambiáveis. O pastor Malafaia, por exemplo, enquadra-se em ambas as funções, já que corriqueiramente em suas redes sociais intercala postagens de cunho político com postagens de cunho mercadológico, como quando faz propaganda de produtos da editora Central Gospel, por exemplo. No entanto, deve-se destacar que não é o fato de oferecer tais produtos que o configura um *influencer*, mas sim o intuito de monetização a partir de sua imagem vinculada ao produto, artifício facilmente encontrado em sua comunicação. Cesar chamou a atenção para essa atuação múltipla do pastor:

Entende-se que Malafaia é influenciador digital por utilizar suas redes para práticas mercadológicas e expansão comercial de suas empresas, mas também líder de opinião, já que é conhecido nos meios de comunicação de massa, mídias digitais e extrapola os meios, apresentando-se como referência nos púlpitos, por exemplo. (2019, p. 196)

Além disso, acreditamos que mais do que LO e digital *influencer*, a função de líder religioso também deve ser levada em consideração e merece uma atenção especial, já que o cargo de pastor presidente agrega ainda mais valor e credibilidade no nicho ao qual Malafaia pertence, potencializando sua comunicação.

Dispor-se nesses três nichos de atuação é algo que Malafaia consegue realizar com verdadeira competência. Acreditamos que para isso ele consegue agir em pelo menos dois níveis de comunicação que foram trabalhados por Sodré (2015):

- 1) Relacional: nível operacional dos *influencers*, que embora forjem uma espécie de intimidade com seus seguidores, sua atuação se dá apenas de forma superficial, trabalhando na epiderme dos vínculos sociais, agindo conforme os moldes de mercado.
- 2) Vinculativo: nível em que opera o LO e – acrescentamos – o LR<sup>58</sup>. Acontece quando o transmissor da mensagem consegue captar muito mais do que a intenção relacional do *homem-genérico* (Heller, 2016), mas também consegue adquirir sua confiança. No caso religioso, essa confiança é proveniente da fé.

Assim, no vínculo criado sistematicamente na comunicação malafaliana, a base em que se fortificam as interações, e – para utilizarmos o linguajar apropriado – os engajamentos, não está ligada diretamente ao conteúdo do que está sendo divulgado, mas estaria justamente conectada com o próprio ato de assistir e principalmente de divulgar o conteúdo disseminado pelo seu líder. Assim como Sodré observa:

[...] o vínculo nada tem de semântico, e sim de simbólico; portanto, de energia ou força. Nele, opera aquilo que Parmênides chamou de “coração intrépido”, e outros de “lógica do coração” e “disposição afetiva”. Por outro lado, não se apreende a vinculação apenas no plano da consciência, mas igualmente nas tramas ou codificações inconscientes. (Sodré, 2015, p. 223)

Nessa perspectiva, acreditamos que a partir desse ponto cabe-nos uma melhor análise a respeito das noções que orientam o raciocínio dos seguidores desse LO contemporâneo.

a) A natureza do raciocínio dos seguidores digitais

Como já dissemos, as possibilidades e desafios do LO contemporâneo alteraram-se com o advento do *bios midiático*, não obstante a sua intenção de influenciar a opinião pública manteve-se como base de sua interação. Acreditamos que algo semelhante aconteça com o seguidor contemporâneo; mesmo com uma diversidade de meios midiáticos em nosso contexto digital, o indivíduo parece ansiar por inspirações dignas de sua confiança. Corroborando com o conceito de “sacralidade digital”, devemos lembrar que as redes ou mídias digitais não são os *sites* e aplicativos em si, mas sim a apreensão da técnica e o uso que o homem faz para criar os

---

<sup>58</sup> Líder Religioso.

laços. Dessa forma, a era digital proporcionaria uma interação seletiva do indivíduo, na qual ele escolheria seus grupos sociais e conteúdo de interação a partir de suas preferências, algo que não acontecia na era pré-midiática. Assim, considerando que a potência da comunicação malafaliana está diretamente ligada à recepção e comportamento de seus seguidores, buscamos chaves analíticas que nos fornecessem ferramentas para pensar o raciocínio e agência desse *humano-genérico*, que também tem o papel de seguidor nas redes sociais. Encontramos tais ferramentas nas proposições da filósofa húngara Agnes Heller (2016), das já citadas autoras Larissa Cesar e Patrícia Saldanha (2019) – que interpretam de forma brilhante a proposta de Heller – e também do filósofo francês Claude Rivière (1989). Dessa forma, destacamos três pontos que podem nos ser úteis como chaves analíticas ao pensar o raciocínio e comportamento do indivíduo engajado nos conteúdos dispostos pelo LO contemporâneo, pensando, em especial, a comunicação malafaliana.

Em primeiro lugar, (1) gostaríamos de chamar a atenção para o efeito do que Heller chamou de cotidianidade e a importância que ele exerce na vida do indivíduo, no nosso caso do indivíduo contemporâneo, que Heller chama de *humano-genérico*. Ao refletir sobre a “estrutura da vida”, ela chama a atenção para o fato de todos estarem indissociáveis na vida cotidiana, na medida em que é nela que utilizamos todos os sentidos, além da capacidade intelectual e interativa. No entanto, a autora faz a observação sobre o fato de que embora esse homem utilize todos os seus sentidos, e faça uso de suas capacidades intelectuais, ele não consegue utilizá-los em toda sua intensidade, justamente pela complexidade que a vida cotidiana demanda do homem na utilização de ambos e do fator “espontaneidade”, característica sempre presente. Ela defende que o “homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade” (Heller, 2016, p. 16).

A partir disso, Heller chama a atenção para duas partes orgânicas da vida cotidiana que orientam e limitam o homem em seu caminhar. A autora destaca que o cotidiano é, em sua maior parte, heterogêneo, e isto diz respeito à organização de nossas atividades, como trabalho, lazer, educação, religiosidade e afins. Assim, a heterogeneidade, que segundo a autora é imprescindível para a vida cotidiana, além de ser imutável durante toda a história, representa as muitas esferas da vida que demandam de nós certo esforço e dedicação. Por sua vez, a hierarquização, outro aspecto imprescindível, é a parte que organiza as mesmas atividades em gradações hierárquicas espontâneas, levando em consideração a importância de tais tarefas na jornada diária.

Ao contrário da heterogeneidade, a hierarquização pode se modificar de acordo com as circunstâncias sociais. Embora Heller dê o exemplo de sociedades pré-históricas que se organizavam hierarquicamente a partir do trabalho, essa concepção é muito frutífera para nós ao analisarmos a cotidianidade inserida em uma outra forma de vida disponível na era das redes. Acreditamos que o *bios midiático* e a sacralidade tecnológica, comentados anteriormente, implicam ao homem contemporâneo desafios muito maiores, na medida em que a hierarquização do seu cotidiano se estabelece já inserida na lógica das redes, ou seja, com um altíssimo volume informativo e de forma fluida e instável, assim como Cesar chama a atenção ao dizer: “com o advento da internet e das redes sociais, o processo acontece de forma mais imediata. A forte presença dos brasileiros nas redes sociais demonstra o caráter hierárquico da cotidianidade, onde a mídia ocupa um espaço alargado na vida dos sujeitos” (Cesar, 2019, p. 90). Sendo assim, anuímos que se organizar cotidianamente nessas novas circunstâncias, embora pareça ser feito de forma natural, demanda esforço e poder de decisão – este último será sempre baseado na hierarquia cotidiana construída espontaneamente na relação entre o indivíduo e o grupo com o qual ele se identifica.

A partir disso, como segundo ponto (2), podemos pensar sobre os “mecanismos fundamentais” que orientam o homem em sua cotidianidade. Contudo, é imprescindível destacarmos antes o que Heller chama de “condição simultânea do ser”, em que ela defende que todo indivíduo é ao mesmo tempo particular e genérico (2016, p. 17). Para isso, além de realçarmos o caráter genérico, que aqui nos importa mais, é necessário a ressalva acerca da particularidade do indivíduo. Sobre isso, a autora salienta a irrepetibilidade e unicidade, por exemplo, como características particulares e que marcam a agência do indivíduo. No entanto, mesmo destacando esta parcela da expressão humana, Heller adverte que esse homem continuará em sua condição genérica, pois, conforme assinala Cesar ao corroborar com a filósofa húngara, esse homem é “fruto das relações sociais que o compõem, o que constitui um atributo importante, em vista das possibilidades de afeto do líder de opinião” (Cesar, 2019, p. 91). A partir desse olhar para a natureza dual, o *humano-genérico*, que já nasce inserido na cotidianidade e em todos os desafios que esta lhe propõe, desenvolve mecanismos para facilitar sua jornada, bio-dispositivos como economicismo, entonação, mimese e ultrageneralização, que, segundo Heller, se configuram como mecanismos fundamentais com os quais nós humanos podemos lidar com essas características da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, a comunicação que o LO propõe com seu seguidor está estabelecida, conscientemente ou não, sobre estes mecanismos ativados, muita das vezes pelo líder, e que orientam a vida desse seguidor. Sobre o mecanismo da ultrageneralização, Heller nos diz:

O característico do pensamento cotidiano é a ultrageneralização, seja em suas formas “tradicionais”, seja como consequência da experiência individual. Os juízos ultrageneralizadores são todos eles juízos provisórios que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles, formos capazes de atuar e de nos orientar. (2016, p. 26)

Desse modo, ao analisar a comunicação malafaliana, percebemos “gatilhos” em seus pronunciamentos capazes de ativar esse mecanismo em momentos inapropriados, ou seja, sobre assuntos e contextos que demandariam uma reflexão e um debate mais apurados, por se tratarem de temas complexos e delicados. O pastor, ao se referir aos estudos sobre gênero e sexualidade, por exemplo, o faz muita das vezes intercalando com tema de outra natureza, referente à saúde pública, que é o tema “aborto”. Ao atacar seus algozes de esquerda, ele relativiza todos esses temas sob o estigma de “lixo moral”. Esse espírito generalizante – presente também no artiguete escrito por seu irmão mencionado anteriormente – foi utilizado durante quase toda a sua trajetória a partir de 2009, mas principalmente nos períodos eleitorais. Um exemplo de gatilhos à ultrageneralização pôde ser analisado em 2018, em período anterior às eleições presidenciais. Com um pronunciamento de pouco mais de 2 minutos, Malafaia promete provar que “Haddad e o diabo usam a mesma tática para enganar”. Após fazer menção ao texto bíblico do livro de Lucas (capítulo 4), o pastor relaciona as propostas que a figura mítica teria feito a Jesus ao tentá-lo no deserto às propostas de campanha em horário eleitoral do candidato petista:

Incrível o que eu vou mostrar para você. Você pode não crer na Bíblia, pode não crer em Jesus, é um direito seu, mas pelo menos [tenha] a inteligência para analisar. E para você que crê, eu vou mostrar e vou provar que a mesma tática que o diabo se utilizou na tentação de Jesus para tentar derrotar, persuadir, enganar Jesus, a mesma tática, o Haddad tá usando hoje. (Malafaia, 2018)

Usando da prerrogativa (reforçada por ele mesmo) de “Autoridade Espiritual”, e manejando o texto bíblico sem uso criterioso de qualquer chave hermenêutica, o pastor finaliza:

[...] em nome de Jesus eu repreendo esse espírito de mentira e de engano. O mesmo espírito que tentou enganar Jesus, e Jesus disse pro diabo: “vai-te satanás” e botou o diabo pra correr! O povo brasileiro, no nome de Jesus, vai botar o Haddad e PT para correr [...] Você não pode deixar ser enganado, distribui esse vídeo para esclarecer o povo. É um espírito de mentira [...] Deus abençoe você e Deus abençoe sua família. Deus tenha misericórdia do Brasil.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Disponível em: <https://youtu.be/o3GO1N4uT4A>. Publicado em 2018. 1 vídeo (2 min.) Acesso em: 30 mar. 2023.

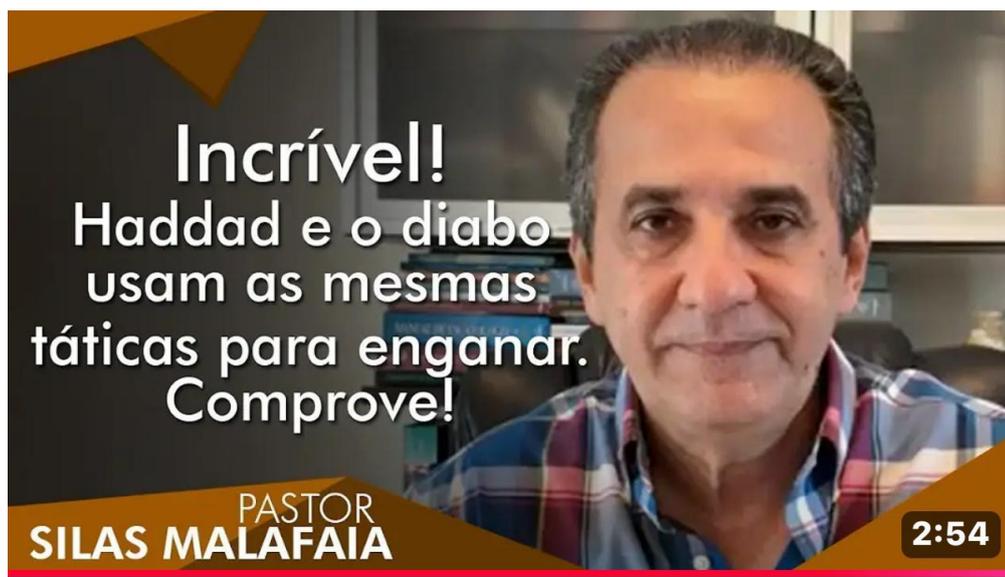


Figura 12 – Miniatura do vídeo publicado no YouTube.<sup>60</sup>

Em 15 de outubro de 2020, em pronunciamento postado em seu canal no *Telegram*, pudemos contatar outro exemplo de gatilho de ultrageneralização criado por Malafaia no contexto das eleições para vereadores e prefeitos. Com a descrição: “ALERTA IMPORTANTÍSSIMO! Atenção, evangélicos e cristãos em geral. Assista e compartilhe!”, Malafaia adverte seus seguidores:

Preste atenção! Durante 4 anos, os partidos de esquerda, eles trabalham contra todos os nossos princípios e valores. Chega agora na eleição, eles têm uma lábia miserável para tentar nos enganar. Durante 4 anos, PT, PDT, PSB, PCdoB e Psol lutaram pela aprovação de ideologia de gênero nas câmaras municipais de todo o Brasil e agora na maior cara de pau, querem o voto de evangélicos e cristãos. Você não pode dar voto para prefeito e vereadores para esses camaradas [...] Eles querem dizer na escola para nossas crianças que ninguém nasce menino nem menina, não existe macho e fêmea, é você que decide agora [...] é um absurdo, isso é uma aberração [...] eles querem ensinar e tentaram aprovar isso. (Malafaia, 2020d)<sup>61</sup>

O pronunciamento contém muitas informações diferentes e confusas: ataque ao que ele insiste em chamar de “ideologia de gênero”; uma suposta “prova biológica” do binarismo como única forma autêntica de expressão de sexualidade; insinuações complexas sobre aborto; e responsabilidade paterna sobre a educação. Isso tudo em um vídeo de pouco mais de 4 minutos de duração. Ao final, o pastor profere o imperativo:

Você como um evangélico, como um verdadeiro cristão, não pode votar para vereador e prefeito em candidatos do PT, do Psol do PCdoB, do PSB e do PDT [...] Deus abençoe você, Deus abençoe sua família [...] você que é um evangélico, um verdadeiro

<sup>60</sup> Disponível em: <https://youtu.be/o3GO1N4uT4A?si=hEAyeYtrYRfIFJsJ>. Acesso em: 22 dez. 2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 15 de out. de 2020. 1 vídeo (4 min.). Acesso em: 29 mar. 2023.

cristão. Repasse esse vídeo, Deus tenha misericórdia e nos livre dessa gente da política brasileira. (Malafaia, 2020d)



**Figura 13** – Frame de vídeo no *YouTube*.<sup>62</sup>

Esses exemplos mostram que, além de estimular seus seguidores a trabalharem como disseminadores de sua mensagem nas redes sociais, Malafaia também estimula a criação de um inimigo comum, partindo para o apelo do discurso construído sob uma visão de mundo maniqueísta. Os mecanismos ultrageneralizantes formadores dos conceitos provisórios trabalham apenas nesse nível, o que limita o seguidor, não lhe permitindo inserção honesta nestas reflexões delicadas.

A partir desses episódios, destacamos um terceiro ponto (3), a respeito do caráter pragmático das ideias levantadas no cotidiano: sobre a ativação realizada pelo seguidor aos gatilhos oferecidos por Malafaia em sua comunicação. Dessa forma, nos afastando da tendência simplória de tratar os seguidores de Malafaia como meros “influenciáveis”, correndo o risco de perder de vista a complexidade dessa relação. Para além da inatingível completude de compreensão do raciocínio dos indivíduos, está uma característica que consideramos interessante para se interpretar pelo menos parte da natureza dele. O filósofo francês Claude Rivière, ao tratar as liturgias políticas durante a história, faz uso da ideia de “entrega de responsabilidade” sobre a obrigação cotidiana que o homem tem de escolher. Vale ressaltar que, embora não esteja tratando diretamente do processo comunicativo, ou da história de LOs,

---

<sup>62</sup> Malafaia recitando com o nome de todos os partidos nos quais os seus seguidores não deveriam votar. Em certo momento, percebe-se que ele faz uso de uma lista, verificando se não esqueceu de citar algum dos partidos. Disponível em: <https://youtu.be/OwAt0HTDHY?si=HYfLkTkTeFMayPwg>. Acesso em: 28 dez. 2022.

Rivière nos fornece uma colaboração significativa, pois revela o que para nós está no cerne da reflexão:

O Ser supremo desobriga o homem da angústia de suas escolhas, o político também! Não seriam então a religião e a política o conforto do homem que recusa uma liberdade difícil de vassalizar, e que investe o outro e outro lugar com a plenitude que constata como polo inverso de sua contingência e de suas insuficiências? O sagrado religioso, assim como o sagrado político, está além de nossa apreensão e além de nosso poder; é o mito ou a segurança íntima (o que significa a mesma coisa) de uma totalidade que assumiria a responsabilidade do que não sou responsável. (1989, p. 17)

Esses seguidores que, quando não são cristãos, estão, pelo menos, imbuídos em uma moralidade cristã, parecem satisfazerem-se com as ideias ultrageneralizadas propostas pelos seus líderes. Essa possibilidade os devolve à zona de conforto da “irresponsabilidade”.

Acreditamos que Malafaia atua na produção de sentido para o *homem-genérico* em relação às informações que este mesmo recebe em seu cotidiano heterogêneo e hierárquico. Ou seja, a confiança produzida pela fé de que Malafaia é um “homem de Deus” ou “ungido intocável” – conforme ele mesmo faz questão de chamar os pastores em geral<sup>63</sup> – faz com que esse homem utilize o recurso da ultrageneralização para gerir seus pensamentos e ações baseados na confiança que dá aos ideais defendidos pelo LO. Conforme nos lembram as autoras Cesar e Saldanha ao citarem a filósofa húngara:

Heller disserta sobre o pensamento cotidiano estar vinculado às atividades; por isso, as ideias necessárias ao cotidiano não se elevam de modo a alcançar o nível da teoria. Neste sentido, a fé e a confiança desempenham papel muito importante no dia a dia, já que possuem caráter pragmático. O pensamento cotidiano, então, é o da ultrageneralização, que consiste na utilização de juízos provisórios para agir da forma mais rápida possível. (Heller, 2016, p. 179)

De modo que, quando Malafaia se refere às pautas referentes aos direitos da comunidade LGBTQIA+ – e demais minorias – como sendo “baboseiras” ou “besteirol proposto pelos esquerdotapas”, não o está fazendo de forma corriqueira ou meramente usando expressões de seu vocabulário. Conscientemente, ele está buscando ativar no indivíduo os mecanismos característicos do cotidiano hierarquizado, na medida em que por uso da confiança e do vínculo sinaliza a ele que assuntos que demandam algum nível de reflexão e o mínimo de esforço para

---

<sup>63</sup> Em uma das suas pregações que ocorreu durante o congresso “Labaredas de Fogo”, organizado pela Associação Vitória em Cristo (AVEC) em Governador Valadares, Minas Gerais, entre os dias 11 e 14 de outubro de 2012. Em um tom bastante exaltado, como lhe é de praxe, Malafaia esbravejou: “Ungido do Senhor é problema do Senhor, ungado do Senhor não é problema teu. Teu pastor é ladrão? Teu pastor é pilantra? Não tá gostando? Sai de lá e vai para outra igreja. Não se mete nisso não, que não é da sua conta. Cai fora, vai embora, só não arruma problema. Já vi gente morrer por causa disso. Meu irmão, isso é coisa muito séria. Não toma atitude contra pastor, não entra nessa furada não”. Disponível em: <https://youtu.be/ZDQ9mV4WJGk>. Publicado em 2014. 1 vídeo (1 mim.). Momento da fala: 0min.55s. Acesso em: 05 ago. 2022.

se teorizar são, na construção da narrativa malafaliana, “ideologizações” que não devem ocupar por muito tempo o imaginário ou as reflexões dos fiéis e simpatizantes conservadores. Nesse sentido, concordamos com as observações fundamentais de Aguiar (2014) e Sodré (2002, 2015) de que é imprescindível apreender que o sujeito é constituído a partir das relações e interações sociais. O cotidiano ambientado pela mídia facilita a transformação da informação difundida pelo líder em opinião que pode vir a orientar o liderado por meio de um processo de assimilação baseado na confiança e, no caso dos religiosos, também na fé (Heller, 2016).

Acreditamos que somado a esse processo de assimilação, resultado da confiança e da fé no LO evangélico, está o processo de “entrega de responsabilidade”, o que não quer dizer que o indivíduo perde sua particularidade e sua capacidade de ação, mas sim que entrega seus critérios cognitivos às interpretações que o líder faz da realidade. No limite, caberia dizer que esse processo se assemelha ao que Le Bon, ao estudar *A psicologia das multidões* (1980), chamaria de “entusiasmo”, movido pela noção de pertencimento a um grupo e, nesse caso, também por estar debaixo da autoridade espiritual e intelectual de um “homem de Deus”.

Tendo agora em perspectiva os fatores sociais que corroboram o êxito comunicativo dos LOs contemporâneos, especificamente estes interligados com o campo religioso, poderemos abordar com mais precisão a organização estratégica de Malafaia ao construir sua própria identidade comunicativa, crescente, principalmente, a partir do *boom* das redes sociais e mídias digitais. Pretendemos com o próximo capítulo abordar os elementos comunicativos característicos dos conteúdos dispostos pelo pastor; elementos que acreditamos o terem colocado no patamar atual de representatividade dentro do campo evangélico brasileiro.

### 3 COMUNICAÇÃO MALAFALIANA: ASPECTOS DE SUA ESTRATÉGIA COMUNICATIVA

Através das análises anteriores, ficou clara a posição singular de Malafaia como um dos principais LO do país atualmente. Sua potência de comunicação, somada a outros fatores que também a potencializam, viabiliza uma ressignificação do mundo aos seus seguidores, uma reconstrução idealizada de mundo permitida pelo poder simbólico que há na comunicação desse líder, assim como Bourdieu nos elucida:

Os agentes que estão em concorrência no campo de manipulação simbólica têm em comum o fato de exercerem uma ação simbólica. São pessoas que se esforçam para manipular as visões de mundo (e, desse modo, para transformar as práticas) manipulando a estrutura da percepção do mundo (natural e social), manipulando as palavras, e, através delas, os princípios de construção da realidade social. (Bourdieu, 2004, p. 122)

Podemos concordar com o sociólogo francês, mesmo que seus escritos não tenham abrangido as especificidades da sociedade contemporânea, submersa no *bios midiático*, na medida em que os “esforços para manipular as visões de mundo” na era digital se fazem cada vez mais amenos devido à lógica instantânea das redes. Não podemos também perder de vista que Malafaia encontra-se localizado sob os privilégios de uma “elite” econômica e sob o capital simbólico concedido a ele pelo seu *status* religioso e midiático, portanto suas falas revelam uma força maior, que, conforme evidencia Bourdieu, está além do poder da palavra:

O poder simbólico como poder de construir [...] de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica). [...] O que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu, 1989, p. 14-15)

Nessa perspectiva, buscaremos nesse capítulo tratar sobre os aspectos comunicativos presentes nas pregações e pronunciamentos de Malafaia que vêm lhe garantindo tamanho sucesso midiático e – em termo de redes sociais – altos engajamentos entre a comunidade religiosa e conservadora.

Antes de prosseguirmos, caberia uma contextualização histórica a respeito de nosso objeto de pesquisa e o modo como ele lidou com os obstáculos que desafiavam sua potência comunicativa. O pastor Malafaia sempre se apresentou na arena dos debates de interesse público como um grande “defensor da fé evangélica”, não da fé cristã em geral, mas especificamente da fé evangélica brasileira. Isso ficou cada vez mais claro e passível de registro após a já

mencionada aliança com o Bispo Macedo na década de 1990. O espírito de defesa de um grupo aparentou sempre ser sua prioridade ao escrever os artigos para a *Folha Universal* ou ao se pronunciar no programa de Tv 25ª hora na infundável desavença com a Rede Globo. O Reverendo Caio Fábio, em seu livro *Confissões do pastor* (1997), ao registrar mais um dos muitos episódios emblemáticos envolvendo Macedo, veículos de imprensa e Malafaia, exprimiu suas impressões a respeito da personalidade do pastor assembleiano na aurora de seu reconhecimento nacional:

O único que, a meu ver, estava lá não apenas por causa de interesses de natureza política ou comercial era o pastor Silas Malafaia. Segundo soube, o negócio publicitário no agenciamento da CNT era uma de suas motivações, mas não a única. Ele estava lá também porque é uma pessoa de temperamento colérico, e com seu temperamento colérico, dificilmente perderia a oportunidade de se apresentar ao país como grande defensor da fé. No caso dele, entretanto, tal defesa tem aspectos genuínos. Ele é fervoroso em suas convicções e lutaria até mesmo contra Macedo se seus princípios o induzissem a isso. O problema é que, apesar de jovem, o pastor Silas possui uma mente sempre disposta à defesa corporativista e ao sentimento sindicalista e dinossauriano de proteção da categoria. Este livro, certamente, lhe provocará intenso desejo de partir para o ataque outra vez, e o argumento será corporativista: roupa suja se lava em casa.<sup>64</sup> (1997, p. 429)

Foi esse mesmo “espírito” que catapultou sua figura para o centro do ativismo evangélico crescente nas décadas seguintes. A defesa de sua “corporação” foi elevando-se gradativamente à medida que ele se tornava personagem pivotal desse processo.

Atualmente, embora apresente características comuns aos demais líderes de opinião, Malafaia vem se constituindo como um influenciador singular dentro e fora do campo religioso, propondo discursos híbridos, contrastando a laicidade do Estado com a necessidade de cumprimento de requisitos bíblicos, o que muitas das vezes se torna algo paradoxal. Respeitado como um dos mais prestigiados membros do meio pastoral evangélico, o líder e empreendedor religioso apresenta aspectos de comunicação um tanto quanto peculiares, que abordaremos nos próximos tópicos.

### **3.1 Discursos e posturas camaleônicas**

Percebendo o corporativismo que há nas “defesas” empreendidas por Malafaia, é possível entender alguns aspectos de sua comunicação. Durante sua trajetória como pastor e junto à política nacional, foi possível perceber que alguns arranjos foram feitos em sua

---

<sup>64</sup> O Reverendo refere-se ao contexto de estreia da minissérie *Decadência* que apresentava um personagem caricato ao modelo de pastor da IURD, no entanto apresentava o personagem com desvios de caráter. Caio Fábio relata que nesse contexto as lideranças evangélicas se dividiram, e os que assumiram compromisso com o IURD e seu Bispo o fizeram por interesses de natureza comercial. Um exemplo era a possibilidade da compra de cota de “20% da conta de Macedo na compra de horário na CNT-Rio”.

comunicabilidade, arranjos que geralmente eram demandados pelas circunstâncias apresentadas a ele no período. Antes de abordarmos alguns episódios, gostaríamos de esclarecer que quando propomos tratar sobre os “aspectos camaleônicos” não o fazemos na intenção de generalizar as posturas, discursos e estratégias comunicativas de Malafaia sob o estigma de “oportunista”, mas se trata antes de um olhar atento às abruptas mudanças de rotas presentes em sua trajetória, percebendo as prioridades que possibilitaram tal adaptação, o que nos permite traduzir, em alguma medida, pelo menos parte de sua gerência nos fenômenos evangélicos das últimas décadas.

Uma das principais influências de Malafaia, senão o seu “padrinho” midiático, Edir Macedo tornou-se seu desafeto nas campanhas presidências de 2010. O centro da desavença era o tema “aborto”, haja vista que era este um dos principais motivos pelos quais Malafaia e outros pastores alegavam que os evangélicos deveriam ser contra à eleição da presidente Dilma Rousseff. Macedo nunca se mostrou contrário a prática abortiva, muito pelo contrário, nas vezes que fora abordado, disse sem muitas considerações que era favorável. Em 1997, por exemplo, em um culto que reuniu mais de 100 mil pessoas no Estádio Mineirão, sob o tema “Concentração de fé: a família ao pé da Cruz”, Macedo declarou sobre o aborto legal: “Eu aprovo porque acho um absurdo a mulher ter um filho indesejado. Ela tem direito ao aborto. É o que permite a lei” (1997).<sup>65</sup> Esse apoio foi reiterado em diversas ocasiões, com alegações do tipo “O que é menos doloroso: aborto ou ter crianças vivendo como camundongos nos lixões de nossas cidades?” ou “muitas mulheres têm perdido a vida em clínicas de fundo de quintal”<sup>66</sup>. Tal tratamento aberto e um tanto quanto “liberal” em relação a esse tema nunca pareceu abalar a aliança construída durante a década de 90 com Malafaia. No entanto, a partir da acirrada corrida eleitoral de 2010, o tema apareceu como uma fenda na relação, provocando declarações impetuosas de ambos os lados. Em 16 de outubro daquele ano, Macedo publicou em seu *blog* um texto com o tema “Cuidado com o profeta velho”, referindo-se diretamente ao pastor Malafaia, dizendo:

Veja o que aconteceu com o pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha política apoiando a candidata Marina Silva e depois, usando o argumento frágil de que o partido dela, o PV, apoiava o aborto, mudou de lado e, para justificar que não apoiaria a candidata Dilma, acusou o PT de ser a favor do aborto e apoiar o casamento de homossexuais. Pronto, o caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar o candidato Serra. (Macedo, 2010)<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc061006.htm>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://folha.com/aimk91lr>. Acesso em: 20 abr. 2023.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/cuidado-com-o-profeta-velho/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Usando como alusão um texto das escrituras (I Reis 13) no qual um profeta que deveria orientar acaba levando outros ao engano, Macedo questiona a transformação que percebe na postura de Malafaia, ao apontar que o próprio candidato Serra – concorrente da candidata Dilma Rousseff apoiada pelo Bispo – naqueles dias já havia se declarado favorável ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. O Bispo ainda expõe uma suposta “bomba”:

Algumas ex-alunas da esposa do candidato, Monica Serra, que ficaram indignadas com a hipocrisia do casal de que, como cristãos, são radicalmente contra o aborto [...] Revoltadas, as alunas disseram que em uma aula, muito tempo atrás, a Sra. Monica declarou que havia feito aborto, com o consentimento de seu marido José Serra. (Macedo, 2010)

Ao final, Macedo deixa ainda questões provocativas: “Agora ficam as perguntas: O que fez o pastor Malafaia mudar de lado? Ele vai continuar apoiando o Serra?”. O Bispo gostaria de saber o motivo pelo qual assuntos que outrora não pareciam incomodar Malafaia agora eram argumentos centrais para ele direcionar seu apoio, levando consigo todo um grupo de seguidores.

O contra-ataque era iminente. Malafaia não deixou de lado o corporativismo priorizado por ele até então para atacar seu antigo aliado; a artimanha foi incluí-lo fora do campo evangélico:

Você não pode botar a mão na Bíblia e dizer que não foi comprado porque a sua emissora recebe milhões do governo. Você foi comprado para defender Dilma. E a tua emissora é uma emissora chapa-branca, com um jornalismo tendencioso, e não é independente como as outras. [...] Você, Macedo, tem gasto bilhões, dízimo e ofertas do povo de Deus, que você tem injetado na sua TV para promover prostituição, adultério, homossexualismo, sensualidade, assassinato, roubo. A sua TV é um lixo moral. [...] Um homem quando não tem memória, ele se torna ingrato, se torna injusto, se torna enganoso, e o final dele, a derrota. Você não tem memória. Senhor Edir Macedo, você não tem memória. Para você lembrar o que a igreja evangélica fez por você nas suas crises e a maneira que você trata a igreja evangélica brasileira. A imprensa tem que saber que nós evangélicos não temos nada com isso do senhor Edir Macedo com essa guerra transloucada de audiência, nós não temos nada a ver com isso. (Malafaia, 2010a)<sup>68</sup>

Em geral, as acusações foram bem contundentes e de diversas naturezas. Malafaia chegou a apontar um superfaturamento e uma concorrência desleal em relação às outras emissoras de TV devido aos custos da Record serem financiados pelos dízimos e ofertas de fiéis da IURD. O pastor ainda contesta a suposição do Bispo de que teria mudado de lado, exibindo um curto vídeo no qual um terceiro narrador (não identificado) lia o seguinte comunicado:

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://youtu.be/LcEVzRGLiCE>. Publicado em 2011. 1 vídeo (10 min.) Acesso em: 19 abr. 2023. Citamos alguns momentos mais impactantes da fala do pastor Malafaia durante toda a extensão do vídeo.

Quem mudou de lado? Na eleição entre Lula e Collor, Macedo chegou em uma de suas igrejas, abriu seu paletó e mostrou uma camiseta com a inscrição “Collor” e afirmou, “Lula é o diabo” e satanizou o PT. O pastor Silas Malafaia nunca satanizou candidato ou partido algum e afirma que não tem problema algum de votar no PT desde que o PT mude as posturas dos últimos 4 anos.

Como já vimos, posteriormente a prática de “satanizar” candidatos seria agregada à sua comunicabilidade, no entanto, no episódio, Malafaia evita responder diretamente o motivo real da sua mudança de candidato, haja vista que seu argumento em defesa da “família tradicional” e “a favor da vida” sustentado até então acabava de ser “desmoralizado” por seu antigo coligado.

O episódio descrito acima através de apenas um exemplo consegue demonstrar mais detalhadamente um dos aspectos que há na comunicação malafaliana, porém acontecimentos que exemplificam isso perpassam toda sua trajetória política, podendo ser vistos também em sua trajetória ministerial e religiosa. Foi assim sua relação com a famigerada “Teologia da prosperidade”. Em 1992, o discurso embasado por essa teologia “importada” dos Estados Unidos e reinterpretada no Brasil pareceu aborrecer os princípios religiosos do pastor carioca. Em uma de suas pregações gravadas na Assembleia de Deus do Bom Retiro, Malafaia defendia:

Quer ver mais um besteiro! Teologia da prosperidade. Isso nos Estados Unidos é lindo. Vem falar de teologia da prosperidade na favela da Rocinha no Rio de Janeiro [...] Deixa-me dizer um pouquinho da teologia da prosperidade [...] E tem igreja no Brasil que segurou esse negócio com uma força que não é brincadeira. Sabe o que que diz? A teologia da prosperidade? Olha, querido, está acontecendo algum problema na sua vida? Se você não consegue as coisas, se você não é bem-sucedido ou é porque você não crê ou porque tem algum problema na sua vida. Você está mal financeiramente? Você não tem fé. Isso é uma afronta, gente! Uma vez chegou uma irmã lá na minha igreja, não vou dizer de onde ela veio. Apavorada com a cabeça cheia de minhoca. Pastor eu sou crente fiel, eu estou na igreja, eu estou numa crise financeira e estão dizendo que eu tenho algum pecado ou porque eu não tenho fé. Isso é uma covardia! Deus não olha pra você ou sua capacidade de conquista no mundo material! Agora eu vou dizer pra você o que é prosperidade à luz da Bíblia. E não é esse besteiro que a turma no Brasil está engolindo, esse besteiro teológico da América [...] Prosperidade é você compartilhar com o outro. Prosperidade é você viver bem com aquilo que Deus tem te dado. Prosperidade é mesmo você tendo pouco você ainda ter forças e capacidade de ajudar alguém que está pior do que você. (Malafaia, 1992)<sup>69</sup>

Sua defesa ia na contramão do que vinha sendo disseminado pela IURD, que era a principal propagadora dessa teologia na época. Não seria uma surpresa se a “irmã” que procurou o pastor fosse oriunda dessa instituição, o que tornaria a crítica ainda mais direta. No entanto, sua postura severamente contrária a essa vertente teológica seria abrandada a partir dos primeiros contatos com o Bispo.

---

<sup>69</sup> Disponível em: <https://youtu.be/voRpsUohXXA>. Publicado em 2015. 1 Vídeo (56 min.). Momento da fala: 24min.55s. Acesso em: 10 abr. 2021.

Entre os anos de 2008 e 2009, em episódios emblemáticos, podemos perceber o revés filosófico e teológico. Malafaia lança pela sua editora a Bíblia Sagrada edição “Batalha Espiritual e Vitória Financeira” que prometia evidenciar à luz das escrituras o vínculo que há entre o “mundo espiritual” e a prosperidade financeira através de comentários expressos em textos específicos. No seu programa de TV, ele contesta algumas críticas que vinha recebendo pelo tratamento que estava dando ao tema:

Nós temos lançado uma Bíblia muito interessante que é a Bíblia que diz tudo sobre batalha espiritual e vitória financeira. Interessante que eu recebi duas críticas entre intermináveis elogios, mas eu quero salientar porque aqui não tem problema comigo. Uma irmã e um irmão disseram assim: olha, onde já se viu falando sobre dinheiro?! Como é que pode, rapaz?! Eu fico assim bobo com a ignorância dos muitos que estão na igreja. Sabe o que que eu acho mais engraçado? É a hipocrisia. Todo mundo quer o dinheiro, mas quer falar mal dele. Outra coisa que eu queria dizer: não é o diabo que que dá não. Salomão pediu sabedoria e Deus deu riqueza. Abraão não pediu riqueza e Deus deu riqueza. Se riqueza afastasse o homem de Deus, o diabo fazia todo mundo ficar rico. Eu quero dizer que a palavra de Deus é riquíssima no assunto [...] e se você está vivendo miséria, tem alguma coisa errada que você precisa descobrir na palavra de Deus. Essa que é a verdade.<sup>70</sup>

A Bíblia em questão possui comentários do pastor estadunidense Morris Cerullo<sup>71</sup>, que no ano seguinte foi ao programa televisionado de Malafaia “liberar” o que ele chamou de “unção financeira”. A “unção” seria concedida pela autoridade espiritual de Cerullo à medida que o telespectador se comprometesse a oferecer uma oferta de R\$900,00. Em troca do voto de fé, o doador receberia o Livro Sagrado em questão.

---

<sup>70</sup> *Contradições de Silas Malafaia – Teologia da Prosperidade*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yDAaeAaQ-cQ>. Publicado em 06 de fev. de 2013. 1 vídeo (9 min.). Momento da fala: 5min.23ss. Acesso em: 30 mar. 2023.

<sup>71</sup> Estadunidense que foi televangelista pentecostal assembleiano, fundador do Morris Cerullo Word Evangelism (MCWE). Nascido em 1931, marcou a experiência neopentecostal a partir de sua dedicação à teologia da prosperidade. Morreu em 2020 deixando grande legado para os adeptos dessa ideologia.



Figura 14 – Frame de vídeo do YouTube.<sup>72</sup>

Malafaia parece ser dotado de uma extrema capacidade de adaptar-se aos discursos, teologias e candidatos que aparentam estar em ascensão. Suas motivações não serão aprofundadas aqui, apenas constatamos esse aspecto de sua comunicação que, inegavelmente, o tem colocado como uma figura de prestígio da alta cúpula evangélica brasileira que orienta votos, estigmatiza partidos e vieses políticos, pleiteia normatizar relações e legitima teologias. Para isso, a relevância social parece preceder o zelo dogmático. Ademais, embora esses dogmas e alguns princípios aparentem terem sido relativizados durante sua trajetória, uma doutrina, especificamente, se apresenta como inegociável: a ideia de “Autoridade Espiritual”. O reforço a ela aparece frequentemente nos seus pronunciamentos e, embora seja empregada *intra* templo, atua nas demais esferas em que o pastor insere sua estratégia comunicativa. Aprofundaremos essa análise no próximo tópico.

### 3.2 A narrativa sobre “Autoridade Espiritual”

Assim como já foi assinalado anteriormente, o uso da prerrogativa de uma suposta hierarquização a partir da ideia de “mundo espiritual”, em que alguns selecionados detêm a autoridade superior, faz parte do ascetismo cristão. Nas Assembleias de Deus no Brasil, essa

---

<sup>72</sup> Disponível em: [https://youtu.be/eeqoZ10WxHw?si=MwaGEfNVWS\\_JWoVH](https://youtu.be/eeqoZ10WxHw?si=MwaGEfNVWS_JWoVH). Acesso em: 25 out. 2022.

narrativa sempre foi muito vinculada aos “dons espirituais” e aos cargos ministeriais; é comum, por exemplo, em conversas com membros mais antigos de desta denominação, a confirmação de que nas práticas de exorcismos que ocorriam nas igrejas a orientação feita era para que os crentes que fossem “batizados com o Espírito Santo” – isto é, que falassem em “línguas estranhas” – e os membros da Eclésia dirigirem-se para perto do altar, onde era realizada a prática. Em contrapartida, os demais presentes deveriam se dirigir à parte inferior do templo.<sup>73</sup> Essa autoridade que outrora estabelecia as relações dentro do templo atualmente é ostentada por lideranças religiosas em assuntos que orientam o debate público.

Podemos dizer com certa precisão que esse é um dos temas mais trabalhados na comunicação malafaliana. Em seu livro *Autoridade espiritual* (2019) encontramos a gravidade com a qual o pastor trata a questão; ao definir os objetivos da obra, ele destaca:

Neste livro, vamos ocupar-nos especificamente da obediência à autoridade espiritual, porque esta permite ao homem conquistar grandes vitórias, participar de experiências espirituais profundas, receber autoridade espiritual (que pode ser maior, igual ou menor a do líder ao qual se submete), dons divinos específicos para exercer sua função, ter prestígio e a consideração das pessoas. Em contrapartida, mostraremos as características dos insubmissos (2 Pedro 2.10,22) e as consequências da desobediência à autoridade espiritual: a privação de todos os benefícios já destacados, a perda de autoridade espiritual para o desobediente e os severos castigos, como ocorreu no caso de Adão e Eva, Coré, Datã, Abirão e outros. Também veremos que Deus perdoa pecados contra Sua santidade, mas não contra Sua autoridade, pois a revolta contra o SENHOR é tão grave como a feitiçaria, e o orgulho é pecado como é pecado a idolatria. (Malafaia, 2019)

Consideramos que é também esse aspecto comunicativo que permeia e dita as relações entre o pastor, os membros de sua Igreja e os seus seguidores virtuais, haja vista que é a “Autoridade espiritual” instituída por Deus que obtém a chancela do sobrenatural e do extraordinário na cosmovisão pentecostal<sup>74</sup>, que pode ser evidenciada a partir de dons como a “liberação de palavra profética”<sup>75</sup>, a “Palavra do conhecimento”<sup>76</sup> e até mesmo a dotação de

---

<sup>73</sup> Para mais informações sobre “expulsão de demônios” e “espiritualidade pentecostal” que tratam de autoridade dessa natureza, verificar: ARAÚJO, I. D. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 287 e 300.

<sup>74</sup> É importante destacar que não é nosso objetivo contestar a Teologia Pentecostal, muito menos sua cosmovisão. Nos cabe aqui abordá-la apenas para refletir a releitura que Malafaia e outros líderes neopentecostais fazem desse viés religioso. Para mais informações sobre Teologia Pentecostal ou Carismática, consultar: CARVALHO, César Moisés Carvalho. *Pentecostalismo e pós-modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

<sup>75</sup> O “dom de profecia” é algo destinado a apenas alguns crentes (ARAÚJO, 2015), tendo o Profeta muito prestígio entre a comunidade devido a seus atributos exemplificados principalmente nos escritos do Velho Testamento. Um exemplo disponível em Malafaia pode ser visto na pregação: *Palavra profética para sua vida* (2018). Disponível em: <https://youtu.be/ovvAa13-5jY>. 1 vídeo (36 min.). Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>76</sup> Geralmente é vinculado ao dom de profecia. (*Ibid.*)

“discernimento de Espíritos”<sup>77</sup>. Ainda que a totalidade de seus seguidores não seja de fé cristã, ou não tenha interesse em assuntos religiosos – contingente minoritário –, é importante destacar que quando Malafaia acusa a Esquerda política de perseguição à Igreja e deturpação de todos os princípios cristãos, ou quando personifica o Inimigo (figura mitológica de Satanás) na figura de um candidato político, ele não está apenas oferecendo sua perspicácia como um líder religioso, mas sim ativando em seu seguidor o senso de respeitabilidade a uma autoridade que obtém sabedoria e discernimento espirituais, e isso não é de modo algum menos importante, pois, na “batalha espiritual”, respeito às hierarquizações é indispensável.

Em uma de suas pregações ministrada na Sede da ADVEC (Assembleia de Deus Vitória em Cristo), localizada no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, Igreja na qual é pastor-presidente, Malafaia aborda o assunto prometendo orientar seus liderados sobre como travar a “Batalha Espiritual” e como fazer para vencê-la. Fazendo alusões a armamento e táticas de guerras reais, Malafaia dá as instruções: “Eu vou te mostrar os 5 níveis das batalhas no mundo espiritual”. Após tratar sobre o primeiro, “nível pessoal”, o pastor aborda o nível “coletivo” da batalha. Segundo ele, “Satanás sabe que o homem é um ser social, então ele traz uma guerra contra tua família, ele trava uma guerra contra a igreja” (Malafaia, 2021a).<sup>78</sup> Em seguida, ele aborda o “nível nacional”, no qual ele sugere:

Satanás trava batalhas nesse nível nacional. Uma guerra contra as nações: corrupção, depravação moral, aborto, pedofilia e injustiça social. Que que você acha que é isso? É a guerra! O pano de fundo, quem está por trás disso tudo é Satanás travando uma guerra a nível nacional. Porque ele sabe que ao atingir essas nações, atinge as pessoas. (Malafaia, 2021a)

O vínculo feito entre ataques de natureza espiritual e pautas polêmicas do debate público, contra as quais Malafaia costuma militar, são comuns em seus sermões, artifício que o permite transitar entre o laico e o religioso sem maiores problemas.

---

<sup>77</sup> Quem possui esse dom tem a capacidade de discernir a natureza dos espíritos, ou mesmo a presença deles. Dom imprescindível para os “últimos tempos” em que se espera uma perseguição maior à Igreja. (*Ibid.*)

<sup>78</sup> Disponível em: <https://youtu.be/SEWy42ygp0o>. Acesso em: 10 abr. 2023.

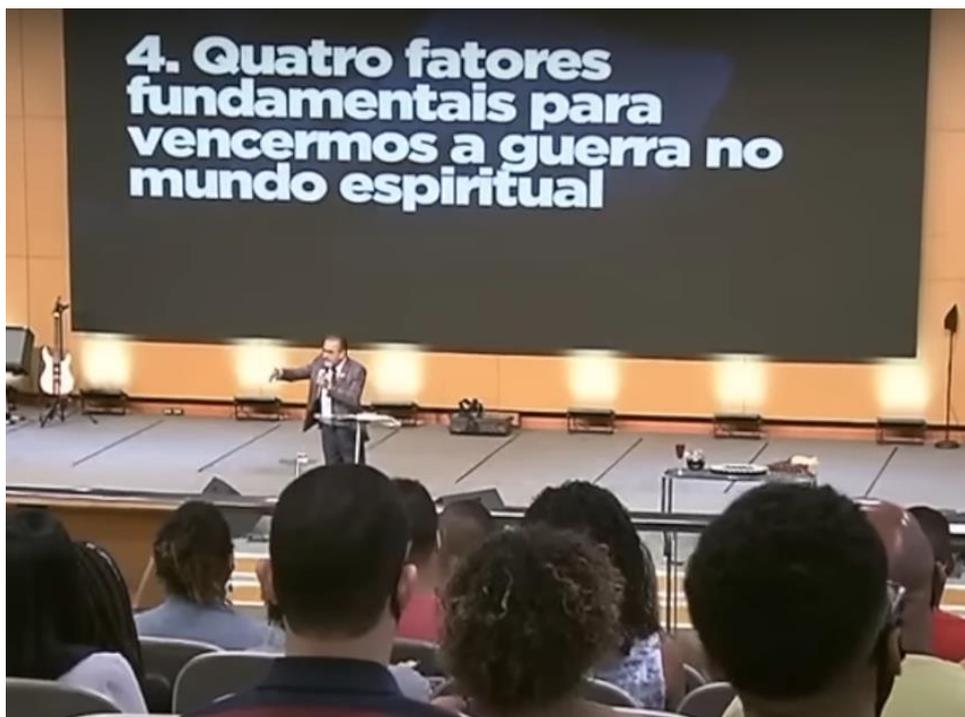


Figura 15 – Frame de vídeo do *YouTube*.<sup>79</sup>

Ademais, percebemos que esse aspecto de sua comunicabilidade é acionado em momentos em que seu prestígio ou sua soberania como pastor-Presidente são desafiados. No sermão mencionado acima, Malafaia relata sobre um episódio em que fora desobedecido por um dos pastores das filiais ADVEC. Na ocasião, o liderado não se submeteu às ordens diretas de Malafaia, que havia determinado o adiamento de sessão simbólica denominada “consagração de diáconos”. Contrariado, Malafaia o destituiu do cargo pastoral da filial, alegando: “Eu não abro mão de princípios, de unidade. E como ele já tinha uma intenção má, e *eu tenho discernimento espiritual*, eu sabia o que ele queria, e o que ele fez. Ele queria dividir a Igreja” (Malafaia, 2021a, grifo nosso). A dura consequência ao ato rebelde foi exposta como exemplo do que pode acontecer a quem não se submete à autoridade pastoral, ou seja, a quem afronta a autoridade espiritual instituída pelo próprio Deus.

Assim como a posição de LO pôde contar com maiores concorrências a partir da inserção social no *bios midiático*, o líder religioso precisa garantir seu prestígio ante a tantas opções disponíveis. Essa preocupação ficou registrada em sermão ministrado com o tema: “Alerta importantíssimo ao povo de Deus”. Em sua introdução, Malafaia, ao se colocar como uma das “vozes proféticas da Nação”, tece críticas aos que ele chama de “famosos anônimos”:

---

<sup>79</sup> Disponível em: <https://youtu.be/SEWy42ygp0o>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Eu fico triste, como é que o povo de Deus está sendo levado por belos discursos. Gente muito inteligente, preparada até. Que seduz o povo de Deus. E o povo de Deus está sendo seduzido pela falta de conhecimento e discernimento espiritual [...] É incrível como que o povo de Deus prefere seguir gente que chegou agora, que não tem história, do que aprender com homens fiéis que deram a vida no evangelho, que têm história [...] Um homem de Deus, uma autoridade espiritual sendo trocada por quem não tem autoridade espiritual. (Malafaia, 2022a)<sup>80</sup>

Malafaia critica diretamente seus concorrentes das redes sociais, usando a ideia do prestígio exclusivo pastoral, reforçando que a hierarquização eclesiástica não é puramente organizacional, mas reflete e conduz o “mundo espiritual”. Portanto, são marcadas em sua fala as graduações exigidas para o exercício de funções pastorais, ao reforçar em sua fala que “ovelhas” não podem superar os seus pastores apenas no quesito “autoridade”<sup>81</sup> e que como “ovelhas” devem “estar subjugadas”<sup>82</sup> ao seu pastor, caso contrário elas se perderiam; Malafaia alerta os fiéis sobre os perigos que novas figuras midiáticas estavam oferecendo à integridade da mensagem religiosa. Referindo-se diretamente à uma sessão batismal realizada por famoso *coach* financeiro que ganhou notoriedade nas redes, Malafaia disparou:

Coach não tem autoridade espiritual para guiar povo!! Pode treinar técnicas de como é que você é empreendedor, como é que você pode conquistar, não tenho nada contra, mas não tem autoridade espiritual para dar rumo ao povo. Esse é um problema que eu estou vendo hoje, o cara [*sic*] é coach e quer vir com conversa doutrinária. Cada macaco no seu galho! Desculpa a expressão! [...] Não se meta naquilo que Deus não delegou a você! (*Ibid.*)<sup>83</sup>

Colocar-se nessa grave posição é fundamental para o sucesso de sua comunicação atual, afinal esse aspecto que fora trabalhado cotidianamente dentro dos dogmas da instituição religiosa vem sendo aplicado nos ativismos políticos arquitetados sistematicamente em anos eleitorais. No limite, poderíamos dizer que se trata de uma construção de narrativa erguida e legitimada dentro do templo, mas que possui efeitos que extrapolam as 4 paredes. É ela que está presente em pregações pastorais em domingos antes de pleitos eleitorais, alertando sobre “os perigos da esquerda no poder”. É ela também que está presente no *marketing* comercial dos produtos de sua editora, afinal é a marca de uma “Autoridade Espiritual” que lhe garante sucesso na venda do seu livro de mesmo tema, além, é claro, de lhe assegurar milhares de

---

<sup>80</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_bSRC8vMP8s](https://youtu.be/_bSRC8vMP8s). Publicado em 2022. 1 vídeo (1h e 19 min.). Momento da fala: 17min.10s. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>81</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_bSRC8vMP8s](https://youtu.be/_bSRC8vMP8s). Publicado em 2022. 1 vídeo (1h e 19 min.). Momento da fala: 2min.38s. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>82</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_bSRC8vMP8s](https://youtu.be/_bSRC8vMP8s). Publicado em 2022. 1 vídeo (1h e 19 min.). Momento da fala: 40min.15s. Acesso em: 11 abr. 2023.

<sup>83</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_bSRC8vMP8s](https://youtu.be/_bSRC8vMP8s). Publicado em 2022. 1 vídeo (1h e 19 min.). Momento da fala: 47min.50s. Acesso em: 11 abr. 2023.

inscrições anuais para o ESLAVEC<sup>84</sup> (Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo). É ela que convoca seus seguidores às batalhas, encorajando à radicalidade em nome de algo maior, presumindo a defesa dos “princípios de Deus”.

É esta narrativa também que permite a ressignificação do mundo a partir da própria interpretação do pastor. Em outras palavras, a criação de sentido à existência e às práticas de reinterpretções das notícias seculares são validadas também por esse princípio intocável que há em sua estratégia comunicativa. Abordaremos no próximo tópico essa relação de captura semântica proposta na relação entre o LO Malafaia e seus seguidores, aspecto que constitui seu sistema de transmissão de ideias e que fora maximizado de modo concomitante ao seu investimento nas redes sociais nos últimos anos.

### **3.3 Arresto semântico: decodificando em nome da fé**

Como já tratamos anteriormente, a figura do LO contemporâneo necessita do ostensivo respeito que o seguidor presta ao seu ponto de vista em relação às pautas sociais que provocam distintas perspectivas na opinião pública de modo geral. Esse respeito estabelece a relação entre ambos. Tratando-se de uma liderança que acumula função religiosa, como no caso do pastor Malafaia, pode-se potencializar esse nível de confiança, já que agora essa refere-se a uma autoridade simbólica que detém poder ímpar no universo religioso, sobretudo no universo afetivo pentecostal e neopentecostal.

É comum acharmos nas falas do pastor pronunciamentos em que ele se propõe a decifrar sentido em informações pré-estabelecidas ou até mesmo novas, e a isto chamamos de *arresto semântico*. Ao se colocar como decodificador de leis, artigos constitucionais, hermenêuticas teológicas e notícias em geral, ele cria sobre sua relação com os seguidores a potência de ressignificar tais informações de forma satisfatória ao grupo. Em vista disso, podemos revisitar como exemplo a estratégia utilizada por ele nas eleições de 2018 ao “demonizar” o Partido dos Trabalhadores e seu candidato à presidência Fernando Haddad. Como vimos, nessa ocasião, Malafaia usa sua influência como LO direcionando seu público a repudiar o candidato petista, e ao se reafirmar como “Autoridade Espiritual” diante de seus ouvintes, ele reinterpreta o texto bíblico, recodificando-o, tornando-o útil para seu propósito.

---

<sup>84</sup> O site da ADVEC define o congresso da seguinte maneira: “[...] um dos maiores eventos para treinamento de liderança cristã no Brasil. Anualmente, desde 2009, líderes de diversas denominações se reúnem para serem capacitados em todas as instâncias da vida, seja no lar, na igreja, na área profissional ou na cidade onde mora. A 14ª edição será em novembro de 2023, no Rio de Janeiro”. É cobrado o valor de R\$100,00 por inscrição, e parceiros ministeriais que contribuem mensalmente possuem desconto. Mais informações em: <https://www.vitoriaemcristo.org/evento/2/eslavec>. Acesso em: 22 abr. 2023.

Esse aspecto comunicativo é um traço comum de muitos preletores evangélicos. A lógica de “decifrar” a “Palavra de Deus” para os fiéis é algo habitual no cotidiano eclesiástico. Pregações que prometem a fórmula para uma vida próspera, ou enunciam alguns “passos” ou “chaves” para a vitória, também fizeram parte da vida ministerial de Malafaia.<sup>85</sup> Acreditamos que essa estratégia foi apenas adaptada para o âmbito secular, no entanto não se afastando completamente do âmbito religioso.

Em 1º setembro de 2022, Malafaia fez um pronunciamento em seu canal do *Telegram* com o enunciado “Atenção evangélicos! Querem nos enganar”. Na exposição de pouco menos de 4 minutos, o pastor promete provar que qualquer aproximação do PT aos evangélicos não passava de enganação, pois, na visão dele, não há possibilidade de conciliação entre as pautas defendidas por ambos. Malafaia disse:

A partir de domingo, o partido das trevas e seu líder vão distribuir um panfleto na porta das igrejas evangélicas a fim de enganar o povo evangélico. [...] Minha gente, até Satanás (II Corinthians 11:14) se transfigura em anjo de luz. [...] vamos ver o que eles pensam realmente sobre aborto e ao dizer que a família e os valores são coisas atrasadas; eu vou refutar com a Bíblia e vou dizer para os evangélicos: vocês vão ter que fazer uma escolha, uma decisão. (Malafaia, 2022d)<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> Pregações com temas como “10 Elementos Indispensáveis Para Você Receber as Bênçãos de Deus”, “Quatro Conselhos para Uma Vida Vitoriosa”, “Dois ingredientes fundamentais para a vitória”, “7 conselhos para os homens serem vitoriosos”, “Uma receita para você romper na vida e conquistar vitórias” e “Conselhos indispensáveis para uma vida vitoriosa” são apenas alguns dos títulos de sermões que demonstram esse aspecto decodificador. Todos eles podem ser encontrados em: [https://youtube.com/playlist?list=PL7BSOIjlQ7SqB\\_XjJ2hcYjmxrOkQqVKIX](https://youtube.com/playlist?list=PL7BSOIjlQ7SqB_XjJ2hcYjmxrOkQqVKIX). Acesso durante abr. de 2023.

<sup>86</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Telegram, 1 de set. de 2022. 1 vídeo (3 min.). Acesso em: 22 abr. 2023.



**SILAS MALAFAIA**  
@SILASMALAFAIA  
SILASMALAFAIAOFICIAL

## ATENÇÃO, EVANGÉLICOS! QUEREM NOS ENGANAR



Figura 16 – Frame de vídeo do *Telegram*.

Após amostra de vídeo editado do – em época – candidato Lula tratando sobre o tema aborto, Malafaia se utiliza de processos de recodificação de textos bíblicos para, segundo ele, provar a cilada:

Eles passam a vida toda apoiando o aborto, chega na eleição quer fazer panfleto pra enganar o povo. Aborto é pecado, é matar uma vida! 99% ou mais de abortos são frutos do pecado da prostituição. [...] Leia o Salmo 139, o “não matarás” de Êxodo 20 Jesus repete em Mateus 19 e Paulo, em Romanos 13:9. Matar uma vida é pecado, é crime. O resto é conversa fiada. (Malafaia, 2022d)

Malafaia recusa-se a tratar o tema como pauta de saúde pública e insiste em reforçá-lo como *tabu* e dogma religioso. Em seguida, o pastor utiliza o já conhecido apelo ao termo “ideologia de gênero” para reforçar seus argumentos. Ele interpreta artigos constitucionais através de seus referenciais bíblicos, de modo a contrastar ambos com o que ele diz ser as propostas do PT de “erotizar as crianças nas escolas”:

O artigo 229 da Constituição diz que pertence aos pais o direito de criar e educar, Provérbios 22:6 diz: “ensina a criança no caminho que deve andar”. Como é que você vai ser enganado por um panfleto de época de eleição? O povo de Deus tem uma escolha: ou rasga a Bíblia e fica com panfleto mentiroso de época da eleição, ou rasga o panfleto e fica com a palavra de Deus. (Malafaia, 2022d)

Pode-se perceber a confusão criada entre “profissão de fé” e opção política nesse caso a ponto de se tornar fator condicionante do voto no PT a destruição do livro base da espiritualidade cristã.

A mídia – principalmente veículos ligados à Globo –, o STF, o PT, a Esquerda em geral, movimentos que lutam pelos direitos das comunidades LGBTQIA+ e o Ministro do STF Alexandre de Moraes foram seus alvos mais comuns durante o acalorado ano de 2022. Dentre um de seus vídeos denunciativos no mesmo canal, Malafaia constrói um típico processo de recodificação que exemplifica bem o que estamos evidenciando. Em junho de 2022, o então Presidente Jair Bolsonaro anunciou, junto com sua base aliada, uma medida estratégica para diminuir o preço da gasolina que era um dos motivos de críticas ao seu governo.<sup>87</sup> O caminho escolhido foi reduzir significativamente o ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias), tributo ligado diretamente ao direcionamento das verbas públicas à saúde e à educação de estados e municípios. Depois de aprovado pela Câmara dos Deputados, o projeto foi aprovado pelo Senado com 65 votos favoráveis, no entanto encontrou resistência de 12 votos contrários, dentre os quais 7 eram de senadores da bancada petista. Essa postura contrária foi alvo de ataques do pastor Malafaia, que em seu vídeo denunciava: “*Vergonha! Lula e PT são contra abaixar impostos de gasolina*”. Em fala de pouco menos de 3 minutos, ele deslegitima as motivações dos senadores, além de menosprezar os possíveis efeitos da lei:

Povo abençoado do Brasil. Isso é uma vergonha! Isso é um absurdo! Toda a bancada do PT no Senado votou contra abaixar alíquota do ICMS da gasolina de 30 para 17 por cento. Lula fez críticas ao baixar esse imposto ... qual é a desculpa deles? “É que vai prejudicar o dinheiro da educação nos estados”, conversa para idiota dormir. (Malafaia, 2022b)<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Naquele mês, o preço do litro da gasolina chegou a custar em média R\$ 8,99. Disponível em: <https://folha.com/0twpsxhq>. Acesso em: 20 maio 2023.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 30 de jun. de 2022. 1 vídeo (2 min.) Acesso em: 23 abr. 2023.

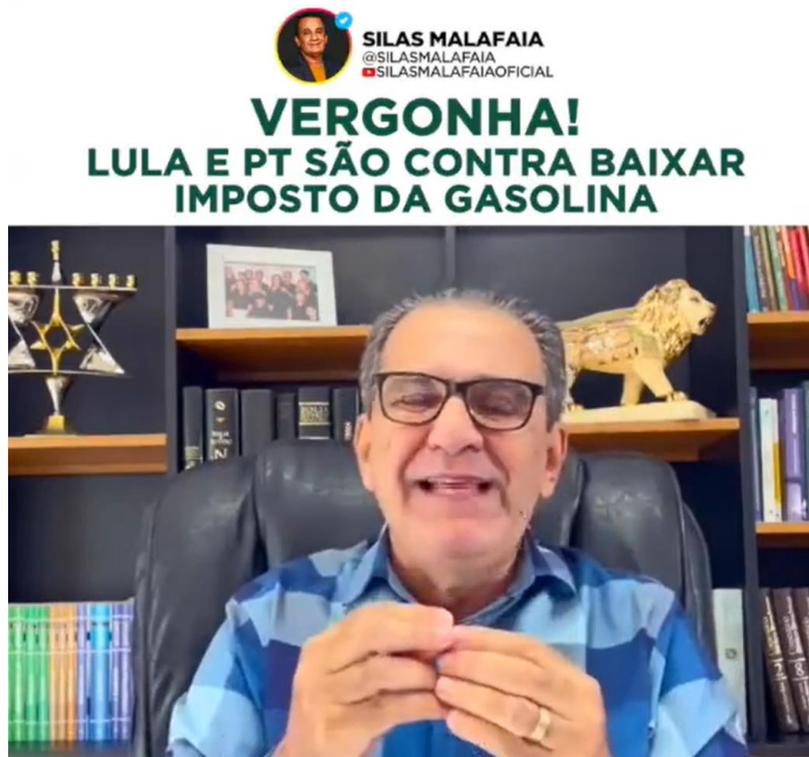


Figura 17 – Frame de vídeo do *Telegram*.

O pastor ainda expõe manchete de um *blog* privado como sendo de um veículo de imprensa com a seguinte manchete “Rui Costa entra na justiça para não baixar preço da gasolina na Bahia”<sup>89</sup>, tentando ressignificar o foco do debate, que estava sobre a não redução de impostos, o que de fato era o desejo do governador petista e de outros governadores. A estratégia de Malafaia era, mais uma vez, tornar o assunto passível de interpretações simplórias, haja vista que o pastor subtrai o que deveria ser o cerne do tema: a tão contestada dolarização dos preços da Petrobras, sancionada pelo governo Temer a partir de 2016, que segundo especialistas é o real motivo dos constantes aumentos nos preços finais dos combustíveis.<sup>90</sup> Ao invés disso, o pastor preferiu reinterpretar informações, proporcionando relatos incompletos e equivocados.

Sobre esse arresto semântico como aspecto e estratégia de comunicação, percebemos que Malafaia apreende a confiança de seus seguidores a ponto de estes relativizarem os demais meios informativos a partir do ponto de vista do pastor. Seu poder de persuasão ao promover essas reinterpretações tem engajado os seus liderados aos ativismos evangélicos dos últimos anos, na medida em que os imperativos criados em sua transmissão promovem a enumeração de inimigos comuns à fé. Somado ao aspecto da narrativa de “Autoridade Espiritual” tratado

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.didigalvao.com.br/rui-costa-entra-na-justica-para-nao-baixar-preco-da-gasolina-na-bahia/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>90</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/agenda-economica/2022/03/brasileiro-paga-a-preco-de-dolar-os-combustiveis-produzidos-com-petroleo-nacional>. Acesso em: 20 maio 2023.

anteriormente, esse arresto parece encorajar os seguidores a entregarem seus critérios interpretativos à resignificação do pastor. Ademais, para além de qualquer “autoridade” que proceda da narrativa religiosa, Malafaia incrementa à sua estratégia comunicativa o respaldo da ciência, ou, como veremos no próximo tópico, da pseudociência. Uma adição que, com certeza, marcou e ainda marca a sua trajetória.

### 3.4 A pseudociência presente em seus pronunciamentos

A principal base sobre a qual Malafaia constrói sua relação com os seguidores é a narrativa bíblica, afinal esta é considerada a Palavra do próprio Deus. É comum em suas pregações e até mesmo posicionamentos políticos a citação de textos das escrituras, que faz questão de evidenciar tê-los todos decorados.<sup>91</sup> No entanto, inserindo-se nos debates polemizados mencionados anteriormente, foi necessário completar as brechas deixadas pelo dogma religioso, embasando-se para isso na pseudociência, de modo que pudemos entender que esse é um aspecto que não encontramos em toda a trajetória de Malafaia, mas a partir do contato com a academia isso ficou cada vez mais evidenciado no seu discurso. Embora já tenha sido contestado por especialistas<sup>92</sup>, e até mesmo repudiado pelo Conselho Nacional de Psicologia por suas falas de ataques aos homossexuais, o pastor continua a complementar sua ideologização a partir de conceitos científicos caducos, inadequados ou inverificáveis. Para além de sua área de formação, ele se arrisca frequentemente a tratar de genética, sociologia, antropologia e história para dar tom de veracidade ante ao público menos atento.

Em uma instrução aos seus seguidores e evangélicos em geral, registrada no seu canal no *YouTube*, Malafaia promete orientar como cada indivíduo pode responder aos confrontos ideológicos que recebe no seu cotidiano, desvendando ao seu seguidor a receita usada por ele ao discutir temas como aborto e “ideologia de gênero”. Confessando a Bíblia como a única verdade absoluta, Malafaia defende a ciência como “respaldo para as verdades bíblicas”, tratando-a como “verdades” condicionadas e relativizadas a partir do texto bíblico.

---

<sup>91</sup> Em suas redes sociais, o pastor dá dicas para se decorar os textos assim como ele: “Uma das técnicas que uso para estudar a Bíblia e decorar os textos enquanto estou preparando a minha pregação é fazer as minhas anotações e depois passar a limpo de duas a três vezes. Só em fazer esse exercício de anotar num caderno, você treina o seu cérebro e decora os textos. Funciona! A Bíblia que costumo usar é essa da foto, porque ela já vem com espaço para anotações. Bíblia de Anotações e Esboços, da Editora Central Gospel”. Disponível em: <https://www.facebook.com/SilasMalafaia/posts/3346352558712287:0>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>92</sup> A partir do momento que Malafaia ousa defender seus dogmas religiosos com argumentos ditos “científicos”, ele recebe confrontações de diversos especialistas contestando os dados apresentados pelo pastor em suas falas. O geneticista Eli Vieira, por exemplo, refutou todas as falas levianas de Malafaia sobre o tema “homossexualidade” no programa “De frente com Gabi”. Disponível em: <https://youtu.be/3wx3fdnOEos>. Publicado em 2013. 1 Vídeo (15 min.). Acesso em: 25 abr. 2023.

Olá, povo abençoado do Brasil. Como é que a gente pode se preparar para falar, para instruir pessoas como entrar em discussões de temas polêmicos, tais como: aborto, ideologia de gênero, casamento gay? [...] O que é que eu faço com esses temas polêmicos? Primeiro, quando você for querer falar sobre qualquer tema polêmico, número 1: você tem que ir na Bíblia, o nosso livro de regras de ferro. [...] segundo lugar, o que que eu vou fazer? *Eu vou na ciência, eu vou na sociologia ou na psicologia, eu vou pesquisar na história.* Eu vou fazer uma pesquisa sobre o tema, *porque eu aprendi uma coisa, a Bíblia é a verdade absoluta, é a palavra de Deus. Aquilo que a Bíblia me fala e condena ou aquilo que a Bíblia me diz qual é o caminho, quando você vai nas ciências, você não vai ter uma contradição, você vai encontrar no campo científico, no campo do conhecimento secular, um apoio para as verdades bíblicas.* (Malafaia, 2021b, grifo nosso)<sup>93</sup>

Malafaia propõe então uma aplicação prática de sua receita. Ao supor o tema “aborto”, exemplifica com textos bíblicos sistematicamente separados o que, segundo ele, seria a confirmação de Deus para a abominação da prática abortiva, pois trata-se bíblicamente, de forma resumida, de uma subtração da vida, poder que seria restrito unicamente ao próprio Deus. Neste ponto, de fato o pastor apresenta uma quantidade significativa de textos bíblicos que respaldam seu dogma a partir de um jogo hermenêutico. No entanto, ao exemplificar como faria a sua abordagem “científica” sobre o tema, não apresenta suas fontes nem teóricos nos quais teria se embasado para promover tais afirmações. Ele continua sua argumentação:

Quem é na ciência que define onde começa a vida? É a biologia, não é medicina. A vida começa na concepção, é um ato intra e extrauterino até a morte. Qual a diferença entre eu e um óvulo fecundado, eu e um pequeno bebê de 3 meses? É que eu tenho 62 anos, ele tem 3 meses. Tempo e nutrição! Eu estou te falando de ciência! Ah, toda mulher tem direito sobre seu próprio corpo! Toda mulher?! 50% dos bebês que sofrem aborto eram mulheres, e não tiveram direito sobre seu próprio corpo, então, que história é essa de toda mulher ter direito sobre seu próprio corpo?! Nenhum ser humano tem direito sobre seu próprio corpo, direitos absolutos para fazer o que quer. Se você tentar se matar, você vai responder. E outra, na gestação o agente passivo é a mulher o agente ativo é o pequeno bebê, é ele que determina a hora de sair. Então você tem que entender o seguinte, meu queridão, eu estou falando aqui de ciência, eu estou falando de ciência, eu não estou falando de teologia. [...] Isso vale para a ideologia de gênero, isso vale para casamento gay [...] e quando eu discuto com qualquer pessoa, eu não uso a Bíblia, eu uso a ciência! Pode ver os vídeos aí, busque aí no canal do YouTube o que eu falo sobre as outras coisas.<sup>94</sup>

De fato, essa receita é utilizada por Malafaia sistematicamente em toda ocasião secular em que lhe é dada a palavra para defender os “princípios cristãos”. Vejamos, por exemplo, seu discurso em uma sessão solene na Câmara no dia 20 de novembro de 2012. Convidado pelo líder do Partido Social Cristão (PSC) na época, o deputado André Moura, Malafaia discursou

<sup>93</sup> Disponível em: <https://youtu.be/KHo5X2bu4ZQ>. Publicado em 2022. 1 vídeo (8 min.) Momento da fala 2min10s. Acesso em: 25 abr. 2023.

<sup>94</sup> Disponível em: <https://youtu.be/KHo5X2bu4ZQ>. Publicado em 2022. 1 vídeo (8 min.) Momento da fala. 5min28s. Acesso em: 25 abr. 2023.

em um ato simbólico em homenagem ao Dia Nacional de Valorização da Família.<sup>95</sup> Nesta oportunidade, ele começa sua fala demonstrando o grau de importância da família para a formação pessoal, esclarecendo que a família nuclear – isto é, Pai, Mãe e sua prole – é a primeira experiência social do indivíduo, e essa experiência é crucial para o seu desenvolvimento como um ser social. Segundo o raciocínio de Malafaia, a nossa “forma de pensar tem a ver com que você aprende, com o que você retira do convívio social. Então, senhores, a família é de vital importância por ser não só a primeira, mas a mais importante agência socializadora”.<sup>96</sup> Logo depois, ele define, a partir de sua visão normativa, o que seria a “Família”:

Quem fez a família foi Deus, e Deus, Ele criou normas, estabeleceu normas para o bom andar dessa instituição. Ele cria normas para que o ser humano possa tirar proveito e possa crescer e se desenvolver. O que nós chamamos de família nuclear é o homem, a mulher e a sua prole. Isso aqui é a família nuclear, não se assuste com o que eu vou te falar: família é o homem, a mulher e seus filhos; o resto vira parente. (Malafaia, 2012)<sup>97</sup>

É importante destacar que, ao dizer tais palavras, Malafaia desconsidera completamente o processo histórico para definição do que seria essa “família nuclear” e tradicional. Ele não leva em conta, por exemplo, os estudos de Hobsbawm (1995, p. 135), no qual é apontado que esse modelo familiar teve seu lugar de imposição moral no século XX, e que, no entanto, apresentou uma decadência nas últimas décadas desse mesmo século. Assim também, as pesquisas de Ana Maria Goldani (1991, 1994) nos apresentam as mesmas características no âmbito das famílias brasileiras. Como apontam as assistentes sociais Edilane Bertelli e Liliane Moser,

Entre as mudanças na estrutura dos arranjos familiares, destacam-se: redução do tamanho médio das famílias; diminuição do arranjo conjugal casal com filhos; incremento do número de famílias monoparentais (chefiadas por um dos cônjuges ou parceiros e com filhos), com maior proporção de mulheres; aumento das unidades unipessoais (pessoas vivendo sozinhas); queda do número de casamentos ao lado da elevação do montante de divórcios. (Bertelli; Moser, 2018, p. 28)

---

<sup>95</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.). Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>96</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.) Momento de fala 2min.48s. Acesso em: 22 abril 2022.

<sup>97</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.) Momento de fala 3min.10s. Acesso em: 22 abril 2022.



**Figura 18** – Frame de vídeo do Youtube.<sup>98</sup>

Não obstante a sua negação e omissão dos dados veridicamente científicos e fatos históricos nessa ocasião, Malafaia constrói no seu discurso o teor “pseudocientífico”. Ele faz isso de modo muito minucioso e organizado: primeiramente, depois de definir o que seria “família”, ele interpreta a participação do homem e da mulher no mundo como algo não construído socialmente, mas sim como papéis definidos previamente por Deus: “E agora querem destruir as figuras da família, a desconstrução da heteronormatividade e a desconstrução dessa família nuclear. E nós vamos ver o que vai acontecer nas gerações futuras, o desarranjo social”.<sup>99</sup> O pastor conclui seu raciocínio definindo a divindade a partir de sua cosmovisão: “Porque Deus, como qualquer instituição, ela precisa de organização. Até a quitanda do Seu Manoel se não tiver organização vai pro beleléu”. Quanto ao papel das mulheres, que segundo ele “têm uma percepção emocional fenomenal”, caberia a elas trazerem “o equilíbrio das partes” e edificarem “a autoridade do homem”.<sup>100</sup> Finda essa parte reafirmando que a autoridade é masculina, e a mulher “pode solapar e vai tudo pro beleléu”. A proposta pseudocientífica fica clara durante sua tentativa de se afastar um pouco da teologia e apresentar

<sup>98</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.) Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>99</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.) Momento de fala 4min.43s. Acesso em: 22 abr. 2022.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.) Momento de fala 7min.11s. Acesso em: 22 abr. 2022.

“provas científicas” que sustentariam sua fala, inserindo-se no campo sociológico e antropológico, citando sua “fonte” e “teórico” basilar:

Um sociólogo francês, não é evangélico não, viu gente, chamado George Gilder, um PHD em sociologia. Ele pesquisou mais de duas mil culturas no mundo, chegou à conclusão que apenas cinquenta e cinco eram unissexuais, não havia papel definido de macho e fêmea. Essas culturas rapidamente se destruíram. Qual é a conclusão que George Gilbert chega? Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços de suas famílias [aplausos]. A primeira. A segunda conclusão: a fortaleza das suas famílias depende das relações heterossexuais. Nenhuma sociedade é mais forte do que os laços de suas famílias e a fortaleza das suas famílias depende das relações heterossexuais. Querido, eu não estou falando de teologia, eu estou falando de sociologia, eu estou falando de antropologia. Toda história da sociedade humana está sustentada em um homem, uma mulher e sua prole. Toda história da raça humana está sustentada nisso. Querem trocar, querem mudar, então nós vamos ver onde vai chegar a sociedade. Querem quebrar isso, então nós vamos ver onde vai chegar a sociedade.<sup>101</sup>

Embora tenha realmente se aventurado ao escrever alguns livros na área da sociologia, o suposto antropólogo francês que Malafaia cita, na verdade, como nos lembra Koren (2016) e Martins-Suarez e Farias (2016), é um investidor e economista estadunidense. Gilder, por sua postura e fala neoconservadora e extremista, recebeu o prêmio da *Revista Time* de “Male Chauvinist Pig of the Year” (Porco Chauvinista Masculino do Ano) (Ocala Star-Banner, 1981 *apud* Koren, 2016, p. 652). A pretensão de Malafaia claramente é dar um tom científico ao que na verdade é fruto do espírito conservador e tem base no dogma e moralismo religiosos. No entanto, diante de uma plateia que anseia por uma representatividade, suas falas aparentemente embasadas na ciência resultam em aplausos e suspiros.

É importantíssimo destacar que o debate acadêmico e científico é lugar sim para todas as religiões e práticas de fé. É interessantíssimo ver como as concepções pós-modernas das ciências sociais vêm permitindo um debate cada vez mais profícuo com assuntos que outrora eram marginalizados e menosprezados como meros “misticismos”. O próprio campo pentecostal vem produzindo literaturas extremamente densas e ricas em conteúdo que fomentarão pelos próximos anos ainda mais essas reflexões.<sup>102</sup> Portanto, nosso ponto de reflexão sobre esse aspecto da comunicação malafaliana não visa, de forma alguma, afastar pastores e líderes religiosos do debate acadêmico. Buscamos unicamente evidenciar que Malafaia, a despeito de considerar e anunciar o próprio argumento como sendo baseado na ciência, ignora o debate científico e acadêmico, apresentando aos seus seguidores dados

---

<sup>101</sup> Disponível em: <https://youtu.be/nJh6z9KZMAw>. Publicado em 2013. 1 vídeo (13 min.). Momento de fala 9 min. 20s. Acesso em: 22 abr. 2022. Durante essa sua fala, pode-se ouvir um brado de “Glória a Deus” em meio ao som dos aplausos.

<sup>102</sup> César Moisés Carvalho e Kenner Terra são dois dos teólogos e pastores pentecostais que vêm produzindo bibliografias bastante ricas sobre o tema. Teologias pentecostais propriamente ditas.

estatísticos não verificáveis, suprimindo fontes de suas afirmações, quando não falseando a origem delas, como no episódio acima.

A partir dos ativismos evangélicos liderados pelo pastor nas últimas duas eleições presidenciais, pudemos perceber que Malafaia agregou informações pseudocientíficas às antigas falas, que usava para defender seus ideais sobre os tais “assuntos polêmicos”. Em agosto de 2020, o pastor fez uso do seu “novo” canal no *Telegram* para postar um vídeo (também presente em seu canal no *YouTube*) de título: “O espetáculo que Deus fez! A ciência comprova. Macho e fêmea!”. Em pouco mais de 6 minutos de vídeo, Malafaia promete provar cientificamente a inexistência de gêneros e a irrefutabilidade da heteronormatividade. Usando a receita, que ensinaria dogmaticamente pouco tempo depois, o pastor introduz sua mensagem de felicitação ao Dia dos Pais:

Eu vou falar mais de ciência do que de teologia. Mas vamos começar com a teologia. Quando Deus fez o homem, Gênesis capítulo 1:26 [...] macho e fêmea os fez, a sua imagem e semelhança. Significa que a imagem de Deus compreende o macho e a fêmea. Deus não fez uma sociedade, dos bissexuais nem de andrógenos. E a ciência comprova as diferenças do homem e da mulher, diferenças fisiológicas, anatômicas, biológicas, bioquímicas, psicológicas, e eu destaco: genéticas! Um fragmento de um osso, apenas um fragmento de um osso de um ser humano que existiu há 1000 anos atrás, a ciência determina se é masculino ou feminino, está entranhado em todo o ser humano, se é macho ou se é fêmea. Eu queria informar para você que gênero masculino e feminino só na gramática. “A verdade é que você é do sexo masculino ou do sexo feminino. [...] a ideologia de gênero não é ciência, é a ideologia que veio com o marxismo cultural para destruir o último reduto de autoridades que é a família nuclear, o homem e a mulher”. (Malafaia, 2020c)<sup>103</sup>

Embora mais uma vez ele não evidencie suas fontes, podemos supor que Malafaia se baseia nos princípios defendidos por Louis P. Sheldon, pastor estadunidense desacreditado pelas autoridades científicas e vinculado à extrema direita norte-americana, associado também a discursos de ódio à comunidade LGBTQIA+ estadunidense. Inclusive, esse mesmo pastor teve seu livro publicado pela Central Gospel em 2012: *A Estratégia*. A busca pelo respaldo da pseudociência presente em Sheldon parece haver inspirado Malafaia.

O que eu vou falar agora é científico. A teologia falou primeiro, mas a ciência comprova. [...] A sexualidade nas diferentes espécies cumpre 3 em funções principais: dualismo, complementariedade e fecundação, [...] pegue qualquer comportamento sexual fora do heterossexual para ver se cumpre essas funções. [...] qualquer outra relação não cumpre as funções fundamentais da sexualidade que está no ser humano, na espécie humana e nas diferentes espécies. Mais um dado científico: a criança quando nasce ela tem uma pré-disposição de herdar características psicológicas do sexo que veio. Mais um dado científico: a criança quando nasce está em simbiose com

---

<sup>103</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 6 de ago. de 2020. 1 vídeo (6min.). Acesso em: 22 abr. 2023.

a mãe, ela faz a ruptura entre ela, a mãe e o mundo a partir da figura paterna.<sup>104</sup>  
(Malafaia, 2020c)

Essa estratégia comunicativa é capaz de complementar qualquer lacuna que a narrativa sobre “autoridade espiritual” não tenha sido capaz de preencher, afinal o ativismo proposto por Malafaia, a partir do reforço desse aspecto, não está mais embasado apenas na vontade soberana da divindade; agora ele também se mostra coerente com as ciências dos homens. Conforme pudemos analisar anteriormente, Malafaia consegue ativar em seus seguidores gatilhos de ultrageneralização, devido ao já tratado pragmatismo das ideias levantadas no cotidiano. Ele o faz oferecendo uma outra opção, uma “outra ciência” na qual o indivíduo possa embasar seus duelos ideológicos cotidianos.

Desse modo, entendemos que o pastor Malafaia construiu durante sua trajetória ministerial e política não apenas uma estrutura de domínio, mas também, e principalmente, uma estratégia comunicativa sistematicamente aprimorada e em constante desenvolvimento. Ademais, é interessante observar que os últimos 3 aspectos presentes na comunicação malafaliana e que foram tratados até aqui, embora se manifestem individualmente em determinados discursos, produzem potência singular quando aplicados na mesma estratégia. Esse combo estratégico pode ser encontrado invariavelmente em suas pregações e pronunciamentos em épocas eleitorais, alarmando os evangélicos sobre os perigos de uma possível vitória da Esquerda.

Essa forma de comunicar vem se mostrando peculiar e poderosa em seus efeitos a longo prazo a ponto de questionarmos: em que medida não se pode entender as falas e pregações de Malafaia sobre “Guerra Espiritual e Ideológica” como discurso encorajador para atos extremistas? Não seriam os “alertas importantíssimos” sobre uma suposta ameaça ao “povo de Deus” um aclame à urgência de atitudes veementes? Mais do que responder a tais perguntas, nos cabe aqui entender como tais aspectos constroem e são construídos pela sua estratégia comunicativa.

Além disso, esperamos poder contribuir para futuras pesquisas que visem estudar esse tipo característico de LO que vem surgindo em nossa sociedade, personagens como o Deputado Federal Nikolas Ferreira, ou como o pastor Batista André Valadão, que já usam alguns aspectos comunicativos malafalianos de que tratamos nesse capítulo. Isso significa dizer que consideramos que Malafaia possui algum grau de pioneirismo no êxito em se estabelecer como essa figura paradigmática do evangelicalismo brasileiro contemporâneo, haja vista que, além

---

<sup>104</sup> Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Publicado em 6 de ago. de 2020. 1 vídeo (6min.) fala em 3min.39s. Acesso em: 22 abr. 2023.

de influenciar um contingente significativo de seguidores, e imensurável em suas ramificações, ele se apresenta também como um Guia ou um modelo para esses demais líderes.

Não poderíamos finalizar esse tópico sem ressaltar que, por mais que a atuação de Malafaia extrapole as paredes do templo, ela leva consigo para âmbito secular, e até mesmo laico, toda uma sacralidade desenvolvida cotidianamente dentro de suas Igrejas. Essa forma de sacralizar, no entanto, é atravessada por um espírito conservador e reacionário. Espírito esse que já se mostrou ameaçador em seus atritos com as bases democráticas da Nação. Por conta disso, esperamos que nossa argumentação seja fecunda no sentido de reforçar o valor do diálogo inter-religioso, denunciar posturas que se apresentem como supremacistas e exortar sempre o espírito democrático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação empreendeu uma análise detalhada da figura de Silas Malafaia como um dos principais articuladores do evangelicalismo no Brasil contemporâneo. Mais do que um simples líder religioso, Malafaia se consolidou como um protagonista no cenário político, utilizando uma comunicação estratégica que mistura elementos religiosos com fortes apelos políticos, especialmente no campo conservador. Sua trajetória, profundamente enraizada na tradição pentecostal, demonstra como a religião e a política se entrelaçam de forma complexa e, muitas vezes, indissociável.

Durante nossa breve, mas intensa jornada de pesquisa, nos deparamos repetidamente com questões que, à primeira vista, podem parecer simples, mas que revelam a complexidade do fenômeno em análise. Fomos questionados diversas vezes sobre a originalidade do papel de Silas Malafaia: “Será mesmo Malafaia um promotor de um *modus operandi* original? Ou seria ele apenas um reflexo dessa “onda” dessacralizante que vem caracterizando o movimento evangélico contemporâneo?”. Essas interrogações não surgiram por acaso; elas representam o cerne de um debate mais amplo sobre a natureza das transformações no campo religioso brasileiro e o papel de figuras como Malafaia nesse processo. A dúvida sobre a originalidade ou a reatividade de Malafaia nos levou a uma análise mais aprofundada, na qual procuramos desvendar se sua atuação é fruto de um movimento maior ou se ele, de fato, contribuiu para moldar e redefinir as práticas e discursos evangélicos em um contexto de crescente secularização e pluralismo.

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que essas questões não são apenas teóricas, mas possuem implicações práticas significativas para a compreensão do papel de Malafaia na sociedade brasileira. Nossa investigação nos levou a concluir que Malafaia não é apenas um produto das novas e vigorosas ondas que marcam o movimento evangélico no Brasil, mas é também um agente ativo na produção de um novo modo de ser evangélico. Este modo de ser, que combina elementos tradicionais com estratégias modernas de comunicação, confronta diretamente a realidade social e política de um país que, ao menos formalmente, se define como um Estado laico. Malafaia, com seu discurso combativo e sua habilidade em mobilizar massas através das redes sociais, não só reflete as mudanças em curso, mas também as amplifica e direciona, criando uma configuração de poder e influência dentro do movimento evangélico e, por extensão, na sociedade brasileira como um todo.

Nessa perspectiva, defendemos que um dos principais aportes desta dissertação é a proposição de que Silas Malafaia é um arquétipo de um *modus operandi* comunicativo que vem sendo adotado por muitos evangélicos nas redes sociais. Sua capacidade de adaptar-se às novas tecnologias de comunicação e sua habilidade em utilizar essas plataformas para ampliar sua influência tornam-no um modelo a ser seguido por outros líderes religiosos. Malafaia não apenas prega, ele constrói um *bios midiático* que mistura sua identidade pessoal com sua figura pública, criando uma presença digital poderosa que é ao mesmo tempo pessoal e pública.

Os desdobramentos disso são vistos na aplicabilidade de seus métodos por outros Líderes de Opinião, os já formados e os em formação, como o atual (2023) deputado federal Nikolas Ferreira. Jovem e influente, tem se destacado pela forma hábil como manipula as redes sociais para amplificar sua mensagem, engajar seguidores e polarizar debates. Seu *modus operandi* digital, em muitos aspectos, espelha o de Silas Malafaia. Ambos utilizam uma retórica combativa, apelam para narrativas de “nós contra eles” e se posicionam como defensores de valores conservadores, especialmente no que se refere à moralidade e à religião. Essa postura encontra eco em um público que se sente representado por essa visão de mundo, criando uma dinâmica de engajamento que vai além da mera comunicação, tornando-se uma verdadeira mobilização política e social.

A exemplo de Malafaia, Nikolas Ferreira opera em um ambiente onde a dessacralização das instituições tradicionais é vista como uma ameaça, e a resposta a essa ameaça é a reafirmação de um discurso religioso e conservador que visa resgatar ou preservar uma suposta ordem moral. Ambos os líderes são mestres na arte de utilizar as redes e o *marketing* digital não apenas como um meio de comunicação, mas como um campo de batalha ideológico em que a persuasão se dá através de mensagens curtas, impactantes e altamente compartilháveis, que reforçam a identidade de seus seguidores e demonizam os adversários.

No contexto das redes sociais, a estratégia de Ferreira reflete uma adaptação das práticas de Malafaia ao novo ecossistema digital, no qual a velocidade e a viralidade da informação são essenciais. A narrativa de “resistência” que Malafaia estabeleceu em suas pregações e campanhas se transforma, nas mãos de outros LOs como Nikolas Ferreira, em uma guerra cultural travada através de memes, vídeos curtos e postagens que misturam humor com uma crítica feroz aos opositores. Essa abordagem gera um ciclo de engajamento contínuo no qual a atenção e o apoio dos seguidores são constantemente alimentados por novos conteúdos que mantêm viva a chama do conflito ideológico.

Outro aspecto fundamental abordado é a “sacralização da técnica”, discutida ao longo da dissertação, e como ela é uma característica central desse *modus operandi*. No contexto de Malafaia e de outros líderes que vêm se espelhando nele, a mídia digital não é apenas um meio para disseminar sua mensagem religiosa, mas é também vista como um veículo divino, uma extensão do poder sagrado que ele detém enquanto líder religioso, além de ser experienciada por seus seguidores como um ambiente místico que embala a verdadeira “guerra espiritual”. Essa visão representa uma tendência na utilização das plataformas digitais para consolidação de poder político.

Buscamos evidenciar também como Malafaia mobiliza seu capital simbólico para exercer influência no campo político. Sua retórica conservadora, especialmente em períodos eleitorais, fortalece sua base de apoio entre os evangélicos e amplifica seu poder de persuasão. Malafaia tornou-se um agente político cuja voz ressoa não apenas entre os fiéis, mas também na arena pública, moldando debates e influenciando decisões nas câmaras. Essa influência é amplificada pelas redes sociais, onde Malafaia adapta seu discurso para se alinhar com os algoritmos e as dinâmicas de engajamento dessas plataformas. A comunicação malafaliana, portanto, não é apenas uma expressão de suas crenças religiosas, mas uma estratégia cuidadosamente planejada para maximizar seu impacto social e político.

No entanto, o poder de comunicação de Malafaia não está isento de riscos e responsabilidades. Apontamos como sua retórica pode incitar a radicalização entre seus seguidores. Ao promover uma “Guerra Espiritual e Ideológica”, Malafaia muitas vezes apela para uma narrativa de “nós contra eles”, que polariza a sociedade e pode levar à intolerância e ao extremismo. Esse cenário levanta questões importantes sobre o papel da comunicação religiosa na sociedade contemporânea. Urge a necessidade de equilibrarmos a liberdade de expressão religiosa com a responsabilidade de promover um discurso que não contribua para a divisão social. Neste sentido, entendemos a necessidade de fomentarmos um diálogo inter-religioso e defendermos os valores democráticos, especialmente em um contexto de crescente polarização.

Por fim, é crucial reconhecermos que o evangelicalismo brasileiro não é monolítico. Embora figuras como Silas Malafaia representem uma vertente conservadora e influente, existem outras correntes dentro do movimento evangélico que oferecem perspectivas antagônicas. A vertente progressista, representada por líderes como o pastor Henrique Vieira<sup>105</sup>,

---

<sup>105</sup> Henrique dos Santos Vieira Lima, mais conhecido como pastor Henrique Vieira, é um ator, poeta, professor, pastor batista e político brasileiro filiado ao Partido Socialismo e Liberdade. Nas eleições de 2022, foi eleito

traduz um horizonte de esperança para aqueles que buscam uma prática de fé mais inclusiva e voltada para a justiça social.

Henrique Vieira, ao contrário de Malafaia, adota uma postura que valoriza o diálogo, a inclusão e a defesa dos direitos humanos. Sua abordagem contrasta com a retórica conservadora de Malafaia e oferece uma visão de um evangelicalismo que pode ser uma força positiva para a transformação social, promovendo a paz e a justiça em vez da polarização e do conflito.

Em suma, nosso trabalho sublinha a importância de uma reflexão crítica sobre o papel da comunicação religiosa no Brasil contemporâneo. Enquanto líderes como Silas Malafaia continuam a exercer uma influência significativa, é essencial que haja um reconhecimento da diversidade dentro do evangelicalismo e que se promova uma prática de fé que seja, ao mesmo tempo, fiel às suas tradições e comprometida com os valores democráticos e humanitários.

Esta dissertação, portanto, não apenas visa contribuir para o entendimento da influência de Silas Malafaia, mas também busca atualizar e fomentar o debate acadêmico a respeito da natureza camaleônica de líderes que se adaptaram e se catapultaram através da lógica das redes sociais a partir de um eficiente e, por vezes maligno, *marketing* digital.

## FONTES E REGISTROS DO PASTOR MALAFAIA

MALAFAIA, Silas. **Pr Silas Malafaia-PARTE 02 Responde Edir Macedo fala Candidata Marina do PV e Dilma do PT.** TVFILADELFAIA. YouTube, 21 out. 2010 [2010a].

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcEVzRGliCE>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MALAFAIA, Silas. Um alerta importante aos evangélicos. **Revista Fiel**, Rio de Janeiro, nº 64, p. 3., set. de 2010 [2010b].

MALAFAIA, Silas. **Dia Nacional de Valorização da Família.** YouTube. 20 nov. 2012.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nJh6z9KZMAw>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MALAFAIA, Silas. **Silas Malafaia Pregando contra a Teologia da Prosperidade.**

Assembleia de Deus do Bom Retiro, SG, RJ, [s.n.]. YouTube, 2015. Registro de 1992.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=voRpsUohXXA>. Acesso em: 18 jun. 2023.<sup>106</sup>

MALAFAIA, Silas. **Incrível!** Haddad e o diabo usam as mesmas táticas para enganar.

Comprove! YouTube, 25 de out. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/o3GO1N4uT4A>.

Acesso em: 20 ago. 2022.

MALAFAIA, Silas. **Autoridade espiritual.** [S.l.]: Editora Central Gospel, 2019.

MALAFAIA, Silas. [Sem título. Primeiro vídeo do canal Silas Malafaia SEM CENSURA].

Telegram, 3 abr. 2020 [2020a]. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MALAFAIA, Silas. **Está Provado!** A farsa da quarentena no Brasil. Bolsonaro está certo!

Telegram, 3 abr. 2020 [2020b]. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MALAFAIA, Silas. **O espetáculo que Deus fez!** A ciência comprova. Macho e fêmea!

YouTube. 06 de ago. 2020 [2020c]. Acesso em: 22 abr. 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=nV5CiUSICEw>. Acesso em: 22 jul. 2023.

MALAFAIA, Silas. **ALERTA IMPORTANTÍSSIMO!** Atenção, evangélicos e cristãos em geral. Assista e compartilhe! Telegram e YouTube, 15 out. 2020 [2020d]. Disponível em:

<https://youtu.be/OwAt0HTDHY>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MALAFAIA, Silas. **Guerra espiritual:** como vencê-la? YouTube, 8 fev. 2021 [2021a].

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SEWy42ygp0o>. Acesso em: 24 jun. 2023.

---

<sup>106</sup> Até a data de fechamento deste trabalho, o link original não estava mais disponível. No entanto, o conteúdo pode ser acessado por meio do seguinte link atualizado: [https://www.youtube.com/watch?v=eeqoZ10WxHw&ab\\_channel=Uir%C3%A1Ramos](https://www.youtube.com/watch?v=eeqoZ10WxHw&ab_channel=Uir%C3%A1Ramos). Acesso em: 22 out. 2024.

MALAFAIA, Silas. **Como instruir sobre temas atuais, como aborto e ideologia de gênero, segundo a Bíblia.** YouTube, 22 dez. 2021 [2021b]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KHo5X2bu4ZQ>. Acesso em: 25 jun. 2023.

MALAFAIA, Silas. **Alerta importantíssimo ao povo de Deus.** YouTube, 7 fev. 2022 [2022a]. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_bSRC8vMP8s](https://www.youtube.com/watch?v=_bSRC8vMP8s). Acesso em: 24 jun. 2023.

MALAFAIA, Silas. **Vergonha! Lula e PT são contra abaixar impostos de gasolina.** Telegram, 30 de jun. de 2022 [2022b]. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MALAFAIA, Silas. **INACREDITÁVEL!** Proibido usar bandeira do Brasil. É símbolo de Bolsonaro.”. Telegram, 15 jul. de 2022 [2022c]. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 20 mar. 2023.

MALAFAIA, Silas. **“Atenção evangélicos! Querem nos enganar”.** Telegram, 1 de set. de 2022 [2022d]. Disponível em: <https://t.me/malafaiasemcensura>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PARLATUBE BRASIL. **Pastor Silas Malafaia.** Dia Nacional de Valorização da Família. YouTube, 20 nov. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nJh6z9KZMAw>. Acesso em: 25 jun. 2023.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, C. E. S. **A Sacralidade Digital**: religiões e religiosidades na época das redes. São Paulo: Annablume, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4533>. Acesso em: 15 de nov. de 2023.
- AGUIAR, C. E. S. **Notas sobre a religiosidade tecnológica**. [S.l: s.n.]. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação. Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 42, 2019. Belém. **Anais...**, Belém, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0756-1.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2023.
- AGUIAR, C. E. S. Ativismo digital evangélico e contrassecularização na eleição de Jair Bolsonaro. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 600-624, 31 ago. 2020. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2020v18n56p600. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/22622>. Acesso em: 17 de out. de 2023.
- AGUIAR, C. E. S. Imaginário tecnológico e a religiosidade das redes digitais. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura** (ISSN: 2358-212X), v. 10, n. 1, p. 1-19, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4533>. Acesso em: 11 abr. 2023.
- ARAÚJO, I. D. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BERGER, Peter L. (Org.). **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Tradução de Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERGER, P. **O Dossel Sagrado** - Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, SP: Paulus, 2011.
- BERTELLI, E.; MOSER, L. "Que família é esta? Mosaico de diferenças, contradições, discriminações |What family is this? Mosaic of differences, contradictions, discriminations", **Revista Em Pauta**: teoria social e realidade contemporânea, v. 16, n. 42, p. 17-33, 2018. DOI: 10.12957/rep.2018.39404. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/39404>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/426/o/Bourdieu-Pierre-Coisas-Ditas.pdf>. Acesso em: 6 out. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 07-16.
- BOURDIEU, P. "L'illusion biographique". Tradução de Olívia Alves Barbosa. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 62-63, p. 69-72, 1986.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CAMPOS, L. S. Os “políticos de Cristo” – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. *In: ANPOCS, 26. Anais...*, Caxambu. 2002. [Texto preparado para o GT Religião e Sociedade].

CAPLER, R. **O País dos evangélicos** - Política e Religião no Brasil contemporâneo. São Paulo: Fonte Editorial, 2022.

CARVALHO, César Moisés. **Pentecostalismo e pós-modernidade**. Quando a experiência sobrepõe-se à Teologia. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CARVALHO, César Moisés; CARVALHO, Céfora Ulbano. **Teologia Sistemático-Carismática**. 2 Vols. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

CESAR, L. de O. **Pastor Silas Malafaia nas eleições de 2018**: o uso estratégico do Twitter como palanque no cotidiano midiático. 2019. Niterói, Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) - Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano, da Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <http://app.uff.br/riuff/handle/1/9771>. Acesso em: 17 maio 2023.

CESAR, L. de O.; SALDANHA, P. G. Pastor Silas Malafaia e o uso estratégico das mídias digitais: o novo púlpito religioso no cotidiano midiático. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 13, n. 1, p. 173-190, 29 mar. 2019. DOI: 10.29397/reciis.v13i1.1564. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1564>. Acesso em: 11 abr. 2023.

CUNHA, M. do N. **Do púlpito às mídias sociais**: evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Appris, 2019 [2019a].

CUNHA, M. do N. Os processos de midiáticação das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 1, p. e30691–e30691, 19 ago. 2019 [2019b]. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.1.30691.

CUNHA, M. do N. “Irmão vota em irmão, em aliados e contra inimigos da fé”. O protagonismo evangélico na arena política do Brasil nas primeiras décadas dos anos 2000. *In: LISBÔA, J., SANTOS, L. DE A., AMARAL, C. DE O. (Org.), Os Protestantismos à prova do tempo*: Uma introdução de sua história no Brasil. Rio de Janeiro: Itacaiunas, 2022. p. 152-167.

CUNHA, M. do N. **Vinho novo em odres velhos**. Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. DOI: 10.11606/T.27.2004.tde-29062007-153429. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-29062007-153429/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

D'ARAÚJO FILHO, C. F. **Confissões do Pastor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

DREHER, Martin N. Fundamentalismo. *In: BOTELHO, Fernando Filho (Dir.). Dicionário Brasileiro de Teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 448-456.

DIXON, Amzi C.; MEYER, Louis; TORREY, Reuben A. (Publishers) **The Fundamentals: A Testimony to the Truth**. Chicago: Testimony Publ. Com., 1910-1915. 12 vols.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**. 1993. 307f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581014>. Acesso em: 3 dez. 2023.

GOLDANI, A. M. A “crise familiar” no Brasil hoje. **Travessia** - Revista Do Migrante, v. 4, n. 9, p. 14–21., jan./abr. 1991. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i9.185>

GOLDANI, A. M. Retratos de família em tempo de crise. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, CIEC/ECO/UFRJ, v. 94, número especial, p. 303-333, out. 1994.

GIUMBELLI, E. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. **Religião & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 80–101, 2008. DOI: 10.1590/S0100-85872008000200005.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 11<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOREN, Jonas Christmann. **Ministério Silas Malafaia: evangelizando à direita (2000-2013)**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2016. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIOESTE-1\\_8fd8bd396e5cd4c1cdcf783bf43e85df](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNIOESTE-1_8fd8bd396e5cd4c1cdcf783bf43e85df). Acesso em: 05 ago. 2022.

KRÜGER, F. R. A Revolução Francesa e o submundo literário do século XVIII. **Biblos**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 81-92, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1570/708>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. [S.l.]: Edições Roger Delraux, 1980. Disponível em: [https://www.academia.edu/22706919/LE\\_BON\\_Gustave\\_Psicologia\\_das\\_Multid%C3%B5es](https://www.academia.edu/22706919/LE_BON_Gustave_Psicologia_das_Multid%C3%B5es). Acesso em: 07 ago. 2023.

LOPES, Guilherme. E. G. **Evangélicos, mídia e poder: Análise da atuação parlamentar na Assembleia Constituinte (1987-1988)**. Salvador: Sagga, 2021.

MACEDO, E. Cuidado com o profeta velho. 16 out. 2010. **Universal.org** – Portal Oficial da Igreja Universal do Reino de Deus. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/cuidado-com-o-profeta-velho/>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MACHADO, M. das D. C. A vertente evangélica do neoconservadorismo brasileiro. *In*: GUADALUPE, J. L. P.; CARRANZA, B. (Orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 271–286. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/alesp/biblioteca-digital/obra/?id=24396>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MALAFAIA, Samuel. Direitos Humanos. **Revista Fiel**, Rio de Janeiro, nº 62, p. 22. Jul. de 2010.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso Afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2014.

MARIANO, R. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 4, p. 708–726, dez. 2016. DOI: 10.15448/1984-7289.2016.4.25765. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/z7fRrBCtnj6gHpDyNWBByTYH/abstract/?lang=pt>. Acesso em 03 de set. de 2023.

MARTINS-SUAREZ, Fernanda Chiozzini; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Novos arranjos familiares na contemporaneidade frente ao texto religioso: uma análise sobre o discurso em "defesa" da família. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 2, n. 1, p. 83-108, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/4562>. Acesso em: 01 ago. 2023.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: Antígona, 2014.

MOLL, R. **Diferenças entre neoliberalismo e neoconservadorismo**. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <https://ieei.unesp.br/portal/wp-content/uploads/2016/11/Diferen%C3%A7as-entre-neoliberalismo-e-neoconservadorismo.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

NOIRET, S. **Historia digital e historia pública**. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <https://cadmus.eui.eu/handle/1814/38146>. Acesso em: 18 ago. 2024.

ORTUNES, L. **Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil**. 2019. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_SP-1\\_86cb00c7c5f67eef067961b68ea224d3](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_86cb00c7c5f67eef067961b68ea224d3). Acesso em: 16 maio 2022.

PEIXOTO, Paulo. Edir Macedo prega aborto legal em MG. **Uol**, 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc061006.htm>. Acesso em: 17 jun. 2023.

PINHEIRO, D. Vitória em Cristo: Com uma leitura singular da Bíblia, o pastor Silas Malafaia ataca feministas, homossexuais e esquerdistas enquanto prega que é dando muito que se recebe ainda mais. **Revista piauí**, ed. 60, set. 2011. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vitoria-em-cristo/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, p. 02-28, 2021. DOI: 10.5965/2175180313342021e0202. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0202>. Acesso em: 29 jun. 2024.

PY, F. **Pandemia Cristofascista**. Contágios infernais, 04. Rio de Janeiro: Recriar, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/344234503>. Acesso em 25 de out. de 2023.

RIVIÈRE, C. **As Liturgias Políticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Coleção Tempo e Saber).

SANTOS, A. M. dos. Os neopentecostais: entre o mercado e o planalto. *In*: SILVA, E.; SANTOS, L. de A.; ALMEIDA, V. de (Orgs.). **Os 500 anos da Reforma Protestante no Brasil**: um debate histórico e historiográfico. Curitiba: CRV, 2017. p. 295-320.

SILVA, Ivan Dias da. **Jerry Falwell e a maioria moral**: um estudo sobre a relação entre religião e política no espaço público americano entre 1979 e 1989. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - ICH, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3633\\_23](https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3633_23)). Acesso em: 19 mar. 2024.

SILVA, F. C. T. D. MÁSCARA, MÁSCARAS: Pandemia e Homossexualidade na Novilingua do Bolsonarismo. **Cadernos do Tempo Presente**, v. 11, n. 01, p. 16–34, edição jan.-jun. 2020. DOI: 10.33662/ctp.v11i01.14133. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/14133>. Acesso em: 29 de ago de 2023.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **Ciência do Comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOFIATI, F. M. Perspectivas da laicidade no Brasil contemporâneo. **Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 327–350, jul.–dez. 2015. ISSN: 2236-532X.

SOFIELD, C. I. **A Bíblia Sagrada com referências e anotações de Dr. C. I. Scofield**. São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983.

TELLES, H. V. HISTÓRIA DIGITAL, SOCIOLOGIA DIGITAL E HUMANIDADES DIGITAIS: Algumas questões metodológicas. **Revista Observatório**, v. 3, n. 5, p. 74–101, 1 ago. 2017.

TORRES, J. C. de O. **Os Construtores do Império Ideais e Lutas do Partido Conservador Brasileiro**. [S.l.]: Câmara Brasília, 2017.

TRABUCO, Z. **À Direita de Deus, À Esquerda do Povo**: protestantismos, esquerdas e minorias (1974-1994). Salvador: Sagga, 2016.

WOOD, S. A.; WATT, D. H. (Orgs.). **Fundamentalism**: perspectives on a contested history. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 2014.